

**IUNIVERSIDADE NOVE DE JULHO - UNINOVE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGIDIO (ERTE):**  
**PARADIGMA FREIRIANO NA ALTERNÂNCIA**

REGIANE DE ALMEIDA JORDÃO

**SÃO PAULO**

**2012**

**REGIANE DE ALMEIDA JORDÃO**

**A ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGIDIO (ERTE):  
PARADIGMA FREIRIANO NA ALTERNÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - Uninove, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Professor Doutor Paolo Nosella – Orientador Acadêmico

**SÃO PAULO**

**2012**

Jordão, Regiane de Almeida.

A Escola Estadual Rural Taylor - Egídio (ERTE): paradigma freiriano na alternância / Regiane de Almeida Jordão. 2012  
191 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE,  
São Paulo, 2012.

Orientador (a): Paolo Nosella.

1. Pedagogia da Alternância. 2. Paulo Freire. 3. Práxis. 4. Crianças e Adolescentes Rurais. 5. Transformação Social.

I. Paolo Nosella. II. Título.

CDU 37

**A ESCOLA ESTADUAL TAYLOR-EGIDIO (ERTE):  
PARADIGMA FREIRIANO NA ALTERNÂNCIA**

Por

**REGIANE DE ALMEIDA JORDÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - Uninove, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora, formada por:

---

Presidente: Prof. Dr. Paolo Nosella – Orientador, Uninove.

---

Membro: Prof. Dr. Jason Ferreira Mafra - PPGE, Uninove.

---

Membro: Profa. Dra. Ariclê Vechia - PPGED, Universidade Tuiuti do Paraná.

---

Diretor: Prof. Dr. José Eustáquio Romão - PPGE, Uninove.

---

Mestranda: Regiane de Almeida Jordão - PPGE, Uninove.

**São Paulo, 21 de março de 2012.**

Aos meus filhos João e Murilo, minhas  
alegrias. Aos meus pais Antônio e Jerusa, pelo  
cuidado e carinho. Ao meu grande amor, marido  
e companheiro em todas as horas, Guido.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por mais uma conquista.

Aos meus abençoados pais, pela dedicação, amor e por me ensinar o valor de uma família.

Aos meus lindos filhos, que iluminam o meu dia, que me alegram e me conquistam com um simples olhar e um largo sorriso. Que me realizam como mãe e me fazem compreender o significado de amor incondicional.

Ao meu querido marido, pelo amor, incentivo, carinho, companheirismo e por caminhar ao meu lado.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação da Uninove, pelo significativo aprendizado.

A toda equipe da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), em especial, à diretora Sonilda, pelo acolhimento, recepção e contribuições para efetivação deste trabalho.

Às crianças e adolescentes da ERTE, que me comoveram com seu amor, com sua luta e que me tornaram mais humana.

Por fim, ao meu orientador Paolo Nosella, pela atenção, respeito e por direcionar meus passos da pesquisa à concretização do trabalho final.

Muito obrigada.

## RESUMO

Esta dissertação é um estudo de caso sobre a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), em Jaguaquara, no Estado da Bahia. Examina-se a influência do paradigma filosófico e pedagógico da teoria do conhecimento de Paulo Freire na prática educativa no modelo da Pedagogia da Alternância. A investigação parte da análise da experiência educativa na formação de crianças e adolescentes rurais, em cujo processo de alfabetização se aplica a proposta pedagógica focada na valorização cultural dos educandos campestres. Nesse sentido, apresentamos o Projeto Político-Pedagógico da ERTE (PPP) cujo eixo norteador é o cuidado com a terra e o campo, com forte viés na agricultura familiar. Notamos que a práxis dos educadores é um desafio, por isso a capacitação e o preparo são ferramentas indispensáveis para desempenhar a função de educador socializador. Observamos e analisamos as relações sociais dos atores envolvidos na proposta conforme suas representações. Utilizamos como metodologia o estudo de caso com técnicas inerentes a abordagem qualitativa por meio da observação participante, com coleta de dados, observação de campo, pesquisa bibliográfica e documental, análise de conteúdo e interpretação dos dados. Constatamos que as problemáticas surgem do precário apoio financeiro e do pouco envolvimento social para se promover uma educação significativa para as crianças e adolescentes da zona rural. Destacamos pontos positivos do trabalho educativo da ERTE, como a humanização na ação educativa, a integralidade do ser na formação, o engajamento dos educadores, a relação dialógica com o saber, a valorização da cultura campestre e o saber significativo com conteúdos e disciplinas que envolvem a situação de vida, o projeto profissional, familiar, sociocultural e pessoal dos alternantes. Ressaltamos a importância desse trabalho que se constitui no espaço/tempo de construção de conhecimento associada à atuação e transformação social do educando rural. Enfatizamos que é possível incorporar conceitos como cidadania, comprometimento, conscientização, libertação e transformação durante todo o processo formativo.

Palavras chaves: Pedagogia da Alternância – Paulo Freire – Práxis – Crianças e Adolescentes rurais – Transformação social – Educação no campo

## ABSTRACT

This dissertation is a case study about State Rural School Taylor-Egídio (ERTE), in Jaguaquara, city of Bahia State. Examines the presence of the paradigm philosophical and pedagogical of Paulo Freire knowledge theory in educational practice of the alternance model. Research start from the analysis of educational experience in the formation of rural children and adolescents, which literacy process applies a pedagogical focus on the students' cultural appreciation countryside. Accordingly, we present Political-Pedagogical Project (PPP), which guiding principle is the care of land and country, with a strong bias in family farming. We note that the practice of educators is a challenger, so the training and preparation are indispensable tools to perform the function of educator of socialization. We observe and analyze the social relationships of the actors involved in the proposal according to their representations. We used the methodology of case study with techniques inherent to qualitative approach by participant observation, with data acquisition, field observation, bibliographic and documents research, contents analyzes and data interpretation. We found that the problems arise from poor funding and little social involvement to promote a meaningful education for children and adolescents from rural areas. We highlight positive point of educative job of ERTE, how humanization in education action, completeness of being in training, the educators engagement, dialogical relationship with knowledge, the appreciation of culture country and significant knowledge with contents and class that involves the life situation, the professional, family, sociocultural and personal project of students. We emphasize the importance of ERTE's job which constitutes the space / time of construction of knowledge associated with work and social transformation of rural schooling. And we emphasize that it is possible to incorporate concepts such as citizenship, commitment, awareness, liberation and transformation throughout the formation process.

Keywords: Alternance Pedagogy – Paulo Freire – Praxis – Children and Adolescents rural areas – Social Transformation – Education in the country

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>10</b>
<b>SIGLAS E ABREVIACÕES.....</b>	<b>11</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>22</b>

### **CAPÍTULO I**

<b>HISTÓRIA E PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO.....</b>	<b>33</b>
Educação em Alternância.....	33
Educação em Freire.....	42
ERTE, sua trajetória histórica: da fundação à atualidade.....	47
Projeto Politico-Pedagógico e Regimento Escolar.....	53
Proposta educativa.....	58
Preparação dos docentes.....	71

### **CAPÍTULO II**

<b>AS REPRESENTAÇÕES DOS EDUCADORES E EDUCANDOS.....</b>	<b>76</b>
2.1. As representações.....	76
2.1.1. As treze professoras e os dois professores.....	78
2.1.2. A coordenadora.....	98
2.1.3. As duas professoras itinerantes.....	109
2.1.4. A diretora.....	116
2.1.5. Os quarenta e seis alunos.....	131

### **CAPÍTULO III**

<b>ANÁLISE E PROBLEMAS.....</b>	<b>142</b>
3.1. Professores e Alunos.....	142
3.2. O método pedagógico.....	149
3.3. Itinerância e Alternância.....	154
3.4. Assistencialismo: substituição da família.....	156

3.5. Participação e envolvimento da família e da comunidade.....	159
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>168</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>175</b>
ANEXO A – Matriz curricular anos iniciais.....	176
ANEXO B – Matriz curricular 6º ao 9º ano.....	177
ANEXO C – Calendário escolar 2011.....	178
ANEXO D – Calendário das alternâncias.....	181
ANEXO E – Planilha fornecimento de bens, materiais e serviços.....	182
ANEXO F – Hino da ERTE.....	183
ANEXO G – Diário de classe.....	184
ANEXO H – Depoimento Ex-aluno.....	185
ANEXO I – Programa de Formação Continuada dos docentes.....	185
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>187</b>
APÊNDICE A – Tabulação dos dados de análise.....	188

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escola Estadual Taylor-Egídio.....	47
Figura 2 – Momento de leitura em sala de aula.....	63
Figura 3 – Círculo de Cultura, prática em sala de aula.....	64
Figura 4 - Atividades Agrícolas na horta.....	65
Figura 5 – Atividade lúdica no Círculo de Cultura.....	65
Figura 6 – Atividade de análise e reescrita do texto.....	66
Figura 7 – Atividade na Biblioteca.....	67
Figura 8 – Cooperação dos alunos no intervalo para almoço.....	68
Figura 9 – Momento da refeição, vista geral do refeitório.....	68
Figura 10 – Momento Cívico.....	69
Figura 11 – Questão número 5, roteiro do questionário.....	143
Figura 12 – Questão número 5, roteiro do questionário.....	143
Figura 13 – Questão número 11, roteiro do questionário.....	145
Figura 14 – Questão número 3, roteiro do questionário.....	146
Figura 15 – Questão número 9, roteiro do questionário.....	146
Figura 16 – Questão número 8, roteiro do questionário.....	147
Figura 17 – Questão número 4, roteiro do questionário.....	149
Figura 18 – Questão número 2, roteiro do questionário.....	152
Figura 19 – Questão número 12, roteiro do questionário.....	153
Figura 20 – Sala adaptada para o corte de cabelo dos educandos.....	158

## SIGLAS E ABREVIACÕES

APAE	Associação de Pais e Alunos Excepcionais
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBB	Convenção Batista Baiana
CEB	Câmara de Educação Básica
CEDEJOR	Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural
CEFFAS	Centros Educativos Familiares de Formação por Alternância
CFR	Casa Familiar Rural
CNE	Conselho Nacional de Educação
CTE	Colégio Taylor-Egídio
DIREC	Diretoria Regional de Educação
DOEBEC	Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo
ECOR	Escola Comunitária Rural
EFA	Escola Família Agrícola
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPA	Escola Popular de Assentamento
ERTE	Escola Estadual Rural Taylor-Egídio
ETA	Escola Técnica Agrícola
FJC	Fundação José Carvalho
IDAC	Instituto de Ação Cultural
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
LDB	Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LICE	Linha Culturas e Educação
LIPRE	Linha Práticas Educacionais
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MEPES	Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo
MFR	Maisons Familiares Rurais
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROJOVEM	Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais
PROSUP	Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares

PROUNI Programa Universidade para Todos

RPNEC Referências para uma Política Nacional de Educação no Campo

SBOTE Sociedade Beneficente Orfanato Taylor-Egídio

SEC- BA Secretaria da Educação do Estado da Bahia

SEMEC Secretaria Municipal de Educação

SIMFR Solidariedade Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural

UESB Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UFBA Universidade Federal da Bahia

UNEFAB União Nacional de Escolas Famílias Agrícola do Brasil

UNESCO Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIBAN Universidade Bandeirante de São Paulo

UNINOVE Universidade Nove de Julho

## APRESENTAÇÃO

Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo (FREIRE, 1987, p.19).

Nesta apresentação, narro o que me estimulou a cursar o mestrado em educação e a trabalhar o tema desta pesquisa.

No primeiro momento, descrevo alguns fatos que influenciaram minha escolha profissional e de vida, bem como, os motivos para desbravar os caminhos em direção à licenciatura da Pedagogia.

### **1. Infância, quadro e giz: trajetória rumo à área educativa**

Desde meus seis anos de idade já apresentava interesse pela escola. Instituição que me despertava curiosidade e entusiasmo, principalmente, por saber que iria fazer parte deste mundo dos livros, cadernos, desenhos, brincadeiras, músicas e amigos.

Em casa, meu brinquedo favorito era o quadro negro e o giz. Meus irmãos eram os meus alunos. E logo que comecei a frequentar a pré-escola municipal, na cidade de Suzano, na Grande São Paulo, me encantei com as aulas da professora Cristina.

Na primeira série, fui alfabetizada com cartilha “Caminho Suave” da autora Branca Alves de Lima e minha professora Tomiko utilizava também como recurso o jornal. Era uma busca constante por palavras e letras soltas, não havia contextualização alguma, apenas cumpríamos às regras das lições de casa.

Não tive problemas de aprendizado, mas não me animava ver alguns colegas de classe serem expostos a situações constrangedoras por terem dificuldade em aprender os conteúdos das disciplinas durante a aula.

Recordo-me da professora dividir a sala de aula em três grupos, separando-nos por fileira nas carteiras, o grupo dos alunos bons, dos razoáveis e dos péssimos. Ela deixava nítida sua insatisfação com os alunos do último grupo e o meu maior medo era pertencer ao grupo rotulado como ruim. Desde então, nenhum aluno, inclusive eu, ousava responder qualquer pergunta em sala de aula. Portanto, erámos avaliados pelas lições de casa, ditados e provas.

Meus pais sempre estavam presentes nas reuniões escolares, principalmente, na minha vida, motivando e cobrando bons resultados e respeito ao professor.

Minha mãe Jerusa, pernambucana, segunda filha do total de doze, não chegou a concluir o ginásio, parou de estudar para ajudar a cuidar dos irmãos mais novos. Estava sempre disposta a me ajudar nas lições de casa e acompanhava toda a minha rotina escolar, dos meus cadernos ao boletim. Sua dedicação e garra para educar quatro filhos eram surpreendentes. Ela me motivou a não desistir de meus sonhos e afirmava que a educação escolar seria um grande diferencial para poder alcançar meus objetivos.

Meu pai Antônio, paulista, cursou e completou o terceiro ano do antigo segundo grau, começou a trabalhar aos doze anos de idade e aos vinte e um anos prestou concurso para o cargo de maquinista ferroviário federal, atuando na profissão até se aposentar. Sempre me ajudou muito em meus estudos, pois escreve bem e tem um ótimo raciocínio lógico.

Lembro-me da alegria dele ao comprar o material escolar e ao encapar todos os cadernos e livros didáticos, claro que, eu tinha o compromisso de ajuda-lo nesta tarefa. Foi assim que me ensinou a preservar e a manter organizado todo e qualquer material. Também acompanhava minhas notas e cobrava responsabilidade nos estudos, mais severo que minha mãe, não admitia notas baixas, pouco desempenho e, principalmente, se orgulhava muito de poder dar uma vida e uma educação melhor do que a que obteve para os filhos.

Conforme eu avançava as séries do ensino fundamental I, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Dr. Morato de Oliveira, outras professoras eu tive o privilégio de conhecer. Por exemplo, as professoras e irmãs Helenice e Maria Helena, cuja dedicação para alcançar êxito no processo de ensino e aprendizado marcou uma etapa da minha vida.

Porém, apesar dos conteúdos das disciplinas rigorosamente explicados aos alunos, me pergunto: o que ficou realmente registrado durante este processo, o que aprendi dos conteúdos dados durante esta fase escolar?

Garanto que algo de positivo e negativo ficaram registrados na minha mente, mas não posso garantir que os conteúdos das disciplinas foram apreendidos para toda a vida. Claro que, como educadora, o meu compromisso é de reaprender, ressignificar e refletir para desenvolver cada vez melhor na práxis.

Ao concluir a oitava série, tive um grande dilema, cursar o ensino médio regular ou optar pelo magistério, mas apesar de me identificar como professora, eu resolvi cursar o curso regular e me arrependi.

Eu queria mesmo é ser professora, então, comecei a ajudar outras crianças com problemas de aprendizado, especificamente na alfabetização. Utilizava os livros das próprias crianças e complementava com outros materiais, por exemplo, gibis, revistas, jornais e brinquedos.

Fiz do quintal de casa uma pequena sala de aula e utilizava o surrado quadro negro e o giz para explicar, e muitas vezes, segurava na mão de cada aluno para ajudá-lo a escrever, a desenhar as letras até que estas formassem palavras que tivessem significado em sua vida.

No início ajudei meus irmãos mais novos. Depois comecei ensinar os vizinhos e os amiguinhos dos vizinhos. Sentia-me bem em poder colaborar com o progresso escolar dessas crianças, mas eu buscava e precisava obter conhecimentos teóricos e práticos para desempenhar melhor a minha prática. Por isso, a Licenciatura em Pedagogia me proporcionaria esses conhecimentos para lecionar.

Quando completei dezesseis anos, arrumei meu primeiro emprego na escola de informática Bit Company, unindo o trabalho aos estudos. Mas, infelizmente, tive que

interromper as aulas de alfabetização e reforço, acompanhando meus alunos até o final do ano letivo.

Trabalhei na escola até completar dezenove anos e neste período cursei informática e inglês. Ainda não tinha recurso para pagar a sonhada faculdade, pois precisava contribuir nas finanças de casa. Nessa época, meu pai perdera seu emprego com a privatização da ferrovia e estava prestes a se aposentar. Foram anos difíceis, mas superados.

Meu desejo de crescer profissionalmente me motivou a adquirir uma escola de cursos livres. Depois de muita conversa e negociação, consegui comprar uma escola de idiomas sem ter um centavo no bolso, apenas com a promessa do meu trabalho para pagar as duras prestações.

Então, com esta oportunidade, fui trabalhar no interior de São Paulo, na cidade de Botucatu, como proprietária franqueada e, aos vinte e um anos, me tornei a mais nova franqueada da rede. Assumindo como função a coordenação e, concomitantemente, a gestão da escola.

Foram cinco anos de trabalho árduo e dedicação integral para cumprir o contrato e quitar o saldo devedor, mas meu casamento estava de mal a pior, então me separei. Após a separação, resolvi me afastar da gestão escolar até a resolução da venda da unidade, pois não tinha como viver num ambiente hostil, com brigas constantes e ameaças.

Então, como não conseguíamos entrar em acordo, transferei a unidade para a família dele e voltei para casa dos meus pais em Suzano.

Sem emprego e sem dinheiro, mas pronta pra recomeçar. E como prioridade a Licenciatura em Pedagogia.

Fiz a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e consegui pontuação para uma bolsa de estudos no Programa Universidade para Todos (PROUNI). Iniciando, em março de 2006, o curso de Pedagogia na Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN).

Durante o período da faculdade, fiz alguns estágios em escolas municipais e trabalhei na universidade como monitora da disciplina de “História da Educação”. Concluindo, satisfatoriamente, o meu almejado curso no ano de 2008.

E com muita alegria me casei, pela segunda vez, e como diz o ditado “o primeiro amor nunca se esquece”, no meu caso foi verdadeiro, pois reencontrei o meu primeiro amor, alguém que esteve ao meu lado durante toda a minha infância e adolescência. Depois de quase dez anos sem notícias, os nossos destinos se cruzaram e a nossa união foi abençoada com dois lindos filhos o João e o Murilo.

Com meus filhos aprendo a cada dia. Ser mãe é uma tarefa difícil e gratificante. Tenho consciência do meu compromisso de educá-los para o mundo, para ser e atuar no mundo com ética, responsabilidade, autonomia e respeito ao outro.

Meu marido Guido é engenheiro eletricista e professor universitário, sei que posso contar com seu apoio e compreensão, por isso sigo com meus novos desafios.

Minha busca por conhecimento e aperfeiçoamento não cessou com a Pedagogia. O meu próximo passo seria cursar Mestrado em Educação.

O desejo de contribuir para uma educação de qualidade, libertadora e democrática aumentou ainda mais, principalmente, para que meus filhos possam usufruir e propagar esta educação, este modelo de vida.

## **2. Mestrado: meu novo desafio**

Após concluir a Licenciatura em Pedagogia, já tinha em mente cursar uma pós-graduação, então o meu novo desafio seria o Mestrado na área de Educação.

O principal motivo: o desejo de me tornar professora universitária para contribuir na formação de educadoras e educadores, com o sonho de uma possível transformação no processo educativo.

Para começar, qual universidade escolher para cursar uma pós-graduação stricto-sensu? Então, meu marido soube do processo seletivo de Mestrado da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), totalmente gratuito, com excelente conceito e

recomendado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A partir daí, pesquisei no site da Uninove todas as linhas de pesquisa e me identifiquei com a (LICE) Linha Culturas e Educação, que atualmente, pertence à (LIPRE) Linha Práticas Educacionais. Fiz minha inscrição em janeiro de 2010 e comecei a desenvolver o meu pré-projeto de pesquisa com o título “Paradigma Freiriano da Educação na Infância”.

Na primeira fase, realizei a prova dissertativa e para minha alegria o meu nome estava na lista dos aprovados.

Na segunda fase, participei da entrevista com a banca composta por três professores doutores, a saber: Professor Doutor e Coordenador do programa José Eustáquio Romão, Professor Dr. Jason Ferreira Mafra e o Professor Dr. José Luis de Almeida. Foi um momento de muita ansiedade e preocupação, mas consegui apresentar os propósitos do meu estudo.

Em março, do mesmo ano, realizei minha matrícula no programa e comecei a cursar as disciplinas. E para completar a minha imensa alegria, me inscrevi no Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP) para avaliação do meu projeto de pesquisa e, privilegiadamente, me concederam uma bolsa remunerada da CAPES.

### **3. A pesquisa: escolha do tema**

Em meus estágios, numa escola municipal de Osasco, pude notar o caráter assistencialista na educação de crianças e esta experiência me fez refletir numa possível mudança no modelo educativo e no processo de alfabetização infantil.

Infelizmente, como estagiária não tive espaço para contribuir com as ações educativas da sala de aula, minha presença incomodava algumas professoras, por isso pude atuar, apenas, como observadora do processo.

A observação me fez aprender, repensar á prática e a optar por uma teoria do conhecimento, por um modelo educativo que pudesse transformar este contexto.

Então, no final de 2006, tive o privilégio de ensinar e aprender com o Pedro, uma criança de oito anos com dificuldades no processo de aquisição da lecto-escrita.

Pedro era rotulado na escola de incapaz, de introvertido e disperso. Ele não se interessava pelas aulas, por isso a professora pediu á sua mãe para procurar por reforço particular, justificando que, não tinha como ajudá-lo nas tarefas de classe, pois havia outras trinta crianças para ensinar e o atendimento individual era uma tarefa complicada em sala de aula. Sugeriu, até mesmo, que o matriculasse na Associação de Pais e Alunos Excepcionais (APAE).

A mãe de Pedro, uma manicure que trabalhava de domingo a domingo, tinha pouco tempo para acompanhar os estudos do filho, mas se preocupava em promover uma boa educação, além de toda a responsabilidade de sustentar o lar.

Contou-me da dificuldade do filho caçula e marcamos para eu conhecê-lo numa das minhas visitas ao salão de beleza. Simpatizamos-nos a primeira vista. A partir deste momento, Pedro passou a ser o meu aluno particular.

Muito tímido, trouxe seus livros e cadernos para as atividades de reforço na minha casa, e aos poucos, trazia tudo que achava interessante para aprender.

Pedro cursava o segundo ano do Ensino Fundamental I, numa escola municipal da cidade de Taboão da Serra, tinha dificuldade para segurar o lápis e fazia apenas garatujas no papel, círculos e rabiscos para escrever sua representação das palavras.

Diferente da minha primeira experiência com aulas particulares, pois agora conhecia os fundamentos freirianos, devido ao curso de Pedagogia e minhas leituras. Observei que Pedro trazia a sua própria leitura de mundo e o seu universo vocabular.

Algo que o motivava a aprender e despertava curiosidade era a música, por isso iniciei o processo de alfabetização utilizando como método as palavras geradoras do seu contexto.

Ele gostava de cantar samba e pagode, isto fazia parte de seu contexto familiar. E muitas vezes, imitava sua mãe, brincando de fazer unhas. Era sua maneira de chamar à atenção da mãe, que por vezes, o levava para a casa das clientes para ficar mais próxima dele.

Partindo de sua realidade e com as palavras geradoras do seu universo vocabular, aos poucos, novas palavras foram sendo construídas e contextualizadas. O cantar e o brincar com palavras apreendidas estimulava ainda mais sua criatividade.

O que mais me marcou neste processo de construção do conhecimento foi quando Pedro conseguiu escrever e ler pela primeira vez o seu nome, algo que para ele parecia muito difícil. Sua felicidade era nítida e, desde então, não parou mais, lia tudo que encontrava.

Da sua leitura do mundo se construiu a leitura da palavra. Pude confirmar isto, nessa experiência, e foi assim que, os fundamentos de Paulo Freire orientaram a minha prática. Logo, exploramos outros temas, até eu perceber que o Pedro já estava seguro para continuar seus estudos sem o reforço particular.

Devido a este acontecimento, minha curiosidade aguçou, por isso para mim era importante pesquisar, em profundidade, o modelo pedagógico freiriano. Modelo que não oprimi ou exclui o educando do processo, que tem como finalidade conscientizar, libertar, transformar e superar a realidade. Então, pesquisar uma escola que trabalhasse, desde sua gestão até sua práxis em sala de aula, embasada nos princípios freirianos de educação era o meu objetivo.

Acreditando que esta educação é possível e já com o meu tema definido, meu primeiro orientador o Professor Doutor Jason Mafrá direcionou minha pesquisa para a Escola Estadual Rural Taylor Egídio (ERTE) em Jaguaquara- Bahia, por se tratar de uma escola baseada nos fundamentos freirianos associado ao modelo da pedagogia da alternância. Então, acrescentei ao meu tema a alternância.

Foi assim que, a pedagogia da alternância passou a fazer parte dos meus estudos e da minha pesquisa. E me apaixonei por esta temática, pois é um modelo que representa uma alternativa educativa para construção do conhecimento e desenvolvimento das

peças e de seu meio. Possuindo relevante valor social, por tratar de questões como cidadania, valores humanos, inserção social e profissional.

Com a colaboração do meu atual orientador Professor Doutor Paolo Nosella, especialista na área da alternância, pude ampliar meus conhecimentos. Com sua sabedoria e competência me orientou durante toda a construção deste trabalho. Fizemos as alterações pertinentes e definimos o título desta dissertação.

Então, em fevereiro de 2011, grávida de sete meses do meu segundo filho, fui até a Bahia para realização da pesquisa de campo na escola rural de alternância.

Enfim, concluo minha apresentação com muitas expectativas. E uma delas é de expor, com propriedade, nas próximas páginas, o resultado desta significativa e inesquecível experiência na ERTE.

## INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem se dá desde o nascimento, aprendemos na vida do dia a dia, no convívio familiar, na sociedade, por imitações, ações, problematizações, reflexões, ou seja, na relação de si para com os outros. Aprendemos pelo fato de pertencermos a um contexto histórico-social-cultural.

Segundo Gimonet (2007), o sentido da aprendizagem em alternância se encontra na vida, na singularidade, num dado momento particular. Por estarmos inseridos num contexto físico e humano, que nos modela, estamos impregnados e programados pela história.

Partindo dessa premissa, qual o sentido da ação pedagógica e educativa para formação do indivíduo com suas singularidades, contradições, experiências, expectativas e pertencentes de seu próprio mundo?

Pesquisar algo que venha a contribuir para reflexão da práxis pedagógica e investigar as especificidades da modalidade da pedagogia da alternância regida pelos postulados freirianos implica buscar e construir um sentido para ação educativa.

Nesta perspectiva, de uma educação que se constitua como processo de construção histórica e política, esta dissertação desenvolve um estudo sobre a experiência educativa na prática alternante voltada às crianças e adolescentes do campo.

O ponto inicial da pesquisa é examinar, a partir de um estudo de caso, a presença do paradigma filosófico e pedagógico da teoria do conhecimento de Paulo Freire na prática educativa, para crianças e adolescentes rurais, no modelo da Pedagogia da Alternância, cujo pensamento crítico e libertador tem como base o diálogo como processo de conscientização e formação social numa perspectiva de educação libertadora.

Sabe-se que sua proposta educacional está fortemente voltada para alfabetização de adultos, mas em certos casos, seus princípios pedagógicos são aplicados também no processo educativo de crianças, apesar de não constar uma obra de Freire,

especificamente, sobre uma pedagogia da infância.

As aplicações de suas ideias ocorrem também na educação e alfabetização de crianças, como é o caso da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) que aplica os princípios freirianos à modalidade pedagógica da alternância.

Deste modo, o desenvolvimento desta pesquisa justifica a importância do estudo na escola de alternância associada à proposta freiriana por investigar um modelo representativo de instituição educativa como alternativa na rede oficial, por contribuir para a visibilidade da pedagogia de alternância, por estarmos no momento de ressignificação da escola rural, no conflito do sistema-mundo, por ser um momento de retomada da temática de alternância e por evidenciar uma escola que renova os pressupostos de Paulo Freire e dá significado a vida de crianças e adolescentes da zona rural.

O objeto de investigação parte da análise da experiência da educação na infância e adolescência, bem como, os processos de alfabetização dos alunos do Ensino Fundamental I e II da Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), em cujo espaço, declaradamente, se aplica a proposta freiriana.

Essa escola, que será estudada *in loco* está situada na Rua Aloísio de Castro, bairro Muritiba, no município de Jaguaquara, Bahia. A pesquisa terá como universo o trabalho desenvolvido nessa unidade educacional nos últimos cinco anos.

No contexto de educação freiriana, a referida escola desenvolve o seu projeto-político-pedagógico na modalidade da pedagogia da alternância, proposta que, em termos bem simples, mescla períodos de internato na escola e outros em casa, sendo que, neste processo, o aluno se torna o sujeito da aprendizagem ao articular sua formação a um conjunto de colaboradores: professores, família, comunidade, associações, entre outros.

A problemática que norteia esta pesquisa surge da seguinte questão: Como a proposta filosófica e pedagógica freiriana atua na pedagogia da alternância da ERTE?

A hipótese central deste trabalho, no contexto da escola aqui estudada, é que o paradigma freiriano, associado aos princípios e a prática da pedagogia da alternância, não apenas tornou-se referência na educação do Ciclo I e II daquela unidade escolar, mas influenciou decisivamente na organização de um projeto escolar e de uma prática

educativa transformadora. E essa hipótese-mestra levanta indícios de outras afirmações:

1. Os princípios freirianos contribuem, em grande medida, para fundamentar a prática da alternância naquela unidade escolar.
2. A organização do trabalho pedagógico distingue-se por uma sistemática de leitura e formação dos educadores.
3. O sentido educacional construído na Unidade Escolar não se limita às disciplinas e conteúdos escolares, mas estende-se a todas as dimensões da escola e para além dela.
4. O diálogo e envolvimento entre escola e seu entorno não se limita a ações pontuais, mas, ocorrendo de forma sistemática, produz laços de pertencimento e sentidos de comunidade.

Este modelo da alternância, que tem como eixo norteador desencadear as atividades didáticas entre escola e campo, há possibilidades de transformar as famílias em parceiras das ações educativas da escola e a escola parceira dos interesses gerais das famílias.

O referencial teórico utilizado no trabalho estrutura-se a partir de categorias constitutivas do pensamento e da práxis filosófica e pedagógica de Paulo Freire. Entre elas, situam-se: oprimido, diálogo, conscientização, leitura de mundo, esperança. Somam-se a essas categorias, princípios e fundamentos da pedagogia da alternância.

Para fundamentá-lo, relaciono este referencial teórico ao materialismo dialético marxista, pois a característica central do conceito de opressão na teoria freiriana se caracteriza na luta por conscientização, superação e transformação da realidade, que coincide com a visão marxista de que a consciência do contexto social e histórico onde se está inserido é o primeiro passo na luta contra a opressão em busca da transformação social.

Análogo ao marxismo, a teoria freiriana do conhecimento, se alicerça na visão de um sujeito histórico-social que cria os meios de produção material e constrói novas ideias. Ao inserir-se de forma crítica e atuante na vida social e política esse sujeito poderá lutar para modificar seu contexto sócio histórico.

Com base no materialismo e na dialética, Freire (2009) explica a realidade opressora como um produto da ação humana que se volta sobre os homens e as mulheres e os condiciona. Sendo tarefa histórica dos homens e mulheres modificar e lutar por sua libertação e humanização.

No método dialético, a vida condiciona a consciência humana, isto é as leis do pensamento correspondem às leis da realidade. A realidade determina o tipo de homem e mulher para a produção material. E se esta realidade é determinada pelos fatores econômicos, logo, quem detém o poder econômico controla os meios de produção, a força de trabalho humano e influencia no modo de pensar. É indispensável, portanto, compreender a realidade histórica em suas contradições para tentar superá-las dialeticamente.

A proposta freiriana tem como eixo norteador o fator humano e o seu propósito é contextualizar o homem e a mulher nos seus aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais, percebendo-os como sujeito transformador da realidade.

Partindo desta contextualização da realidade, a educação, na perspectiva da pedagogia da alternância, tem como pretensão ser uma alternativa ao ensino tradicional por possuir uma gestão e um projeto político-pedagógico que sistematiza, contextualiza e problematiza a experiência humana durante o processo educativo, apresentando aspectos comuns com o pensamento filosófico e pedagógico de Paulo Freire.

Do ponto de vista metodológico, procedemos com o estudo de caso com técnicas inerentes a abordagem qualitativa por meio da observação participante, com coleta de dados, observação de campo, pesquisa bibliográfica e documental, análise de conteúdo e interpretação dos dados.

A observação de campo foi realizada na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE), no município de Jaguaquara, Bahia, de cunho freiriana nos moldes da pedagogia da alternância, concomitantemente, com a coleta dos dados, para garantir um resultado confiável. Foi necessário à observação do processo educativo de alfabetização na sala de aula.

Para a coleta dos dados de análise, os instrumentos de coleta das informações foram: questionário, entrevista e depoimentos escritos.

Elaboramos um questionário com doze questões abertas com conteúdo direcionado para quinze educadores do Ensino Fundamental I e II. Realizamos entrevistas semiestruturadas, para a entrevista com a diretora e a coordenadora pedagógica agendamos individualmente, para as duas professoras itinerantes a entrevista foi em conjunto e realizada logo após a visita itinerante na roça. Coletamos e selecionamos quarenta e seis produções textuais com depoimentos dos alunos do primeiro grupo alternante.

O objetivo da coleta de dados foi analisar o trabalho educativo, incluindo, o processo de alfabetização na infância e adolescência, de acordo com as explicações da equipe da ERTE sobre Paulo Freire e a alternância, para assim, identificar os resultados, os avanços e as dificuldades desse processo.

Pela averiguação dos recursos e materiais didáticos, utilizados no Ensino Fundamental I e II, foram feitas as análises em relação à adequação a realidade e as necessidades educativas dos educandos rurais.

Como procedimentos de registros, anotamos os fatos e as informações relevantes ao estudo, também por filmagem e fotografia agregando informações na coleta de dados, propiciando uma interpretação adequada dos resultados. A filmagem serviu de suporte no momento de descrição das atividades em sala de aula e as fotos ilustraram estes momentos.

Na pesquisa documental analisamos o Projeto Político-Pedagógico (PPP), o Regimento Escolar, o Plano de Ação do Compromisso de Gestão da Qualidade em Educação da ERTE, as Referências Para Uma Política Nacional de Educação do Campo: Caderno de Subsídios (RPNEC-2004), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs – 1997), as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo Parecer CNE/CEB nº 36/2001 e CNE/CEB nº 1/2006.

Na pesquisa bibliográfica estudamos as obras de Paulo Freire e de autores que abordam a temática da alternância para ampliar o conceito de educação rural para crianças e adolescentes campestres enquanto formação linguística e social, bem como, analisamos teses, dissertações, artigos sobre Paulo Freire e sobre Pedagogia da Alternância, cujas experiências foram aplicadas no processo educativo.

Na revisão de literatura, constam os estudos de autores que abordam a temática sobre Freire e a infância e sobre a pedagogia da alternância.

Adilson de Angelo (2006) contribui com sua tese: **A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância**, Universidade de Porto, Portugal, por apresentar algumas discussões sobre as possibilidades da educação de infância se constituir como espaço de humanização de suas crianças.

Paolo Nosella (2007) agrega com sua dissertação: **Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das escolas da família agrícola do movimento educacional e promocional do Espírito Santo**, PUC - São Paulo, ao analisar as experiências de escolas rurais com a proposta de Pedagogia de Alternância.

Elydio dos Santos Neto e Marta Silva (2005) no V Colóquio Internacional Paulo Freire, Recife: **Por uma pedagogia da infância oprimida: um encontro entre Paulo Freire e Giorgio Agamben**, aproxima os conceitos de inacabamento de Paulo Freire e infância de Agamben, no intuito de contribuir para a construção de uma Pedagogia da Infância Oprimida. Defende uma Pedagogia da infância que favoreça a relação libertadora com o conhecimento e a construção de outra sociedade, mais justa, mais acolhedora e mais feliz.

Sonilda Sampaio Santos Pereira (2005), em sua dissertação de mestrado: **Relações educacionais entre famílias rurais e escola: um estudo na escola estadual rural Taylor Egídio em Jaguaquara – Bahia**, Universidade Católica do Salvador, Bahia, destaca o caráter social de uma educação para crianças e adolescentes do campo. Contribuindo com seu estudo por tratar da experiência de interação entre famílias rurais, escola e o processo educacional no modelo da pedagogia da alternância.

Jean-Claude Gimonet, em seu livro: **Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs (Centros Educativos Familiares de Formação por Alternância)**. Tradução de Thierry de Burghgraveed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. Apresenta de forma clara e objetiva que se deve romper com os paradigmas da educação tradicional para praticar e compreender, sob a ótica da complexidade, o modelo educativo da Pedagogia da Alternância dos CEFFAs. É um ótimo livro de prática e reflexão para quem atua nas instituições de formação em alternância como

atores formadores (administradores, gestores, diretores, professores, pais e monitores), bem como, para os profissionais e pesquisadores da área educativa que tem interesse pela temática em questão. Na obra, expõe as definições e explicações, fundamentadas em Piaget, Morin e outros pensadores que influenciaram esta corrente pedagógica. Modalidade que está em evidência na esfera educacional de vários países, inclusive no Brasil, pois as propostas da Pedagogia da Alternância apresentam aspectos comuns com o pensamento filosófico e pedagógico de Paulo Freire.

O corpo da dissertação está organizado da seguinte maneira:

O capítulo I denominado de “História e Projeto-Político-Pedagógico” divide-se em cinco tópicos, a saber:

#### 1.1 Educação em alternância.

Com o objetivo de situar o leitor no contexto da alternância, apresentamos a história da pedagogia em alternância, sua origem e expansão. Abordamos os conceitos e fundamentos para melhor compreensão da temática.

#### 1.2. Educação em Freire.

Mostramos uma síntese da trajetória de Paulo Freire, destacando suas contribuições filosóficas e pedagógicas para a educação popular.

#### 1.3. ERTE, sua trajetória histórica: da fundação á atualidade.

Descrevemos a origem da escola, os motivos de sua criação á concretização e aplicação da ideia até a atualidade.

#### 1.4. Projeto-Politico-Pedagógico (PPP) e Regimento Escolar.

Apresentamos a organização e aplicação do PPP e o Regimento Escolar da ERTE. Mostramos como são aplicados nos moldes da alternância os fundamentos freirianos para a construção de uma práxis educativa transformadora.

### 1.5. Proposta educativa.

Apresentamos as finalidades da proposta de alfabetização da escola alternante e suas funcionalidades, bem como, o trabalho lúdico no processo de ensino e aprendizagem e os procedimentos aplicados para a aquisição da lecto-escrita nas práticas pedagógicas para as crianças e adolescentes campestres frente à realidade e necessidades do campo.

### 1.6. Preparação do docente

Abordamos os procedimentos para o preparo da equipe docente para exercer sua práxis no modelo de alternância fundamentado em Freire.

O capítulo II denominado de “As representações dos educadores e educandos”, temos o tópico: 2.1. As representações.

Ao transcrever os depoimentos, pretendemos mostrar neste capítulo, qual o significado do projeto da ERTE para os integrantes da escola rural. As respectivas representações expressam como é estabelecida a relação entre os postulados freirianos e a pedagogia da alternância. O público alvo da pesquisa de campo divide-se em:

#### 2.1.1 As treze professoras e os dois professores

Elaboramos um questionário com dezesseis questões abertas, sendo que, quinze professores responderam o roteiro de pesquisa. Dos vinte e cinco docentes, apenas quinze estavam presentes no momento de entrega e recolha do questionário, devido a curso ou férias. Deste modo, a participação foi de 100% do grupo docente. O questionário foi distribuído na reunião pedagógica, com a participação da diretora e da pesquisadora que expôs os objetivos desta pesquisa. Agendamos a entrega para o dia seguinte em mãos da coordenadora pedagógica.

#### 2.1.2 A coordenadora

Realizamos uma entrevista semiestruturada para coordenadora pedagógica da unidade e para o procedimento formulamos vinte e cinco questões. A entrevista foi individual, agendada e registrada pelo gravador. O objetivo foi analisar o trabalho

educativo, como um todo, desenvolvido na unidade, a teoria e metodologia aplicada à práxis norteada pelas diretrizes educativas da alternância regida pelos princípios filosóficos e pedagógicos freirianos.

#### 2.1.3 As duas professoras itinerantes

Realizamos uma entrevista semiestruturada com treze questões para as duas professoras itinerantes da escola logo após retornarem da visita diária na zona rural. A entrevista foi em conjunto, sem prévio agendamento e registrada pelo gravador. No intuito de conhecer e compreender as especificidades do trabalho educativo itinerante e o seu significado na alternância da escola.

#### 2.1.4 A diretora

Realizamos uma entrevista semiestruturada para a diretora fundadora e gestora da unidade escolar e para o procedimento formulamos vinte e três questões. A entrevista foi individual e agendada, utilizamos o gravador e a filmadora para registrar os depoimentos. O objetivo foi analisar e comparar semelhanças e diferenças entre os depoimentos dos demais participantes da pesquisa, assim como, averiguar se teoria e prática são efetivamente aplicadas segundo os propósitos da proposta da ERTE.

#### 2.1.5 Os quarenta e seis alunos

Pedimos aos alunos do primeiro grupo alternante uma produção textual com o tema: O que você gosta na ERTE? Como critério de seleção, selecionamos uma amostra de quarenta e seis depoimentos, o que equivale a 20% do total da coleta. Os depoimentos possuíam respostas similares e alguns educandos fizeram desenhos sobre a escola, por isso decidimos apresentar e analisar quarenta e seis produções. Este critério não significa redução ou exclusão de dados, pois fizemos uma seleção cuidadosa e criteriosa para que essa amostra expressasse a ideia em comum de todos os educandos do primeiro grupo.

O Capítulo III intitulado de “Análise e Problemas” constitui na tentativa de analisar o conjunto de depoimentos e os problemas encontrados pela experiência de campo. Na sequência são apresentados os tópicos:

### 3.1 Professores e alunos

Analizamos os depoimentos dos educadores e estabelecemos as relações com as informações coletadas na pesquisa, destacando os pontos positivos e negativos para exercer a função.

### 3.2 Método pedagógico

Analizamos a metodologia aplicada e confrontamos os depoimentos da equipe docente, da coordenadora e diretora. Discutimos a questão da alternância, da avaliação e os objetivos propostos de educação integral.

### 3.3 Itinerância e Alternância

Abordamos as preocupações das educadoras itinerantes, da gestora e da coordenadora para manter a Itinerância na proposta educativa e discutimos os objetivos, os problemas e a sua importância para a alternância da escola.

### 3.4 Assistencialismo: substituição da família

Abordamos o assistencialismo atrelado à educação de crianças e adolescentes e quais as consequências dessa associação para a ERTE, que possui características de escola assistencial e promove ações educativas para a inserção, transformação social e por uma educação significativa para o campestre.

### 3.5 Participação e envolvimento da família e da comunidade

Discutimos sobre a pouca efetividade na participação e envolvimento da comunidade e da família na proposta da escola. Constatamos que não há ainda uma mobilização social pela causa, apenas um apoio à causa como fornecedores de recursos para o funcionamento da escola, como voluntariados e como dependentes do acolhimento e da moradia escolar para os filhos.

Nas considerações finais, veremos se a hipótese central e demais afirmações que norteiam este trabalho foram confirmadas, isto é, se realmente, o paradigma freiriano, associado aos princípios e a prática da pedagogia da alternância se tornou referência na educação de crianças e adolescentes campestres na ERTE e se, o mesmo, impactou nas decisões e na organização de um projeto escolar e de uma prática educativa transformadora.

## **CAPÍTULO I – HISTÓRIA E PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO**

O objetivo deste Capítulo é situar o leitor, no primeiro momento, na história da pedagogia da alternância para contextualizar a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) como instituição integrante desse processo histórico.

Elaboramos uma síntese da trajetória de Paulo Freire destacando suas contribuições filosóficas e pedagógicas para a educação popular.

Apresentamos as singularidades da proposta da ERTE considerando o Projeto Político-Pedagógico, o Regimento Escolar e a proposta de alfabetização atrelada à prática educativa transformadora, bem como, o preparo do docente para a práxis freiriana na alternância.

### **1.1. Educação em Alternância**

Um breve panorama histórico da educação em alternância serve de base para compreendermos os propósitos desse modelo pedagógico.

Segundo Garcia e Calvó (2010), a Alternância surge de reflexões e debates no meio camponês francês devido ao número de jovens agricultores sem formação profissional no ano de 1932.

Costa (1998) afirma que, o início da criação não foi espontâneo, as discussões já emergiam nas décadas de 10 e 20. A preocupação com o desenvolvimento da agricultura que exigia jovens com sólida formação agrícola e a falta de escolas para atender a demanda na região contribuiu para o movimento da alternância.

Com forte influencia do Padre Abbé Granereau que em:

[...] 1930 deixou voluntariamente uma grande paróquia urbana para se instalar na pequena paróquia rural de Sérignac-Péboudou. Exatamente aqui, após muitas dificuldades, no dia 21 de novembro de 1935, quatro alunos se apresentaram à casa paroquial. O Abbé Granereau mostra-lhes a Igreja, o presbitério, a casa paroquial, sublinhando que tudo aquilo tinha um aspecto

de ruína e acrescentava: “tudo isto é símbolo de mundo rural... se quiserem começaremos algo que mudará tudo” (NOSELLA, 2007, p. 19).

Dando início a primeira *Maisons Familiales Rurais* (MFR ou Casas Familiares Rurais), amparada pela Lei de Aprendizagem de 1929. Esta Lei dava aos pais o direito de formar seus filhos em sua residência agrícola utilizando como recurso teórico as aulas dos cursos por correspondência.

Pioneiros como Peytrat, Granereau e Couvreur, juntamente com os pais e o sindicato, analisaram a realidade camponesa e definiram as primeiras diretrizes básicas do plano de formação em alternância. Que se estabeleceu em três aspectos: técnico, geral e humano. Enfatizando também a formação cristã como necessária para formar a personalidade, pois almejavam formar pessoas integras e responsáveis para enfrentar a vida.

Durante o ano de 36, eram quatro alunos que recebiam os ensinamentos agrícolas voltados para a realidade local. Em 37, para reunir os jovens espalhados por região o sacerdote rural Granereau organizou pequenos grupos em rodizio, alternando a permanência em tempo integral dos alunos, uns dias na paróquia e outros na propriedade agrícola.

Como monitor das tarefas orientava a formação técnico-agrícola, geral, humana e cristã. Para orientação técnico-agrícola, Granereau apoiava-se nas aulas teóricas dos cursos por correspondência da Escola Superior de Agricultura de Purpan (Toulouse), que concedia aos jovens concluintes o Certificado de Aprendizagem Rural.

Em seguida, foi preciso a contratação de um técnico em agricultura, mas prevaleceu o programa do curso por correspondência até o ano de 1943.

Ainda no ano de 1937, em Lauzun, com iniciativa da cooperativa de pais, promoveu-se um plano financeiro para a criação da primeira MFR como órgão autônomo, esta foi sediada no antigo prédio da Prefeitura, adaptado para internato.

Nosella (2007) expõe que, a alternância tinha um ritmo de três semanas em casa e uma semana na escola paroquial. E após dois anos já atendiam três series: 1º ano, 2º ano

e 3º ano. Esse ritmo atendia as necessidades do meio, do Conselho de Pais, da equipe de monitores, dos alunos e da legislação.

Por isso, a relação com os sindicatos rurais, com o movimento da Ação Católica Francesa e Juventude Agrícola Católica fez da MFR uma escola parceira do desenvolvimento socioeconômico local.

Em 1942, surgiu a primeira Escola de Monitores. Neste mesmo ano, criou-se também a União Nacional das MFR que reunia cinco escolas. E em 45, já havia 80 MRF na França.

Com o surgimento de algumas crises administrativas e ideológicas no seio da União Nacional houve o afastamento de Granereau do Movimento, Nosella (2007) explica que, isso ocorreu devido à má administração, a falta de relacionamentos políticos e a divergência doutrinária. A saída de Granereau do movimento marcou uma nova fase da MFR.

De 1945 a 1960, houve o período de expansão de 30 para 500 MFR. Devido a grande expansão foi necessário uma reorganização. Então, o presidente da nova União Nacional Nové-Josserand estabeleceu as seguintes condições para manter uma identidade comum:

Cada MFR depende de uma Associação de famílias, que é a responsável em todos os pontos de vista. A formação se realiza por alternância de estadias entre a Escola e a propriedade com uma frequência variável segundo cada região. Os jovens se agruparão em pequenos grupos, fixando-se em 12 o mínimo para a viabilidade da formação. As famílias podem recorrer a um sacerdote católico ou a um pastor protestante para a educação dos jovens cujos pais queiram assegurar uma formação religiosa de seus filhos. Em nenhum caso o ministro de culto pode ser o Diretor da MFR (GARCIA e CALVÓ, 2010, p. 43).

Em 1945, se colocou em prática a pedagogia das MFR. E em 1946, já se falava, seguramente, em pedagogia de alternância.

Para Nosella (2007), essas medidas criaram as bases institucionais, possibilitando a expansão do modelo educacional em alternância. Foi uma fase de fortalecimento da experiência que alavancou mais estudos e pesquisas.

Nesse período, o educador André Duffare elaborou o instrumento pedagógico conhecido como “Plano de Estudo”. A experiência com o plano de estudo ou guia de pesquisa e experimentação gerou os “Cadernos da Realidade”. Este se tornou o instrumento básico da pedagogia da alternância, no intuito de garantir a aplicação da metodologia.

[...] a razão de ser do Caderno da Realidade como primeiro livro a ser construído. Um livro de vida, rico em si mesmo de informações, análises e aprendizagens variadas. (...) ao qual vão se articular, em seguida, os livros acadêmicos para enriquecê-lo e construir o grande livro dos saberes a serem aperfeiçoados e das aprendizagens a serem feitas no presente de um percurso para o futuro (GARCIA e CALVÓ, 2010, p. 32).

De acordo com Moreira (2000), devido à expansão e o fortalecimento metodológico, era preciso aprofundar a formação dos monitores. Por isso, foram criados os Cursos de Formação Pedagógica e os Centros de Especialização Pedagógica. E desde o ano de 65, os Centros ficaram responsáveis por realizar pesquisas e trabalhos sobre a pedagogia da alternância.

Os instrumentos e recursos pedagógicos para o desenvolvimento do processo de aprendizagem das MFR, de modo geral, são:

- a) O plano de estudo: um questionário elaborado pelo aluno, com tema previamente escolhido que, condizente com a realidade de cada um, deverá ser respondido junto com os familiares no período no campo. Ao retornar a escola os alunos farão a colocação em sessão de diálogo com apoio do monitor, após é feita a discussão em grupo que originam outros temas geradores;
- b) Caderno da realidade ou Caderno de exploração: registro de todas as anotações referentes ao plano de estudo, bem como, pesquisas e observações no período no meio sócio-profissional, no campo;
- c) Fichas pedagógicas: documentos elaborados para aproximar o conhecimento empírico ao teórico dos diferentes conteúdos curriculares. São utilizadas durante o decorrer da aula e permite o aprofundamento do plano de estudo, pois aborda temas específicos;

- d) Visitas de estudo: são realizadas pelo aluno nas propriedades, cooperativas, comercio e etc., visam ajudar na maneira de se expressar e possibilita novos conhecimentos especializados;
- e) Avaliação interna ou formativa: avalia a integração dos alunos com as diversas situações em relação ao plano de estudo e temas de estudo. Avalia o aluno também em situações reais e analisa sua capacidade de raciocínio e decisão.
- f) Estágios: período de permanência do aluno para exploração agrícola numa área rural diferente da dele;
- g) Plano de formação: estruturação para a formação dos jovens com foco na realidade do camponês;
- h) Temas de estudo: temas geradores associados á experiência do cotidiano do camponês.

Com uma metodologia diferenciada a alternância passou a ser uma proposta em prol da formação integral do jovem da zona rural. E este modelo inovador, buscou se propagar também em outros continentes.

Nos anos 60, o movimento procurou se fortalecer na África, depois na Itália e Espanha e, simultaneamente, no Brasil e Argentina, até atingir os 40 países dos cinco continentes.

Para representar as diferentes instituições de alternância (mais de 1300 escolas nos 40 países), em 1975, em Dakar, capital do Senegal (África), houve o Congresso Internacional e foi fundada, oficial e juridicamente, a Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (AIMFR). E pela primeira vez se reuniram todos representantes dos CEFFAs (Centros Familiares de Formação por Alternância) do mundo.

Um CEFFA é um projeto educativo protagonizado por uma associação local que apoia as atividades de formação. E a alternância é, então, um componente de um sistema de formação que contribui para o desenvolvimento em um contexto geográfico, cultural e sócio-profissional concreto e que logra a formação de jovens e adultos, assim como sua inserção e qualificação profissional (GARCIA e CALVÓ, 2010, p. 55).

Com a criação da AIMFR, elegeu-se o primeiro Conselho da Assembleia e se constituiu oficialmente os Estatutos e as definições das regras de funcionamento do CEFFA.

Em 1980, a AIMFR criou uma entidade específica, uma Organização Não Governamental (ONG) para estabelecer o intercâmbio permanente e promover técnica e financeiramente os CEFFAs.

A ONG Solidariedade Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural (SIMFR) apoia direta e indiretamente o desenvolvimento dos CEFFAs no mundo, a formação dos formadores, dos administradores e o acompanhamento técnico e pedagógico.

Ainda na década de 80, segundo Gilly (1995), com a consolidação na França as MFR passaram a vigorar em:

- a) Regime legal: a MFR é dirigida por uma associação de famílias, por meio de um conselho administrativo responsável pelo orçamento financeiro e contratação de pessoal, e é assegurada pela estrutura de formação com um estatuto próprio e um regimento interno para cada projeto local; o orçamento da MFR é financiado na proporção de 20% pela taxa de aprendizado, 36% pela participação das famílias, e 44% pelas subvenções do governo francês;
- b) Pessoal: pra um grupo de setenta e cinco jovens matriculados, são necessários três ou quatro monitores, um diretor, uma governanta e uma secretaria;
- c) Estrutura de formação: a estrutura de base de formação por alternância destina-se aos jovens camponeses de 14 a 17 anos;
- d) Níveis de formação: primeiro, segundo e terceiro graus nos setores de formação em agricultura, artesanato, comércio, entre outros.

Nos anos 90, as discussões no interior da AIMFR giravam em torno da necessidade da família em assumir plena responsabilidade pela formação dos filhos, da ampliação das parcerias para efetivar a formação do jovem camponês e da busca de qualificação das equipes.

O movimento da alternância, no âmbito mundial, resultou de acordo com Gimonet (2007), na construção dos quatro pilares dos CEFFAs: dois de ordem das finalidades (formação integral da pessoa e o desenvolvimento local) e dois da ordem dos meios (alternância e associação local).

A formação integral da pessoa representa uma formação nos âmbitos técnico, profissional, intelectual, social, humano, ético, espiritual, ou seja, uma visão integral do desenvolvimento das capacidades como ser humano.

O desenvolvimento local é uma necessidade e cria os laços sociais. Por isso, a finalidade é converter os atores em formação em transformadores de seu próprio desenvolvimento e de seu meio.

A alternância é uma metodologia, que no contexto rural, visa superar o sistema escolar inadequado á realidade do camponês, por isso, ela acontece entre escola e meio sócio-profissional. Depende da ação participativa e conjunta, depende do compromisso e envolvimento de todos os atores do sistema.

E a associação local é constituída por famílias, gestores do projeto, atores de seu desenvolvimento e pessoas que aderem aos princípios.

A experiência da pedagogia da alternância se expandiu na Europa na década de 50. Na Itália, por exemplo, esse movimento é denominado de - “Scuola della Famiglia Rurale” - Escola Família Agrícola (EFA). As primeiras EFAs surgiram, em 1962, em Soligo (Treviso) e, em 1963, em Ripes (Ancona). Os custos da escola família, especificamente, os salários, eram de responsabilidade do Ministério da Educação e da Prefeitura local.

Em termos de metodologia elas adaptaram ao ambiente italiano a metodologia francesa. O relacionamento com os poderes públicos é grande, portanto certas facilidades são maiores. Os docentes italianos, porém, muitos deles sendo funcionários do Estado, eram menos motivados do que os docentes franceses. Foi uma Experiência que encontrou apoio na Igreja, mas nasceu diretamente pela ação de homens políticos (NOSELLA, 2007, p. 28).

Portanto, a EFA se difere da MFR, pois desde sua implantação, já estava articulada ao sistema educacional italiano como uma escola profissionalizante.

Na América Latina, limitando-se apenas ao Brasil, a experiência pioneira foi inspirada no modelo francês e influenciada pelo modelo italiano. A implantação da escola família ocorreu no Espírito Santo, sob a coordenação do Movimento Educacional e Promocional do Espírito Santo (MEPES) no ano de 1968.

De acordo com Nosella (2007), o MEPES foi oficialmente reconhecido pelo Conselho Estadual do Estado do Espírito Santo como escola de ensino supletivo e de suplência para jovens com idade mínima de 14 anos e confere o diploma de 1º grau completo no término de três anos de escolarização por alternância, conforme o Parecer nº 24/71 para aprovação da 5ª e 6ª séries e o Parecer nº 130/74 para o 1º grau completo.

O MEPES fundou, no ano de 82, a União Nacional de Escolas Famílias Agrícola do Brasil (UNEFAB), contribuindo para a criação de várias EFAs nos estados brasileiros, como: Bahia, Ceará, Amapá, Rondônia, Maranhão, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Com a expansão da área de atuação da pedagogia da alternância no Brasil, foram originados sete grupos de centros educativos, a saber: Escola Família Agrícola (EFA); Casa Familiar Rural (CFR); Escola Comunitária Rural (ECOR); Escola Popular de Assentamento (EPA); Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais (PROJOVEM); Escola Técnica Agrícola (ETA) e Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR).

No que diz respeito ao financiamento e aos recursos econômicos, em nosso país, o Ministério da Educação, do Trabalho, da Agricultura, do Desenvolvimento Agrário e as Secretarias Estaduais de Educação assumem a responsabilidade e facilitam o reconhecimento oficial da escola-família. E a Administração Pública Estadual e ou Municipal é a responsável pelo pagamento direto aos formadores, cessão de pessoal e financiamento direto para a Associação local ou para a Regional.

Infelizmente, a situação frequente é de “[...] não facilitar os recursos econômicos mínimos ou deixar de oferecer as condições adequadas para o financiamento destes Centros de iniciativa social [...]” (GARCIA e CALVÓ, 2010, p. 126).

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, artigo 23, a alternância é citada como uma forma de organização escolar. Portanto, a Pedagogia

aplicada nos CEFFAs já é reconhecida por unanimidade pelo Conselho Nacional de Educação. (Parecer CNE/CEB nº 1/2006).

Em relação às adequações para aplicação da pedagogia da alternância, podemos nos respaldar na LDB 9394/96, artigo 28, que propõe:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural (BRASIL, 1996, p17).

Gimonet (2007) acrescenta que, a verdadeira alternância conhecida também como alternância integrativa, não se limita a sucessão dos tempos, ora teórica e ora prática, mas conecta e interage em ambas. Isto, possibilita refletir sobre a experiência e trabalhar com o projeto de vida do educando, envolvendo-o em seu meio.

O trajeto histórico do movimento da alternância torna possível contextualizarmos a Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) na história da educação em alternância. A escola possui similaridades às características centrais da EFA, mas não pertence à rede das escolas rurais desta.

Conforme Pereira (2005), a ERTE apresenta características gerais e comuns quanto à:

- a) Metodologia pedagógica específica: a alternância entre o meio sócioprofissional e o centro escolar;
- b) Educação e formação integral da pessoa – graças ao internato;
- c) Desenvolvimento do meio local através da formação de seus próprios atores – não é possível separar o desenvolvimento da formação e da atuação dos [educandos] com suas famílias, separar suas comunidades de seu meio (*apud* CALVÓ, 1999, p. 16).

Deste modo, a ERTE, com sua própria trajetória histórica e especificidades educativas, na formação dos educandos da zona rural do interior da Bahia, é parte constituinte na história da alternância no Brasil.

## 1.2. Educação em Freire

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco. O quintal da casa, na Estrada do Encanamento, no bairro Casa Amarela, foi o espaço de sua alfabetização, aprendeu a ler e escrever no chão à sombra de uma mangueira utilizando os gravetos como lápis. Com o apoio de sua mãe e muita imaginação rabiscou as primeiras palavras do seu mundo.

Aos seis anos, já alfabetizado, entrou para a escola particular e sua primeira professora Eunice Vasconcelos foi uma pessoa marcante em sua formação. Ela o ensinou a colocar no papel as palavras e a discutir os significados.

Aos dez anos, foi morar na cidade de Jaboatão dos Guararapes, a 18 km do Recife, seu pai buscava melhores condições de vida para a família.

Aos treze anos, sofreu com o falecimento do pai e sua mãe sustentou sozinha a família, foi uma época de privações materiais e muitas dificuldades financeiras.

Aos dezesseis anos, iniciou o primeiro ano do ginásio numa escola privada, no Colégio Osvaldo Cruz em Recife, pois na cidade de Jaboatão só havia a escola primária. O dono do colégio o senhor Aluísio Araújo concedeu uma bolsa de estudos para Freire e como bolsista pode concluir o ginásio.

Aos vinte e dois anos ingressou na Faculdade de direito do Recife e conheceu Elza Maia, uma professora primária com quem se casou, em 1944, e tiveram cinco filhos Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Começou a lecionar no Colégio Osvaldo Cruz e apaixonou-se pela docência.

A carreira como advogado iniciou e terminou com uma única causa, a cobrança de uma dívida de um jovem dentista, Freire depois de conversar com o devedor isentou-o da dívida e desistiu da carreira.

Em 1947, assumiu o cargo de diretor do setor de educação do SESI (Serviço Social da Indústria) do Recife, a discussão girou em torno da questão da

alfabetização de adultos trabalhadores. Freire estudou as relações sociais dos envolvidos no processo educativo, conhecendo de perto a realidade e as particularidades da linguagem dos educandos trabalhadores.

Iniciou sua carreira como professor universitário lecionando Filosofia da Educação na Escola de Serviço Social.

Em 1954, doutorou-se em Filosofia e História da Educação com a tese “Educação e Atualidade Brasileira” e engajou-se na luta dos movimentos de educação popular, como o Movimento de Cultura Popular (MCP), as campanhas “De pé no chão também se aprende a ler” e “Alfabetização de Angicos” no Rio Grande do Norte (alfabetizando trezentos trabalhadores rurais em 45 dias) e coordenou o Programa Nacional de Alfabetização do Governo Goulart.

Entre as décadas de 50 e 60, Freire dedicou-se às experiências de educação de adultos trabalhadores das áreas urbanas e rurais de Pernambuco, essas o destacou e o consolidou como educador das classes populares. Criando o método ou teoria do conhecimento de alfabetização dentro do MCP, surgem os Círculos de Cultura, cujas temáticas eram definidas entre o grupo e os educadores. Os resultados positivos motivaram Freire a pensar na expansão da experiência de alfabetização para a população brasileira.

Paulo Freire mostrou uma educação para além da sala de aula, da educação formal e tradicional, capaz não só de ensinar conteúdos e comportamentos socialmente esperado e aceito, mas também capaz de conscientizar homens e mulheres, jovens e adultos trabalhadores do campo e da cidade.

Sua concepção de educação não é apenas pedagógica, é também política, é um momento de humanização, de conhecimento e de criação. Portanto, implica conscientização no tempo e espaço histórico, social e político.

Freire foi um dos primeiros brasileiros exiliados, por colocar em prática um trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para a sua libertação.

Em 1964, com o Golpe Militar, Freire deixa o Brasil rumo ao exílio e foi aceito como refugiado político pela Embaixada da Bolívia, mas permaneceu apenas dois meses devido ao Golpe de Estado. Seguiu para Santiago, no Chile e morou no país até 1969, quando foi convidado a lecionar em Harvard nos Estados Unidos, onde ficou por 10 meses.

Entre 70 e 80, assumiu o cargo de consultor do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, Suíça e seu trabalho ganhou visibilidade mundial. Fundou o Instituto de Ação Cultural (IDAC) com o propósito de prestar serviços educativos aos países do Terceiro Mundo na luta por independência.

Nesse período, escreveu dois de seus livros mais conhecidos: *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*.

Juntamente com o grupo do IDAC desenvolveu o Programa Nacional de Alfabetização da Guiné-Bissau, na África. Ampliando, posteriormente, seu trabalho de educação popular para São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Angola, ajudando os governos e seus povos a construir nações recém-libertadas, exercendo atividades político-educativas para os países de colonização portuguesa.

Em 1980, aos 57 anos, Freire retornou ao Brasil e fixou residência em São Paulo, lecionou na Faculdade de Educação da Unicamp e no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC em São Paulo.

Em 1986, sua esposa Elza faleceu, eles permaneceram casados por quarenta anos, foi um momento de muita tristeza e vazio na vida de Freire. Então, em 88, devido à convivência com Ana Maria Araújo, sua aluna e orientanda no curso de mestrado da PUC, Freire casou-se novamente.

Em 1987, como membro do Júri Internacional da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) tratou de questões para uma educação popular, progressista, libertadora e transformadora.

Em 1989, assumiu o cargo de Secretário da Educação da cidade de São Paulo, na gestão da prefeita Luiza Erundina, onde atuou na reforma de escolas, estruturou o colegiado, reformulou o currículo escolar, também capacitou educadores,

administradores e técnicos e criou o MOVA (Movimento de Alfabetização da Cidade de São Paulo), projeto destinado a jovens e adultos.

Em 1991, deixou o cargo de Secretário da Educação e se dedicou a escrever artigos e livros, voltando à docência na PUC. Faleceu em 02 de maio de 1997, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

Seu método pedagógico envolve três etapas básicas, a saber:

1. Etapa de investigação: investigar palavras e temas significativos para o processo de construção do conhecimento, uma busca conjunta entre educador e educando para trabalhar a partir da realidade do aluno, momento do levantamento do universo vocabular.
2. Etapa de tematização: codificação, decodificação e análise consciente dos significados sociais das palavras e dos temas geradores, momento de conscientização da realidade vivida.
3. Etapa de problematização: desafio e motivação para superação da visão ingênua e acrítica da realidade, visando à transformação do contexto vivido.

A educação na proposta freiriana contempla o pensar, contrapondo a simples reprodução de idéias impostas, assim, o ato de educar é sinônimo de reflexão, conscientização, argumentação, criticidade e libertação.

Freire (1999) consolidou o paradigma da pedagogia libertadora e o seu método de alfabetização ou sua teoria do conhecimento se contrapõe ao método da concepção tradicional de educação que utiliza as cartilhas como roteiro para o processo de alfabetização do educando.

Neste sentido, desmistificou a importância do uso das cartilhas no processo de alfabetização, pois as cartilhas são “o instrumento através do qual se vão depositando as palavras do educador, como também seus textos, nos alfabetizando. E por limitar-lhes o poder de expressão, de criatividade, são instrumentos domesticadores” (FREIRE, 1981, p. 11).

Esses fortalecem a concepção tradicional ou mecanicista, que Freire (1987)

chama de “educação bancária”, por considerar os educandos como recipientes vazios que precisam ser preenchidos de saber, adequando-os ao mundo do opressor.

Desta maneira, a educação é reprodutora de uma ideologia dominante (opressora) e não há neutralidade na prática, pois a intenção é de acomodar o sujeito (oprimido) no mundo, interferindo, propositalmente, em sua formação consciente e transformadora.

Segundo o autor (2005), mais do que transmitir passivamente o conhecimento, alfabetizar pressupõe leitura de mundo, ou seja, aproveitar as experiências dos alunos, que os saberes podem ser trocados, problematizados e superados, que todos podem encontrar caminhos coerentes para ampliar sua aprendizagem, e assim, aprender e construir o próprio conhecimento daquilo que aprendeu.

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1987, p.45).

A práxis freiriana se alicerça na relação dialógica entre educador e educando, sendo necessário que o educador enfatize como prática social da língua escrita o diálogo democrático.

Esta proposta reconhece que o conhecimento é resultado da própria atividade do aluno, que a base do processo educativo está condicionada a interação do sujeito com o meio social e sua relação com o outro.

Frente a isso, o pressuposto freiriano para o processo educativo, é de incorporar a leitura de mundo e a representação da linguagem como ponto de partida para leitura da palavra. Desafiando a práxis dos educadores, pois o objetivo do processo de ensino e aprendizagem, desde a mais tenra idade, é a construção do conhecimento associada ao tipo de cidadão que se pretende formar e a sua atuação em sociedade.

Deste modo, Freire contribuiu efetivamente para um projeto educacional democrático e libertador e seu pensamento filosófico e pedagógico continuam vivos e atuais.

### 1.3. ERTE, sua trajetória histórica: da fundação á atualidade



**Figura 1: Escola Estadual Rural Taylor-Egídio**  
**Fonte: Acervo da pesquisa**

No livro ERTE: por um ser integral, destaco um trecho que consideramos representar os anseios do primeiro ao atual momento da alternância na escola:

Era março de 2001. Recebemos no internato da Escola Estadual Taylor-Egídio o primeiro ônibus de crianças que desciam uma a uma assustadas. Estávamos todos nós, também. Como será? Como nos misturaremos e envolveremos nossas vidas neste grande espaço? [...] São passados dez anos. [...] lutas, as mais diversas! Desânimos, os mais cruéis. Amores, os mais intensos! [...] mil e oitocentas e noventa e quatro (1.894) crianças que passaram pela ERTE, nestes dez anos [...] (PEREIRA, 2011, p.12 e 13).

A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio (ERTE) foi instituída pela Portaria nº 1327 do Diário Oficial do Estado de 25 de janeiro de 2001, com sede na Rua Aloísio de Castro s/n, bairro Muritiba, município de Jaguaquara, sudoeste da Bahia.

Inaugurou suas atividades em março de 2001 e firma-se nas bases pedagógicas de alternância, em que os educandos alternam 30 dias em regime de internato, na escola, e 30 dias em suas residências, no campo.

O nome Taylor-Egídio surgiu da homenagem ao centenário do Colégio Taylor-Egídio (CTE), que é o mais antigo da denominação evangélica do Brasil.

Conforme entrevista com a diretora Sonilda Sampaio (2011), o projeto foi idealizado e desenvolvido:

[...] em 1998, quando o Colégio Taylor Egídio (CTE), um colégio particular, fazia cem anos. Hoje ele tem cento e onze anos. É o colégio aqui vizinho, fica no mesmo campus dessa escola. Então, naquele momento, ex-alunos do CTE, através de uma Associação chamada Exalte, pensavam o que fazer com o colégio. E neste pensar, uma das pessoas que fazia parte daquele grupo, o Sr. Dr. Eraldo Tinoco, em saudosos memórias hoje, que era o então, Secretário da Educação do Estado da Bahia e, depois na gestão seguinte, foi o Vice-Governador. E como Secretário da Educação, ele já conhecia a Fundação José Carvalho (FJC), as escolas de alternância administradas pela Fundação e a filosofia da pedagogia de alternância pela FJC. E em 1998, ele então, sugeriu aos ex-alunos do CTE a criação de uma escola filha, que seria uma escola agrícola.

Os ex-alunos se reuniram e criaram uma comissão liderada pela Dr. Telma Cortez e pelo Dr. Dilson Mello. Pensou-se em utilizar o espaço físico da fazenda administrado pelo CTE pertencente à Convenção Batista Baiano (CBB).

Com o espaço já definido, em finais de 1999, foi escrito o projeto e foi aprovado pelo Governo do Estado depois de tramitado na FJC, CBB e SBOTE (Sociedade Beneficente Orfanato Taylor-Egídio) de Jaguaquara.

Foi concretizada, assim, a ERTE, uma escola para crianças e adolescentes rurais de até 14 anos, uma escola de ensino fundamental do primeiro ciclo, da primeira a quarta série.

A escola é mantida pelo Governo do Estado da Bahia através da Secretaria da Educação e a manutenção é administrada pela SBOTE, entidade filantrópica.

A escola tem capacidade física para mil educandos rurais. Atualmente, possui, aproximadamente, quatrocentos e cinquenta alunos, divididos em dois grupos

alternantes, enquanto um grupo está na escola, o outro permanece em suas moradias. No período fora do internato os educandos são visitados pela equipe itinerante, que é composta por duas professoras.

Em seu atual quadro de servidores, contam com a colaboração de 52 funcionários, divididos em: diretora e vice-diretor, secretária, coordenadora pedagógica, 25 docentes e 23 funcionários do setor de serviços gerais como lavanderia, cozinha, dormitório, refeitório, limpeza, segurança e portaria.

A prática educativa da ERTE tem como eixo norteador o cuidado com a terra e o campo, por isso os valores campestres são priorizados.

Os educandos recebem educação integral, cursam disciplinas do currículo básico associado á temas transversais, participam de aulas de música, informática, educação doméstica e orientação cristã.

Em 2004, a escola implantou o projeto “Morar na roça é pra lá de bom”, com o proposito de reconhecer as qualidades do campo. Tema, extremamente, significativo na vida dos educandos e seus familiares.

A escola possui um hino, uma paródia da música “Festa na Roça” de Leandro e Leonardo, escrito pela professora Mara Gasbarre. O hino tem o nome que originou tal projeto. A letra está no Anexo F.

No mesmo ano de 2004, criou a Associação de ex-alunos da escola, visando obter algumas respostas após a conclusão escolar e saída dos educandos. Uma pergunta constante durante o trabalho educativo: O que mudou na vida destes educandos rurais?

Essa questão, inquietante, contribuiu para a coleta de depoimentos de alguns ex-alunos, em 21 de fevereiro de 2010. Foi realizada uma comemoração, um dia exclusivo para os ex-alunos da ERTE. Não há uma conclusão ainda definida dos resultados da escola na vida desses campestres, mas algo mudou.

Na entrevista a diretora Sonilda (2011) relata que:

[...] estes depoimentos são os mais animadores e esperançosos possíveis, mas sabemos que não é de 100%, pois temos ex-alunos que não voltam ou não conseguimos encontrar. Nós temos alunos indo pra Universidade na área de

agronomia, interessados por isso e temos alunos até já casados. [...] Então, é sempre animador, te confesso que não é aquela coisa que eu gostaria de ver. Todo mundo participante, engajado no trabalho agrícola, não ainda não, talvez, nós precisemos rever algumas coisas aqui. Talvez, isso dessa coisa longitudinal, mais verticalizada no atendimento ou dessa parceria mais vertical, acompanhando até o segundo grau, talvez, a gente vai ter resultados mais positivos.

Lutar pela Educação do Campo, uma educação universal e de qualidade, é uma ação presente na ERTE.

Esse ideário é posto na discussão a seguir:

[...] o movimento de educação do campo, antes de ser do campo, é um movimento por educação universal e de qualidade. E essa universalidade considera o direito á especificidades e singularidades como algo universal e geral. (...) A educação escolar há de ser, pois, num só tempo, universal e condizente com as diversidades étnico-culturais, de trabalho e de produção da existência, considerando a simbiose existente entre a vida no campo e a vida na cidade, entre o singular e o plural, o individuo e o coletivo (MUNARIM *et al*, 2009, p. 58).

Ao valorizar a diversidade cultural dos campestres, a escola avança mais um passo na obtenção do fortalecimento e transformação da zona rural, bem como, na mudança significativa na vida de seus educandos e familiares.

Por isso, os educadores e educadoras pautam suas ações educativas conforme a filosofia da educação integral. Descartam a mera transmissão de conteúdos, a memorização mecânica e a repetição de informações durante o processo de construção do conhecimento.

Freire (2005) define de “concepção bancária” o ato de encher os educandos com conteúdos e informações que o educador considera como saber verdadeiro. Por isso, a educação problematizadora e libertadora se funda no dialogo, no amor e na humanização do ser para romper com esse falso saber.

Assim, a pedagogia da alternância é um espaço promotor da educação integral, universal e libertadora, corroborando com os princípios freirianos de educação.

No ano de 2005, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) lançou o minidicionário do léxico rural de Jaguaquara. Esta iniciativa foi fruto da organização

dos alunos de Língua Portuguesa III, orientados pela professora Sonilda Sampaio. Os alunos da ERTE receberam um exemplar e foram colaboradores desta ação, pois a linguagem rural dos educandos campestres e seus familiares era o objeto da pesquisa.

A ERTE realizou, em 2006, o 1º Encontro de Reflexões Pedagógicas destinado aos educadores da região, com apoio da Secretaria Municipal e com presença marcante do representante do Instituto Paulo Freire, o Professor Doutor Jason Mafra que ministrou palestras para os educadores e convidados. Os educandos realizaram apresentações musicais e exposições para vendas de produtos da agricultura da escola e a equipe docente ministrou oficinas temáticas durante o evento.

Em 2007, a escola, com cinco anos de funcionamento, recebeu uma moção de congratulação da Câmara Municipal de Jaguaquara pelos serviços prestados à educação de Jaguaquara.

Nesse mesmo ano, a escola foi indicada pelo Instituto Paulo Freire ao MEC como modelo de educação freiriana no Brasil, devido a isto, ganhou espaço na TV Escola durante esse período. Ano também que foi celebrado os 10 anos da morte de Paulo Freire.

Em 01 de agosto de 2008, o Professor Doutor Walter Antonio Bazzo, da Universidade Federal de Santa Catarina, encaminha um ofício ao Governador do Estado da Bahia Jacques Wagner, solicitando verbas para manutenção da instituição, pois notou as dificuldades da ERTE para manter toda a estrutura em funcionamento e levar adiante o seu projeto educativo.

Segue o trecho do apelo, ofício nº 4635/2008/SEPAR, feito ao Governador do Estado da Bahia:

Neste contato durante todo o final de semana, também vi a realidade das promessas políticas que, infelizmente, nunca vão além dos palanques eleitorais: 'prioridade para a educação'. A escola apesar de sua excelência formativa (não tenho medo de errar quando afirmo que nas minhas viagens por vários locais do mundo na qualidade de formador de professores não encontrei algo semelhante), passa pelas agruras da manutenção pela questão de verbas. [...] o fato que me levou a lhe escrever este pedido de atenção a este problema surge da minha alegria em ver que uma verdadeira educação está sendo feita num Estado governado pelo PT. [...] confesso que tal projeto me impactou e me devolveu a esperança de ver realmente a educação ser um

fator efetivo de mudanças sociais na Bahia e por extensão no Brasil e no mundo como um todo (BAZZO, 2008, p.1).

Vejamos o que diz na Constituição Federal:

Art. 211 – A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, seus sistemas de ensino. §1º a união organizará e financiará o sistema federal de ensino e dos territórios, e prestará assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolarização obrigatória.

Art. 212 – a união aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante dos impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino público (BRASIL, 1988, p. 96).

E quanto ao Conselho Nacional da Educação no Parecer CNE/CEB nº 36/2001 - Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, no artigo:

Art. 14 O financiamento da educação nas escolas do campo, tendo em vista o que determina a Constituição Federal, no artigo 212 e no artigo 60 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, a LDB, nos artigos 68, 69, 70 e 71, e a regulamentação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério - Lei 9424/1996, será assegurado mediante cumprimento da legislação a respeito do financiamento da educação escolar no Brasil (DOEBEC, 2001, p. 25).

Da formalização á normatização até a efetivação dos direitos nas instâncias executivas, infelizmente, há um distanciamento. Fazer valer as concepções educativas dos dispositivos legais é algo que está sempre em discussão.

As ações governamentais para o campo dependem ainda da política partidária, por isso, é incerto o destino da educação do campo. Para a ERTE cada troca de Governo representa um risco e novas justificativas na Secretaria de Educação. Por ser uma escola integral em alternância e internato, a dificuldade para receber as verbas para manutenção é ampliada.

Apesar das declarações políticas governamentais a favor da educação popular, é visível o descaso com educação do povo, principalmente, do camponês.

Neste contexto, a falta de visão mais dedicada a educação rural é um dos problemas enfrentados pela ERTE, mas se prevalece firme em sua missão: evidenciar todos os esforços para que a educação de crianças e adolescentes campestres se realize de forma integral, progressista e cristã.

Em março de 2011, a escola completou 10 anos. Contou com a presença de seus alunos, ex-alunos, ex-funcionários, autoridades, convidados e toda a equipe da escola em sua comemoração especial. Homenagens, encontros, depoimentos e apresentações sobre a história destes 10 anos de lutas e conquistas.

Em fevereiro de 2011, como pesquisadora, cheguei à escola com muitas perguntas, curiosidades e com o desejo de trazer o máximo de aprendizado para desenvolver este trabalho, mas retornei com muito mais que isso. Trouxe comigo uma experiência para a vida inteira.

#### **1.4. Projeto Político-Pedagógico e Regimento Escolar**

A proposta educativa da ERTE está fundamentada em Paulo Freire. Os documentos que embasam e autorizam a gestão da escola são o Projeto-Político-Pedagógico (PPP), o Regimento Escolar e o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

A relação com as famílias rurais e o lidar com o trabalho agrícola direcionam as ações e adequações à realidade campestre. A escola procura manter, constantemente, a interação e a parceria com as famílias dos seus educandos.

O PPP em sua fundamentação teórica, segundo Pereira (2005), se embasa na teoria sócio interacionista, em que os sujeitos são construtores de seus conhecimentos e estão em permanente interação com o meio físico, social e cultural.

Análogo aos princípios freirianos, pois:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor (FREIRE, 2009, p. 51).

Nesse processo de socialização a escola assume uma postura dialética para desenvolver seus propósitos. Apoiando-se nos pressupostos da pedagogia da alternância associada aos postulados freirianos de educação.

Em seu marco filosófico, declara o desejo da equipe docente e administrativa em:

[...] formar uma sociedade fundada em valores igualitários, mais justa, harmoniosa, pacificadora, consciente, democrática, honesta, em que direitos e deveres sejam colocados no mesmo peso. Uma sociedade de fato humana, sem hipocrisia, sem discriminações, sem violência, sem corrupção, sem desigualdades e digna (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2006, p.8).

Uma utopia que, Freire (2001) mantém viva em seus postulados, a humanização do ser. O papel de um sujeito histórico, político, social e transformador.

E a ERTE tem como ponto de partida, diante da proposta conscientizadora, a prática social, a cultura dos educandos e seus níveis reais de desenvolvimento.

E como defensora da pedagogia da alternância faz da sua prática um modelo de construção conjunta e de troca respeitosa de saberes entre educando e educador. Juntos na caminhada das conquistas dos conhecimentos compartilhados.

Nisso, concordam Freire (2008) e Vygotsky (1989): que a educação só tem real significado quando a usamos em experiências compartilhadas, por isso a aprendizagem é um processo sócio cognitivo e afetivo, ou seja, o conhecimento deve ser construído nas interações sociais significativas, promovendo tanto a criatividade como a criticidade.

Rego acrescenta: “[...] na perspectiva de Vygotsky, construir conhecimentos implica uma ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto são estabelecidas” (REGO, 1995, p.110).

De acordo com Zabala (1998), é preciso buscar meios e formas de intervenção para mediar à aprendizagem, considerando as interações sociais como ferramenta para a construção do novo conhecimento.

Educação dialógica, problematizadora e investigativa como ideal pedagógico freiriano faz da ERTE uma escola de gestão pedagógica democrática, facilitadora do diálogo e participativa quanto à práxis educativa.

Nas palavras de Pereira (2010), no artigo Educação Rural, Paulo Freire e Pedagogia de Alternância: Inédito viável – Utopia possível:

[...] trazemos para o diálogo algumas referências e defesas da Pedagogia da Alternância que, primeiramente, propõe a progressão da criança, do adolescente, do jovem na carreira estudantil sem seu desenraizamento do campo. [...] com sua função socializadora dos saberes, é uma das mais fortes instituições candidatas a desmistificar a grandeza rural e de promover as adaptações necessárias na oferta da educação (PEREIRA, 2010, p. 3).

Essas adaptações possibilitam ao educando construir saberes significativos, pois a interação com o seu meio, a sua vivência cotidiana atrelada a novos saberes, sistematiza sua rotina e dá sentido à sua formação educativa.

Dos objetivos, constam nos artigos do regimento Interno:

Art. 7º - São objetivos da ERTE: desenvolver atividades pedagógicas integradas, contínuas e progressivas que atenda as características bio-psico-sociais e espirituais do educando na faixa etária de 6 a 10 anos idade (e, se necessário, até 14 anos de idade) proporcionando-lhes as condições necessárias ao seu desenvolvimento integral enquanto ser humano comprometido com a zona rural.

Art. 43º - SETOR AGRÍCOLA

Encarregado pelas atividades rurais no que diz respeito aos aspectos pedagógicos e de produção, assegurando a criação e manutenção do projeto na área de agricultura e pecuária, que priorize o ensino agrícola e contribuam no atendimento das necessidades da escola quanto ao consumo de tais produtos. Este setor é a razão de ser da ERTE, portanto deve ocupar destaque no diz respeito a sua visibilidade (REGIMENTO INTERNO, 2006, p.11 e 24).

A visão de uma educação voltada à cultura e ao diálogo, incorporados durante a vida, encontra respaldo em Freire (2009), ao tratar do respeito à identidade cultural da criança e adolescente. Pois, o que é apreendido no convívio de sua casa, de sua

vizinhança, de seu bairro marca a identidade da classe social. E como classe social rural, a prioridade da escola volta-se ao ensino agrícola.

Denomina-se a cultura do educando, a sua maneira de falar não escolarizada de “cultura popular”. Para Freire (1992), a cultura popular é a primeira tomada de consciência da realidade e cria as relações sociais e políticas. Assim, “a educação é por si mesma, uma dimensão da cultura. [...], porém, na prática educativa, que os educadores não apenas reconheçam [...], mas também desafiem os educandos a fazer o mesmo reconhecimento” (FREIRE e MACEDO, 2006, p.33).

Contemplando essa ideia, notamos que a alternância “cria um sistema relacional amplo e denso, constituído de pequenas ilhas relacionais no seio das quais os contatos humanos se multiplicam. E o alternante torna-se o ator privilegiado de tudo isso” (GIMONET, 2007, p.81).

A valorização cultural tanto na concepção freiriana como na alternância conota numa pedagogia da cooperação, da partilha, da parceria.

Segundo Weiz (2003), a escola vivendo ao ritmo da comunidade pode preparar utilmente o educando para a vida ativa na comunidade, ou seja, baseado no princípio do dar e receber permite-se aprofundar a compreensão do seu meio e apreciar a importância do seu papel na possível transformação da sociedade.

Mânfió (1999), nesse sentido, nos apresenta as similaridades entre a pedagogia da alternância e os princípios educativos freirianos, que são: a pesquisa participante, o diálogo, o compromisso com a mudança, a transformação da realidade, o desenvolvimento do meio, a inserção e o engajamento social, a autogestão e a consciência responsável, a ética cristã, contudo, a formação integral do homem e da mulher.

Damasceno (2004) ressalta ainda, que tanto a pedagogia da alternância como a pedagogia freiriana tem como foco a relação trabalho – escola, sendo que na alternância a metodologia se adapta ao meio rural.

Segundo Sommerman (1999), o trabalho educacional produtivo valoriza a cultura campestre e favorece o fortalecimento da zona rural.

Por isso, o vínculo à população do campo, a solidariedade humana, as vivências cotidianas concretas dos camponeses, como a agricultura, a horta, o plantio, a colheita e o cuidado com a terra estão, nitidamente, expressos no PPP da ERTE.

Deste modo, as razões e objetivos de ser da ERTE são:

Acolher toda a comunidade campestre com suas diversidades e peculiaridades; Animar os sujeitos campestres para a felicidade sem o êxodo do campo; Acolher todos e todas das que dela se aproximem (educandos, funcionários, professores, comunidade e outros); Fundamentar todas as suas ações a realidade cotidiana; [...] Transformar, através do diálogo, as relações negativas em positivas; [...] Desenvolver a consciência de si mesma e do outro numa busca de transformação; Ser veículo de socialização do indivíduo; Ensinar a leitura do mundo antes da palavra escrita; Formar cidadãos na cidadania; Promover a justiça social; Democratizar o ensino; Incentivar a elevação da auto-estima da comunidade escolar; Ser agente transformador do meio; Formar cidadãos pensantes e leitores; Desenvolver integralmente os seres humanos que fazem parte do seu rol; Promover a felicidade (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2006, p.9).

O Plano de Ação do Compromisso de Gestão da Qualidade da Educação na Unidade Escolar, elaborado em 2010, com base no PPP, descreve o rumo que a equipe gestora e colaboradores desejam dar a escola em seus próximos anos.

Com destaque para:

Envolver a comunidade de forma mais efetiva na práxis educacional da escola; [...] continuidade da parceria com a UESB para subsídio da práxis alfabetizadora dos docentes; [...] Propor uma educação humana, solidária, libertador e compromissada com o ser humano integral; [...] Propor um trabalho especial de orientação vocacional; Buscar maior relacionamento da escola com os meios de comunicação; Valorizar, em todas as ações da escola, a agricultura através dos cuidados necessários com a horta; [...] gestão escolar (PPP, PDE e Regimento Interno) de forma mais aberta à comunidade; [...] Incentivo à criação da associação de pais e mestres na escola; [...]; Incentivo à manutenção do grêmio estudantil (PLANO DE AÇÃO DO COMPROMISSO DE GESTÃO DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NA UNIDADE ESCOLAR, 2010, p. 2, 3 e 6).

Na avaliação institucional, de 30 de junho de 2010, aplicada pela escola a 25 docentes e 25 funcionários, temos o indicativo a seguir:

- a) Acesso, permanência e sucesso dos alunos na escola: 74% consideram excelentes.

- b) Formação e condições de trabalho dos profissionais da escola: 94% consideram excelentes.
- c) Ambiente educativo: 92% consideram excelentes.
- d) Ambiente físico: 92% consideram excelentes.
- e) Gestão escolar democrática: 94% consideram excelentes.
- f) Prática pedagógica e avaliação: 66% consideram excelentes.
- g) Ensino e aprendizagem da leitura e escrita: 70% consideram bom.

A criticidade no trabalho educativo deve ser uma preocupação vigente. Freire diz: “quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra” (FREIRE, 2009, p.103).

Por isso, o trabalho não pode ser ingênuo em si mesmo. Os problemas devem ser discutidos em profundidade. O olhar crítico nas ações educativas é um passo importante para a reestruturação e renovação da práxis. A auto avaliação é uma ferramenta significativa para tais objetivos.

Nota-se, que a escola procura em suas avaliações instituições, acompanhar os resultados positivos e negativos do seu trabalho. Ao discutir os problemas, direciona as suas ações.

Atrelar os objetivos as reais necessidades campestres vai de encontro do “ideal de funcionamento quando os parceiros não são meros utilizadores ou consumidores de uma estrutura de formação” (GIMONET, 2007, p.84).

Na ERTE, o envolvimento ativo e responsável da estrutura ao processo de formação, o encontro das experiências e a cooperação constituem mediações relacionais significativas. Portanto, todos da escola assumem como função a didática pedagógica, a valorização da afetividade e a inserção social.

### **1.5. Proposta educativa**

A alfabetização freiriana tem como pressupostos: incorporar a leitura de mundo antes da palavra escrita, a pesquisa do universo vocabular, o diálogo, as palavras e os

temas geradores, o círculo de cultura, reflexão e conscientização da realidade, respeito e valorização cultural.

Segundo Pereira (2005), os objetivos da escola quanto à alfabetização, vão ao encontro à perspectiva progressista e libertadora:

a) utilização da realidade rural dos interlocutores no processo ensino e aprendizagem; b) valorização de todas as variantes rurais da língua sem o preconceito que privilegia a variante padrão; c) inserção dos familiares “analfabetos convencionais” no processo de aquisição da lecto-escrita; d) utilização do lúdico nos momentos de leitura e escrita (PEREIRA, 2005, p. 147).

De acordo com Freire (1987), o sujeito aprende pensando, compreendendo ativamente, agindo sobre o objeto do conhecimento. Assim, educadoras e educadores precisam saber da realidade de seus educandos, do seu universo de linguagem e de cultura.

Brandão (2005) complementa que, o mundo ensina e com a vida se aprende. Um pouco a cada dia, a cada momento, na convivência com os outros, com os animais, com as plantas, com tudo e com todos ao nosso redor. Primeiro, no contexto da vida, depois na escola. Por isso, o educador jamais deve impor certezas absolutas, mas desafiar os educandos a pensar sobre o mundo.

O trecho da entrevista, com a coordenadora pedagógica Nalva Gomes (2011), expõe os procedimentos adotados:

Vamos mesclando, adaptando, tirando um pouquinho dali e o que cabe aqui. Por exemplo, uma coisa muito boa de Freire é usar as palavras do vocabulário deles, por isso, a gente parte das palavras geradoras, o que vem deles. Então, usamos palavras que eles conhecem bastante, como os nomes de frutas, de árvores, de animais da roça, que fazem parte do cotidiano deles. Isso facilita muito. O importante é que eles se sintam inseridos.

Sob essa ótica, todo o conhecimento novo parte de um conhecimento anterior. E os eixos norteadores se concernem à realidade, ou seja, as vivências rurais.

O domínio da leitura e da escrita como instrumento de conscientização da cidadania elimina os preconceitos linguísticos do alfabetizando.

Para Mendonça (2007), cabe ao educador compreender e respeitar a variedade linguística, partindo desta para o domínio padrão, instrumentalizando o educando para o exercício da cidadania.

É a escola que coloca o educando em contato com o texto escrito, ela sistematiza o processo, por isso um ambiente alfabetizador favorece a aquisição da lecto-escrita.

Os recursos pedagógicos da ERTE rompem com os métodos tradicionais alfabetizadores, pois privilegia o uso da biblioteca, brinquedoteca, videoteca, material paradidático durante o processo. E não se apoia na cartilha. A contextualização é o ponto chave para estimular o aprendizado.

Nesse processo de aquisição da lecto-escrita, nota-se que não há fórmulas prontas. Ao retirar as cartilhas das salas de aula, o educador alfabetizador avança mais um passo. Inúmeros recursos condizentes com a realidade dos educandos tornam o aprendizado mais prazeroso e rico em conhecimento. A alfabetização para o uso social da língua é um fator que favorece a acessibilidade ao mundo das informações e das tecnologias sem exclusão da cultura campestre.

Ferreiro (2001) enfatiza:

A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência. [...]. Imersa em um mundo onde há a presença de sistemas simbólicos socialmente elaborados, a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais. Para tanto não exercita uma técnica específica de aprendizagem (FERREIRO, 2001, p.43).

Soares (2001) acrescenta que, letrar é o processo na alfabetização que ensina ler e escrever num contexto significativo do educando. A leitura e a escrita além de ter sentido deve fazer parte da vida do aluno.

Por isso, os educandos rurais são atores participativos na construção dos saberes e o lúdico está, fortemente, presente nas ações educativas da escola. A escola prioriza o falar do campestre e se enriquece com essas singularidades.

Em se tratar do falar diferente, Bagno (1999) esclarece que, ensinar escrever conforme a ortografia oficial é o objetivo do alfabetizador, mas não se pode considerar como errado as pronúncias naturais do educando e sim como um passo para avançar no resultado final.

O desafio dos educadores, conforme Garcia (1997), é tratar o falar diferenciado dos educandos sem preconceitos linguísticos.

Para Cagliari (1992), cada falante tem seu próprio dialeto, sua própria comunidade linguística. Assim, a linguagem para o processo alfabetizador deve ser vista como um fato social impregnado de cultura.

Corroborando essa ideia, Leite e Callou (2002) e Possenti (1997) concordam que a linguagem é a expressão da sociedade e retrata a sua região. Portanto, a variedade linguística é determinada por fatores sociais e não pela complexidade gramatical.

Agamben (2005) destaca que, é na infância que nos constituímos como sujeitos na e pela linguagem. É a linguagem que estabelece o elo entre natureza e cultura. Assim, somos seres de linguagem, ou seja, a linguagem faz o homem e o homem faz a linguagem.

Na ERTE, para o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, a escola lança mão de recursos como: Informática, Musicalização e Lego Dacta. Nesta, explica Pereira (2005), a criança interage com objetos concretos, construindo símbolos referentes ao mundo real. Serve também para explorar, criar, investigar e superar problemas. A prática de montagem criativa das peças também contribui para as aulas de produções orais, textuais e de leitura.

Pautados nos PCNs (1997), a educação visa o desenvolvimento da cidadania e a formação do indivíduo de forma global. Assim, a retenção dos conteúdos mecanicamente é descartada. O desenvolvimento das habilidades, atitudes e expressões pelo lúdico torna significativo e agradável à aprendizagem na escola.

Para Almeida (1987), as atividades lúdicas pretendem desenvolver na criança a coordenação motora, a atenção, o conhecimento, a criatividade, o trabalho individual, a cooperação, os hábitos de higiene, de saúde, o comportamento, internalização de regras e até favorece na resolução de problemas.

Ao priorizar o lúdico nas ações educativas, Soares (2001) diz que o prazer é um requisito, essencial, para o sucesso da atividade intelectual proposta.

Na práxis lúdica são exteriorizadas as emoções, Teberosky (2002) considera-a uma facilitadora da autoafirmação e autoestima.

Para Kishimoto (1993), as brincadeiras trazem benefícios físicos, intelectuais e sociais. Pelos jogos e brincadeiras a criança se mostra por inteira. Outro benefício do lúdico é tornar os conteúdos didáticos em atividades interessantes e estimulantes ao conhecimento.

Quanto aos conteúdos curriculares:

PARÁGRAFO ÚNICO – O currículo é estruturado em uma base comum e uma parte diversificada, integrando e articulando os aspectos da vida cidadã através dos temas transversais inseridos nos PCNs. Como também integrados aos postulados da vida cristã. O trabalho pedagógico da escola rural é fundamentado na realidade cultural do campestre de seus parceiros educandos e respectivos familiares (REGIMENTO INTERNO, 2006, p. 26).

O educador das séries iniciais trabalha os temas transversais, de forma interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar. Os eixos do currículo de base são adaptados, sempre, à realidade campestre.

Por exemplo, no Projeto Vivências desenvolvido com e para os alunos da turma solidariedade (5º série) foram trabalhados temas como: agrotóxicos, sexualidade na adolescência, escolhas em nossas vidas e outros. Os alunos da 4º série também participaram do momento recreativo atrelado ao aprendizado significativo e da visita noutra escola para assistir uma apresentação folclórica. O projeto foi finalizado com uma viagem a Feira de Santana para conhecer o Parque do Saber, a Casa da Paz. Ao retornarem à escola os alunos registraram o que foi apreendido.

A Pedagogia do Projeto dá sentido e significado à formação. “A alternância promove a capacidade de empreender pondo em prática os Projetos” (GARCIA e CALVÓ, 2010, p. 175).

Para Gimonet (2007), como pedagogia de projeto, a alternância compreende estabelecer conexões com o passado direcionando ações para o futuro. E os projetos ajudam a construir um sentido ao aprendizado, ao conhecimento.

Nesse sentido, Valente (1999) acrescenta:

[...] no desenvolvimento do projeto o professor pode trabalhar com os alunos diferentes tipos de conhecimentos que estão imbricados e representados em termos de três construções: procedimentos e estratégias de resolução de problemas, conceitos disciplinares e estratégias e conceitos sobre aprender (VALENTE, 1999, p. 4).

Na ERTE, durante a observação e o acompanhamento das atividades das aulas do 1º ao 3º ano, registramos as seguintes práticas educativas:

As educadoras trabalharam com o livro “A sombra desta mangueira” de Paulo Freire. Relembrando o conto de uma história bíblica de um livro lúdico, para fazer comparações. As palavras diferentes a do contexto rural foram explicadas para ampliação do vocabulário com o auxílio do dicionário. Os alunos fizeram perguntas sobre a história contada e associaram a sua vida campestre. Valores como ética, responsabilidade, cooperação, autonomia foram abordados e discutidos. Houve o momento de reflexão dos alunos sobre a leitura. E para encerrar a atividade todos criaram um final alternativo para a história.



**Figura 2: Momento de leitura em sala de aula.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

Na leitura do livro “Caixa Maluca”, o objetivo foi instigar e estimular a imaginação e criatividade dos alunos. Como sujeitos integrantes da história contaram suas aventuras e construíram outras histórias.

A leitura do livro infantil, com a temática sobre o “racismo”, se seguiu no Círculo de Cultura com a apresentação das imagens e com perguntas aos alunos sobre a situação. Agregaram-se orientações cristãs ao tema proposto. Esta atividade tratou de valores como o respeito, a inclusão social e os sentimentos. Em seguida, houve a cantiga da “escovação” para ensinar hábitos de higiene e cuidados diários.



**Figura 3: Círculo de Cultura, prática em sala de aula.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

Antes das atividades na horta, as educadoras realizam atividades lúdicas para o cuidado com a terra e para a conscientização da importância do campo em suas vidas. O tema agricultura é trabalhado conforme a idade da criança. Ora com cantigas, histórias, e produções artísticas. Ora com a efetivação do plantio e colheita na horta da escola. Todas as atividades estimulam na construção do saber agrícola atrelado a alfabetização e letramento ou aos conteúdos das disciplinas da Grade Curricular.



**Figura 4: Atividades Agrícolas na horta.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

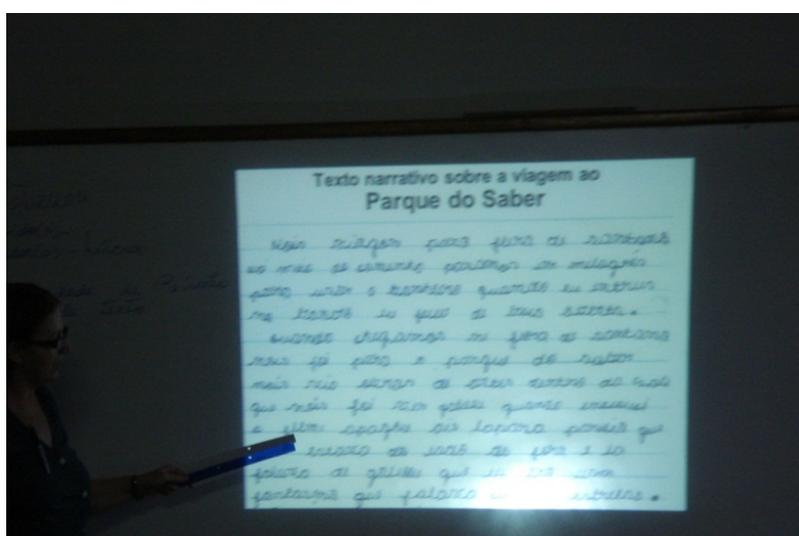
Na atividade externa, no pátio da escola, o Círculo de Cultura contribuiu na brincadeira de caça palavras. As crianças sentadas no chão, com auxílio da professora, procuraram sílabas e criaram palavras do seu universo vocabular. Cada aluno escreveu e explicou a sua palavra. Depois houve a discussão do tema “os animais do campo”. A brincadeira pelo círculo da cultura ajudou no processo de alfabetização e reflexão da palavra escrita.



**Figura 5: Atividade lúdica no Círculo de Cultura.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

Para os educandos do 4º ao 6º ano, o lema das turmas era “aprender a ler e escrever”. As dificuldades apontadas pelas educadoras foram de interpretação e compreensão de texto. E para os alunos já alfabetizados, usam como recurso gramatical os livros didáticos da biblioteca da escola.

Na atividade de análise e reescrita do texto, a educadora utilizou o projetor para expor os textos narrativos da viagem ao Parque do Saber elaborados pelos alunos. Nesta atividade houve a correção gramatical pelos próprios alunos. A educadora registrou na lousa as correções e os alunos no caderno. Com o auxílio do dicionário todos participaram sem constrangimentos.



**Figura 6: Atividade de análise e reescrita do texto.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

A biblioteca é utilizada tanto para as atividades como para consulta ou leitura ao acervo de livros. Os educandos podem utiliza-la todos os dias, respeitando os horários das demais aulas. A prática da leitura é, constantemente, valorizada.



**Figura 7: Atividade na Biblioteca.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

Na sala de informática, com auxílio do instrutor e da educadora, os alunos utilizam o computador para atividades de pesquisa e desenvolvimento. A sala serve também como cinema, para a apresentação de filmes educativos variados. A atividade realizada na semana foi à exposição do documentário da história da ERTE e 10 anos sem Paulo Freire. Os postulados freirianos para a vida dos campestres foi o tema proposto. Categorias como opressão, liberdade, democracia, inclusão e transformação social foram discutidas entre educandos e educadora. Finalizando com uma produção textual.

Quanto à rotina educacional, antes de iniciar as atividades, a diretora utiliza as caixas de som instaladas nas salas de aula para as instruções do dia ou para informações complementares. Primeiro, toca-se uma música e depois se segue as instruções, por exemplo, os horários dos intervalos para café da manhã, almoço, lanches, atividades exteriores, banho e dormida ou informações para as educadoras. Cada instrução tem sua própria música, criando um hábito comum nos alunos. Estimula-se e se prioriza a autonomia e a independência na realização da rotina e das tarefas diárias.



**Figura 8: Cooperação dos alunos no intervalo para almoço.  
Fonte: Acervo da pesquisa.**



**Figura 9: Momento da refeição, vista geral do refeitório.  
Fonte: Acervo da pesquisa.**

Todas as segundas-feiras pela manhã, há o momento cívico no pátio da escola, com o hasteamento da bandeira do Brasil e da escola e com o cantar do hino nacional e hino da ERTE.



**Figura 10: Momento Cívico.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

A práxis pedagógica torna-se eficiente por conta da exploração da leitura do mundo pelo diálogo não preconceituoso. Por isso, na ERTE, se prevalecem: o discurso da concepção freiriana de educação integral, a alfabetização crítica, a reflexão sobre a língua, o letramento (ou uso social da língua escrita) com contribuições do construtivismo, a autoestima e o desenvolvimento da espiritualidade.

Nessa perspectiva, a alfabetização deixa de ser meramente uma habilidade técnica adquirida, como assinala Freire e Macedo (2006), e torna-se o fundamento necessário para a liberdade consciente do cidadão.

Consciente de que educação também é política, que é conduzida pelos poderes políticos, observamos que:

A relevância política da exclusão dos analfabetos é particularmente sensível naqueles Estados mais pobres do País, onde as classes populares se encontram em níveis de vida que mal atingem o limite da mera subsistência. [...] dirigir-se diretamente para a grande massa dos surperexplorados e dos pauperizados, o pensamento e a prática educativas sugerem a necessidade da política (FREIRE, 2009, p. 27 e 34).

As crianças e adolescentes do interior da Bahia são exemplos de classes populares exploradas e no limite da subsistência.

São meninos e meninas pobres “posto a margem, sem direitos cívicos, [...] afastados de qualquer experiência de autogoverno. De dialogação” (FREIRE, 2009, p.84).

A população rural, a família do campo “além de agressões físicas e verbais, da violência doméstica, [...], vive dificuldades financeiras, econômicas, espirituais, afetivas e sociais, [...], sobretudo, uma crise de baixa auto-estima” (PEREIRA, 2005, p. 38).

Segundo Petrini (2003), esse bloqueio nas relações sociais devido às tensões internas e externas no seio da sociedade rurícola se reflete no silêncio condicionado.

Sem voz autêntica, sem opção, apenas sobrevivem forçosamente na antidemocracia. Mas, e a escola e a educação diante desses fatos?

Para Garcia (1997), há inúmeros porquês para justificar o fracasso escolar, para encobrir que a ignorância da população favorece a classe dominante e perpetua a opressão.

A concepção problematizadora e libertadora da educação conscientiza o camponês a romper com esta barreira do silêncio. Por isso, Freire e Faundez (2002), enfatizam que todo o conhecimento deriva de questionamentos, de perguntas.

Freinet (1998) aponta também, a educação pelo trabalho como uma alternativa válida para essa superação. Encontrando respaldo na proposta de alternância, que destaca o valor do trabalho produtivo para inserção e transformação do meio.

Diante disso, “a humanização é uma práxis que implica ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 77).

Ao assumir a educação como espaço/tempo de conscientização do ser que se sabe inconcluso, todo o trabalho por ela empreendido pode contribuir com a construção da humanidade do ser humano. Assim, as ideias apresentadas por Freire, parecem abrir possibilidades para uma afirmação de que a educação de infância, como espaço permanente de busca do ser mais, também pode ser assumida como um momento de experiência dialéctica da humanização dos seres humanos, no processo de relação dialógica entre educadores e educando. A constituição deste espaço/tempo como um *espaço/tempo infantil* não afasta a possibilidade do desenvolvimento de um trabalho que pretende cultivar os valores da solidariedade, do amor e da amizade, do respeito às diferenças, do senso crítico, do aprendizado dos direitos e dos deveres (ANGELO, 2006, p. 4).

Fazendo uma analogia com a pedagogia da alternância e a práxis pedagógica freiriana da ERTE, observamos que, ambas contemplam os aspectos para a formação integral do ser, para o seu desenvolvimento integral. Que abrange: o biológico, o psicológico, o cognitivo, o comportamental, o afetivo, o relacional, o sexual, o valorativo, o ético, o estético, o criativo, o artístico, o ambiental, o tecnológico, o profissional, o político, sobretudo o humano.

### **1.6. Preparação dos docentes**

Na alternância os educadores são denominados também de monitores. Os monitores são os componentes essenciais do sistema formativo.

Suas ações situam à criança e o adolescente em primeiro plano, assim o educador não é o detentor único do saber, mas o orientador, o mediador do conhecimento.

A lógica da alternância está na diversidade de “encontros e confrontos”, de acordo com Gimonet (2007), o monitor ou educador não pode estar centrado apenas na disciplina.

A complexidade educativa alternante faz dos educandos os atores socioprofissionais em formação com outros, em grupo. Na troca de experiências e nos questionamentos os alunos consolidam o novo saber.

Logo, o lidar com diferentes saberes pressupõe considerar e valorizar as realidades de vida humana.

Freire (2006) afirma que a natureza humana se constitui social e historicamente e não a priori. Somos seres históricos, nossa trajetória está marcada pela finitude, pela inconclusão, estamos impregnados de cultura e pertencemos a um mundo particular. “Para a finitude, que implica processo, reclame educação, é preciso que o ser nela envolvido se torne dela consciente” (FREIRE, 2006 p.75).

E na educação em alternância, mais que está inserido num espaço escolar, o educando pertence a um grupo de vida em processo de socialização.

O educador é fundamental para esse processo socializador. Ele assume um papel de generalista, ou seja, atua na educação, na formação, nos princípios geral, técnico e humano. Atua para a conscientização e a responsabilidade com o meio rural.

Segundo Romão (2000), na escola, as diferenças como gêneros, étnicas, culturais, biofísicas e cognitivas devem ser consideradas e respeitadas para permitir a construção da identidade, da individualidade e para realização da autonomia. Por isso, essas diferenças devem ser parte integrante do processo educativo.

Assim, a construção das relações educativas de maneira mais afetiva e pessoal se constitui como fator facilitador para o desenvolvimento das atividades de grupo, para as experiências de sala de aula e a para a convivência como um todo.

Nesse contexto relacional, o monitor/educador exerce o papel de orientador do processo. Os educandos associam ao papel de educador à imagem de pai, amigo ou irmão mais velho. Isso revela os traços afetivos constituídos nas interações entre educador e educando na formação em alternância.

De acordo com Silva (2003), o educador como responsável pela organização e articulação das atividades e conteúdos decorrentes das vivências dos alunos, faz a mediação pedagógica entre os planos de estudo e as atividades curriculares e extracurriculares.

Por isso, a formação na pedagogia da alternância parte do concreto, da prática, vão para o abstrato, a teoria, e retornam a prática. Corroborando aos princípios freirianos, se constitui em: ação – reflexão – ação, ou seja, ver, refletir e transformar. É uma experiência organizada que coloca o educando como protagonista da proposta, que prioriza a prática social, a realidade campestre e que visa intervenção e mudança social.

Assim, para Begnami e Gimonet (2004), o educador deve estar engajado no projeto. Sua profissão exige militância, não apenas competência técnica. O educador deve conhecer os princípios da pedagogia da alternância e gerir suas aulas numa perspectiva participativa e construtiva de conhecimento. Consciente das realidades sócio

política, econômica, cultural e ecológica do âmbito local deve desenvolver e aplicar as ações educativas em prol da sustentabilidade global.

Ainda com Gimonet (1999), podemos definir o monitor como um ator da complexidade, pois assume na diversidade de encontros e confrontos: as realidades da vida dos educandos, do seu mundo produtivo, do trabalho e da sua vida social no meio rural. E todas as funções do monitor devem ser exercidas com complementaridade no seio de um coletivo educativo.

Nesse sentido, a equipe da ERTE tem estudado, constantemente, os postulados freirianos e a pedagogia da alternância. Não apenas os educadores, mas todos os funcionários são orientadores e agem como monitores da instituição escolar.

A Formação Continuada dos docentes acontece mensalmente, em entrevista, Sonilda Sampaio (2011) explica:

[...] o Programa de Formação Continuada é um programa já reconhecido. Porque nós julgamos, desde o início, que era necessário um estudo dentro da própria escola, por conta das suas singularidades, especificidades. Por isso, não poderia ser qualquer formação, nós mesmos a organizamos e já são dez anos do Programa de Formação Continuada. Só que, o ano passado, em 2010, nós fizemos desse programa nosso, um trabalho de extensão, um projeto de extensão na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), onde eu leciono. O projeto foi aprovado e nós temos o apoio da UESB e da DIREC-13 (Diretoria Regional de Educação). Nós mesmos gerimos os encontros mensais, todos os contextos são relacionados e entregues com no mínimo de 30 dias de antecedência. E também, os próprios professores, formadores, monitores da escola também ministram as aulas. Nós nos organizamos dessa forma e depois recebemos uma avaliação da universidade em dezembro.

E a coordenadora pedagógica, Nalva Gomes (2011), acrescenta:

[...] vamos trabalhando nessa formação. Eles também fazem Pedagogia, a maioria está na faculdade, outros terminaram e alguns fazem Pós-Graduação. Semanalmente há o encontro pedagógico com cada professor. O professor iniciante, por trabalhar em dupla, vai se adaptando na sala de aula e tem o auxílio de uma professora mais antiga. Temos já selecionados os livros que vamos trabalhar com os professores durante este ano. [...] a história dos dez anos da ERTE, a ciência no mundo moderno, o professor pesquisador, o aluno pesquisador, a pedagogia da alternância em Paulo Freire, que trabalhamos sempre, pois todos conhecem e falam de Paulo Freire e se identificam com ele. Também vamos estudar a educação integral. Todos os professores já estão com textos. Estamos sempre nos reavaliando. Utilizamos sempre textos que tem muito a ver com a sala de aula, pois não adianta ficar estudando teóricos que não se aplica. Então, trabalhamos com coisas praticas e que precisamos aprender mesmo.

Das contribuições freirianas à causa educativa, notamos que o autor construiu muito mais que um método de alfabetização. Sua contribuição é filosófica e pedagógica, pois trata de questões sobre a produção do conhecimento para a educação popular.

Considerando que “todos nós temos o que muito que aprender com os camponeses e se a isto nos recusamos, nada a eles podemos ensinar” (FREIRE, 1981, p.

23). Destacamos cinco princípios da teoria freiriana para a práxis educativa:

- 1) Conhecimentos específicos do educando: reconhecer o educando como portador de conhecimento;
- 2) O conhecimento se constrói nas relações com a realidade: o conhecimento é construído na relação das pessoas entre si e com o mundo;
- 3) Conhecer o desconhecido a partir do conhecido: para construir o novo saber é preciso referencia-lo ao antigo saber, ou seja, fazer a leitura significativa do universo conhecido, já dominado pelo aluno.
- 4) Não há educação sem conteúdos: o conteúdo é o objeto do conhecimento e pelo diálogo educador e educando estabelecem os conteúdos significativos para a construção do conhecimento;
- 5) O conhecimento não deve esgotar-se na própria realidade: conhecer melhor o que já sabe e conhecer aquilo que não sabe. Isso favorece a conscientização para a transformação da realidade.

Quanto a essas questões, no marco operativo estão expressos que:

Toda ação pedagógica deve ser voltada para uma educação humana e solidária, libertadora, sempre em direção à realidade da criança e compromissada com o ser humano integral. [...]. O professor deve ser, muito mais, o mediador das aprendizagens. Alguém que está no ambiente escolar consciente de seu papel histórico enquanto adjunto da construção do conhecimento. [...] os conteúdos deverão ser ordenados a partir das necessidades reais e organizadas a partir de temas transversais que servirão de eixos norteadores para os projetos didáticos (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2006, p.10 e 11).

Para isso, no Regimento Interno:

Art. 21º - Compete ao Conselho Pedagógico:

III – criar condições para que os professores da escola desenvolvam projetos pedagógicos;

IV – apreciar os planos de trabalho das atividades do ano de cada professor oferecendo subsídios;

VII – participar da avaliação periódica do desempenho profissional e atitude pessoal do professor e de outros profissionais (REGIMENTO INTERNO, 2006, p.15).

O preparo da equipe docente é um requisito obrigatório para a práxis educativa libertadora e progressista, pois o trabalho educativo requer conhecimentos tanto da modalidade de alternância como dos conceitos freirianos.

Portanto, todas as ações da escola, refletem na constituição de parcerias a partir de relacionamentos continuados, ou seja, sua proposta abrange as relações aluno-aluno, professor-aluno, gestão-professor, gestão-aluno, funcionário-aluno, família-aluno, escola-família, escola-comunidade entre outros. Sempre, no intuito, de promover o êxito educacional e evitar o êxodo rural.

## **CAPITULO II – AS REPRESENTAÇÕES DOS EDUCADORES E EDUCANDOS**

### **2.1. As representações**

O objetivo deste Capítulo é transcrever os depoimentos e as respostas, coletados na pesquisa de campo, da equipe docente, da coordenadora pedagógica, das professoras itinerantes, da diretora e dos alunos da referida unidade escolar.

Representações são construções contextualizadas do sujeito enquanto sujeito social. Na Psicologia Social, segundo Moscovici (2009), as representações são definidas como conjuntos de explicações que exprimem o significado resultante da interação social, da realidade local e da subjetividade, ou seja, a representação é uma expressão da realidade intraindividual, ela articula elementos afetivos, mentais e sociais inerentes à realidade material, social e ideativa.

Deste modo, o conceito de representação utilizado neste trabalho se embasa na Psicologia Social e o nosso objetivo é compreender a relação entre práxis e teoria já internalizadas pelo grupo desta pesquisa e a maneira como este grupo percebe a realidade e o outro.

Pretendemos com a coleta de dados, evidenciar e identificar os resultados, os avanços e as dificuldades do trabalho educativo, bem como, do processo de alfabetização de crianças e adolescentes, ambos mediados pela perspectiva de Paulo Freire e da Pedagogia da Alternância.

Para a equipe docente, formulamos um questionário com doze questões. Ao todo quinze professores contribuíram com a pesquisa. Este número equivale a 100% de participação do grupo docente, os demais educadores não estavam presentes na escola durante a coleta de informações devido a férias ou curso. O questionário foi entregue aos educadores na reunião pedagógica, onde foram explicados os objetivos da pesquisa e o prazo de entrega foi de um dia. O ponto de análise das questões é a aplicabilidade metodológica na proposta da ERTE.

Para a coordenadora pedagógica, realizamos uma entrevista semiestruturada, com vinte e cinco questões. O objetivo foi analisar o trabalho educativo desenvolvido na unidade, a teoria e metodologia aplicada à práxis norteada pelas diretrizes educativas da alternância regida pelos princípios freirianos.

Elaboramos treze questões para a entrevista semiestruturada com as professoras itinerantes, esta foi realizada em conjunto e logo após a jornada de trabalho na zona rural. O objetivo foi conhecer e compreender as especificidades do trabalho educativo itinerante e o seu significado na alternância da escola.

Para a diretora e gestora da unidade, elaboramos uma entrevista semiestruturada com vinte e três questões. E algumas destas questões são semelhantes aos dos outros entrevistados, propositalmente, para averiguar possíveis contradições. Utilizamos o gravador e a filmadora para registrar o depoimento. O objetivo foi analisar e comparar semelhanças e diferenças entre os depoimentos dos demais participantes da pesquisa, assim como, averiguar se teoria e prática são efetivamente aplicadas segundo os propósitos da proposta da ERTE.

Pedimos aos alunos vigentes do primeiro grupo alternante, do Ensino Fundamental I e II, que produzissem um texto sobre a escola. Para o trabalho proposto, selecionamos e analisamos quarenta e seis produções textuais, equivalente a uma amostra de 20% do total da coleta. Restringimos a este número, devido aos depoimentos similares e as representações no formato de desenho, principalmente, das crianças do primeiro ao terceiro ano. Este critério de seleção não significa uma redução ou exclusão de informações, selecionamos cuidadosamente e criteriosamente a amostra, para assim expor a ideia em comum dos educandos do primeiro grupo.

### **2.1.1. As treze professoras e os dois professores**

#### **Questionário de pesquisa elaborado para a equipe docente da ERTE Jaguaquara – Bahia.**

Obrigada por responder o questionário e autorizar a divulgação desta pesquisa para a construção e desenvolvimento da Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Nove de Julho – São Paulo.

#### **Verão de 2011.**

#### **Dados de identificação.**

**Professora 1: Adilene Costa Almeida Santos.** 36 anos, professora regente de sala, trabalha desde a fundação da escola, formada em Magistério, está cursando Pedagogia e leciona para 2º ano das séries iniciais. Participou nos últimos doze meses de cursos de Linguística de Formação Continuada, Linguística e Ensino de Leitura e Escrita, Currículo, Agricultura Familiar, Avaliação, Educação do Campo, Pedagogia de Alternância, Ludicidade, Alfabetização, Interatividade no Ambiente Virtual, Releitura de Paulo Freire, Demandas Atuais da Alfabetização, Desenvolvimento Humano e o Sistema da Educação Formal.

**Professora 2: Eliane Costa Araújo Vaes.** 32 anos, professora regente de sala, trabalha desde a fundação na escola, formada em Magistério, está cursando Pedagogia e leciona para o 4º ano ou 3º série (turma do cuidado). Participou nos últimos dozes meses de cursos de Linguística e Ensino de Literatura e escrita, Linguística aplicada do Ensino da Língua Portuguesa, Educação do Campo, Pedagogia de Alternância, Ludicidade, Alfabetização, Currículo, Avaliação, X da Questão e Agricultura Familiar.

**Professora 3: Marinilda Almeida Vieira Souza.** 36 anos, professora regente de sala, trabalha a mais de cinco anos na escola, formada em Magistério, está cursando Pedagogia e leciona para o 2º ano ou 3º série. Participou nos últimos doze meses de cursos de Linguística e Ensino de Leitura e Escrita, Linguística Aplicada ao Ensino da

Língua Portuguesa, Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Ludicidade, Alfabetização, Currículo, Avaliação, X da Questão, Agricultura Familiar e na II Conferência Municipal de Educação Especial.

**Professora 4: Marta dos Santos Souza.** 38 anos, professora regente de sala, trabalha a mais de cinco anos na escola, formada em Magistério, está cursando Pedagogia e leciona para o 3º ano ou 2ª série. Participou nos últimos doze meses de cursos de Linguística e Ensino de Leitura e Escrita, Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa, Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Ludicidade, Alfabetização, Currículo, Avaliação, X da Questão, Agricultura Familiar e na II Conferência Municipal de Educação Especial.

**Professora 5: Maria da Conceição Trindade Pellegrini.** 44 anos, Pedagoga, professora regente de sala, trabalha desde a fundação na escola e leciona para a 3ª e 4ª série. Participou nos últimos dozes meses de cursos de Formação Continuada da ERTE.

**Professora 6: Sandra Martins de Souza.** 38 anos, Pedagoga com Pós-Graduação em Letramento e Alfabetização, professora regente de sala, trabalha desde a fundação da escola e leciona para o 6º e 7º anos ou 5ª e 6ª séries. Participou nos últimos dozes meses de cursos de Formação Continuada da ERTE.

**Professora 7: Vilmaci dos Santos Dias.** 30 anos, professora regente de sala, trabalha desde a fundação na escola, formada em Magistério, está cursando Pedagogia e leciona para 5ª e 6ª séries. Participou nos últimos dozes meses de cursos de Formação Continuada sobre Educação do Campo e Pedagogia da Alternância, Leitura e Escrita, Ludicidade, Agricultura Familiar, Avaliação, X da Questão e Reprovação.

**Professora 8: Cátia Leliana Coelho dos Santos.** 31 anos, professora regente de sala, trabalha desde a fundação na escola, formada em Magistério, está cursando Pedagogia e leciona para o 5º ano ou 4ª série. Participou nos últimos dozes meses de cursos de Linguística e Ensino de Leitura e Escrita, Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa, Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Ludicidade, Alfabetização, Currículo, Avaliação, X da Questão, Agricultura Familiar e na II Conferência Municipal de Educação Especial.

**Professor 9: Nome não autorizado.** 44 anos, técnico em informática, instrutor de alunos e professores, trabalha a mais de cinco anos. Participou nos últimos doze meses de cursos de Web Design, CSS, Java script, Action script e outros relacionados à informática.

**Professora 10: Nalva Oliveira Gomes.** Pedagoga, professora e coordenadora pedagógica desde a fundação da escola. Participou nos últimos dozes meses de cursos de Formação Continuada da ERTE.

**Professora 11: Azenália Pereira dos Santos.** 46 anos, professora itinerante, trabalha desde a fundação da escola, formada em Magistério e leciona para os alunos no campo, na residência rural. Participou nos últimos doze meses de cursos de Formação Continuada dos Docentes, Demandas Atuais da Alfabetização, Psicogênese da Língua Escrita, Alfabetização e Letramento entre outros.

**Professora 12: Juliana Cardoso Bastos Santos.** 31 anos, Graduada em História, professora regente de sala, trabalha a menos de cinco anos e leciona para o 3º ano ou 2º série. Participou nos últimos doze meses de cursos de *Libras (Língua Brasileira de Sinais), Educação do Campo e Pedagogia de Alternância, Leitura e Escrita, Ludicidade e na II Conferencia Municipal das Cidades.*

**Professor 13: José Jorge Almeida Pereira.** 55 anos, professor, Bacharel em Teologia e Licenciado em Filosofia com Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior, trabalha desde a fundação na escola e leciona para 3º, 4º, 5º e 6º séries. Participou nos últimos dozes meses de cursos de Formação Continuada da ERTE.

**Professora 14: Lucia Maria de Argôlo.** 51 anos, professora regente de sala, trabalha a menos de cinco anos na escola, formada em Magistério e leciona para a 5º e 6º série. Participou nos últimos doze meses de cursos de Formação Continuada com certificação pela Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB), com os temas: Pedagogia de Alternância, Currículo, Agricultura e Educação no Campo, Leitura e Escrita, Ludicidade e Reprovação.

**Professora 15: Eline Santana Ramos Sousa.** 29 anos, professora regente de sala, trabalha desde a fundação na escola, formada em Magistério, está cursando Pedagogia e leciona para o 4º ano ou 3º série. Participou nos últimos doze meses de cursos de

Formação Continuada da ERTE com os temas: Linguística e Ensino da Leitura e Escrita, Educação do Campo, Pedagogia de Alternância, Ludicidade, Reprovação e Avaliação.

#### **A) Processo de alfabetização**

##### **1. Quais os problemas mais frequentes durante o processo de alfabetização?**

**Professora 1:** *Acompanhamento dos pais nas tarefas dos filhos, salas muito cheias e família desestruturada, os pais não se respeitam. Tudo isso influi no processo da alfabetização.*

**Professora 2:** *A falta de interesse pelas leituras diversificadas pelos educandos e um ambiente não alfabetizador. O não acompanhamento das tarefas de casa pelos pais.*

**Professora 3:** *Dificuldades de aprendizagem pelos educandos e a falta de acompanhamento dos pais durante o período que ficam em casa.*

**Professora 4:** *Falta de interesse na aprendizagem pelos educandos. Dificuldade de aprendizagem dentre outros.*

**Professora 5:** *A falta de interesse dos educandos, por se tratar de crianças e adolescentes campestres que não tem muita autoestima, em muitos casos, eles não acreditam que podem aprender.*

**Professora 6:** *A falta de incentivo dos familiares, pois a grande maioria vê a escola, em principio, como um espaço apenas de acolhimento. Demandando em um tempo maior de conscientização da importância e necessidade em alfabetizar-se.*

**Professora 7:** *Falta de acompanhamento da família. Os educandos só tem contato com o mundo da leitura quando está na escola.*

**Professora 8:** *Dificuldade de aprendizagem. Defasagem idade-série.*

**Professor 9:** *No meu entender são os pequeninos que ainda não sabem ler e escrever.*

**Professora 10:** *As dificuldades causadas pela desnutrição, o sentimento de menos valia e a falta de incentivo e acompanhamento da família.*

**Professora 11:** *Defasagem da idade e série.*

**Professora 12:** *A falta de estímulo que o educando traz no seu interior de que ele não é capaz de aprender e ensinar.*

**Professor 13:** *Dificuldade do aluno em aprender o conteúdo. Dispersão: concentração deficitária.*

**Professora 14:** *A falta de atenção e o desinteresse na realização das atividades, a pouca ou quase nenhuma cultura das famílias.*

**Professora 15:** *A distorção idade série, a falta da participação mais efetiva dos pais no processo de alfabetização.*

## **2. Quais as alternativas para sanar as dificuldades encontradas?**

**Professora 1:** *O acolhimento, em primeiro lugar, em seguida a valorização de cada criança que, sem dúvida, levantará a autoestima*

**Professora 2:** *O educador pode proporcionar e transformar a sala de aula em um ambiente alfabetizador, com tipologias textuais, isto despertará no aluno o prazer pela leitura.*

**Professora 3:** *Realizar atividades diversificadas de acordo com a realidade dos educandos.*

**Professora 4:** *Procurar buscar desenvolver atividades visando à realidade dos educandos. Trazer textos interessantes, criar na sala um ambiente alfabetizador e aconchegante.*

**Professora 5:** *Trabalhar a autoestima deles. Embasado em estudos constantes e atrelado a uma prática pedagógica que, venha envolvê-los de forma prazerosa e construtiva.*

**Professora 6:** *A busca de conscientização tanto dos pais quanto dos educandos, bem como a diversificação nas técnicas de ensino.*

**Professora 7:** *Conscientizar as famílias para a importância desse processo.*

**Professora 8:** *Trabalhar a partir da realidade das crianças. Estimular a leitura de diversos tipos de textos. Oportunizar um ambiente alfabetizador.*

**Professor 9:** *Baixar na internet jogos educativos para o aprendizado da escrita e leitura.*

**Professora 10:** *Buscar teóricos e nas experiências já vividas, a maneira de chegar a cada criança e fazê-la despertar.*

**Professora 11:** *Na ERTE os alunos são agrupados por idade.*

**Professora 12:** *Trabalhar a autoestima, estimulando o educando a mostrar as habilidades que estão escondidas no seu interior.*

**Professor 13:** *Recursos pedagógicos adaptativos à faixa etária do aluno. Recursos motivadores do interesse e de atenção.*

**Professora 14:** *Criando meios e ou caminhos que possibilitem a descoberta do conhecimento pelos educandos, de forma que, eles sejam sujeitos do conhecimento.*

**Professora 15:** *Agrupando os nossos alunos por idade, isso facilita o desenvolvimento das atividades propostas. Promovemos reuniões de pais com cursos para que possam interagir com a escola.*

### **3. Quais as atividades realizadas na sala de aula para construção do conhecimento?**

**Professora 1:** *Atividades envolvendo leituras como: letra de música, pequenos textos produzidos pelos educandos, histórias contadas, literatura infantil, textos informativos e etc.*

**Professora 2:** *Roda de leitura, textos voltados para a realidade do aluno, atividades lúdicas e textuais.*

**Professora 3:** *Textos que condizem com a realidade dos educandos, atividades com ludicidade, jogos de competição.*

**Professora 4:** *Projetos de vivências, textos coletivos dentre outros.*

**Professora 5:** *Atividades de socialização e interatividade onde eles possam expressar de diversas maneiras o conhecimento adquirido. Partindo da realidade e dos saberes rurais sem preconceito linguístico.*

**Professora 6:** *Conversas, leituras diárias (individual e ou coletiva), produção de textos (individual e ou coletivo), atividades práticas, uso de jogos, projetos.*

**Professora 7:** *Atividades que deem visibilidade a realidade rural, para que o educando através de várias leituras e pesquisas construa seu conhecimento. Situando-se cidadão participativo e protagonista do processo educativo.*

**Professora 8:** *Leitura, produção textual e jogos.*

**Professor 9:** *Sem resposta.*

**Professora 10:** *Atividades relacionadas aos conteúdos trabalhados, sempre, sendo aplicadas de forma lúdica e motivadora.*

**Professora 11:** *Sem resposta.*

**Professora 12:** *Atividades de socialização e interação que possam desenvolver no educando o conhecimento e o senso crítico.*

**Professor 13:** *Exercício de leitura. Atividades sugeridas pelos livros didáticos. Dinâmica de conteúdo e participação do aluno nos exercícios de classe.*

**Professora 14:** *Leituras e depoimentos orais, atividades de escrita e produções textuais alusivas ao tema estudado, realização de projetos, vídeo-aulas, correção de todas as atividades escritas, apresentações de slides, etc.*

**Professora 15:** *Usamos muitos textos diversificados, trabalhando o rural como eixo temático. O lúdico é muito importante nesse processo.*

## **B) Itinerância**

### **4. Quais os objetivos das visitas dos professores na residência dos alternantes?**

**Esses são alcançados? Como são organizadas essas visitas?**

**Professora 1:** *Acompanham os educandos nas tarefas que serão realizadas em casa, para conhecer de perto a realidade de cada um. As visitas são organizadas pelas professoras itinerantes e, às vezes, por um professor regente da escola.*

**Professora 2:** *Buscar conhecer de perto a realidade das famílias dos educandos. As visitas são realizadas durante o período em que os alunos retornam para suas casas. O professor itinerante faz o acompanhamento das atividades que os alunos levam para casa como suporte para contribuição para seu desenvolvimento cognitivo. E também é feito o acompanhamento do plantio realizado pelo educando.*

**Professora 3:** *Conhecer a realidade dos educandos, correção das atividades levada para casa. Acompanhar na realização dessas atividades, mas não porque eles não cuidam do material enviado para casa. Há um revezamento de professores.*

**Professora 4:** *O objetivo principal é conhecer a realidade do aluno, corrigir as atividades que são levadas para casas. Às vezes, a correção das atividades fica difícil, porque os alunos não têm o material necessário para respondê-las. Cada professora tem um dia para fazer as visitas.*

**Professora 5:** *Estar mais perto da realidade dos educandos e seus familiares. Sim, pois as visitas são feitas quando eles estão no campo em contato com a família. São organizadas por regiões, pois temos alunos em diversas regiões de Jaguaquara e outras cidades circunvizinhas.*

**Professora 6:** *Conhecer a realidade dos educandos.*

**Professora 7:** *Fazer acompanhamento das atividades escolares e agrícolas que os educandos levam para casa no mês que estes fora da escola. Essas visitas são feitas pelos professores itinerantes, mas quando os professores de sala sentem necessidade de ir à casa de um educando para conhecer a realidade, isso acontece. Então, voltamos de lá, totalmente, comovidos e compreendendo melhor as particularidades dos educandos.*

**Professora 8:** *Acompanhamento das tarefas de casa e conhecer a realidade vivida pelos alunos.*

**Professor 9:** *Sem resposta.*

**Professora 10:** *Conhecer a realidade em que está inserido cada educando. As visitas são organizadas por escalas.*

**Professora 11:** *Dar continuidade ao trabalho do educador da sala de aula, trazendo os resultados positivos e negativos para o professor procurar sanar as dificuldades encontradas pelos educandos. Na maioria dos casos sim. As visitas são feitas por duas professoras itinerantes e, às vezes, os docentes também vão à zona rural, para assim, estar por dentro da realidade dos educandos.*

**Professora 12:** *Dar suporte necessário ao educando para que ele possa continuar desenvolvendo suas habilidades e competências fora do espaço escolar. Sim, o que facilita sua evolução no processo de aprendizagem. As visitas são feitas para auxiliar os alunos nas atividades dos períodos opostos.*

**Professor 13:** *Aproximar a escola das famílias dos educandos. Solidificar - mediante exercícios feitos nas residências – os conteúdos obtidos na escola. Criação de laços do binômio entre família-escola. Estes objetivos são alcançados muito bem. As visitas são organizadas por região: enquanto um grupo está na escola, as atividades do outro grupo são preparadas e vice-versa.*

**Professora 14:** *Criar uma relação dialógica entre campestres e educadores, propiciando a valorização dos saberes rurais, além de fornecer pressupostos básicos para o plano de ação do docente.*

**Professora 15:** *Acompanhar o desenvolvimento das atividades pedagógicas que são levadas pelas crianças, identificando as dificuldades encontradas pelas crianças na resolução das questões e trazendo essas dificuldades para serem trabalhadas em sala. Sempre que possível, o próprio professor também acompanha as visitas para conhecer melhor a realidade de seus alunos.*

### **C) Proposta Pedagógica**

- 5. Quais os pontos positivos e negativos para desempenhar sua função na proposta pedagógica da ERTE?**

**Professora 1:** *Positivos: Formação Continuada, apoio por parte da direção e coordenação. Negativos: Sem resposta.*

**Professora 2:** *Positivos: A formação continuada durante o ano letivo. A grande contribuição dos encontros de planejamento. Negativos: Sem resposta.*

**Professora 3:** *Positivos: O contato com essas crianças carentes nos faz mais humano. É muito gratificante. Negativos: A falta de segurança no trabalho devido à instabilidade em que vivemos.*

**Professora 4:** *Positivos: Um dos pontos positivos é a interação com a direção, o convívio com os colegas e o olhar para a criança com o olhar de Jesus. Negativos: Um dos pontos negativos é a falta de estabilidade no trabalho, sem direito as férias, decimo terceiro dentre outros.*

**Professora 5:** *Positivos: Gosto do que faço, pois nasci e cresci no campo. Os estudos constantes, o bom relacionamento com os alunos e a autonomia para desenvolver nossa função de educador. Negativos: Sem resposta.*

**Professora 6:** *Positivos: Aqui temos liberdade para trabalhar e estamos sempre estudando para melhor compreender o processo de ensino e aprendizagem. Negativos: A falta de apoio da família.*

**Professora 7:** *Positivos: Formação Continuada; Acompanhamento Pedagógico por parte da coordenadora e direção; Consciência do processo educativo á luz dos postulados de Jesus Cristo e Paulo Freire. Negativos: Salas cheias, às vezes, falta material didático.*

**Professora 8:** *Positivos: O convívio com os colegas de todas as áreas, o apoio que a direção tem com todos e também o apoio da coordenadora. E o amor pelas crianças que cresce a cada dia. Negativos: Falta de estabilidade. Falta de salários dignos e a falta de direito que todo trabalhador tem. Falta de recursos para as crianças viver melhor.*

**Professor 9:** *Positivos: Apoio aos projetos elaborados pelos professores, o desempenho dos professores em sala de aula, o carinho em ensinar alunos com dificuldades na*

*aprendizagem. Negativos: Repor todas as máquinas (computadores) do laboratório de informática.*

**Professora 10:** *Positivos: Estudar Paulo Freire mais profundamente. Negativos: Sem resposta.*

**Professora 11:** *Positivos: A carência do afeto e a aproximação com cada um como se fossem um dos nossos, pois nos apegamos a eles. Apoio por parte da direção. A união entre nós colegas. Negativos: Carros inadequados para zona rural. Estradas de péssima qualidade. Professor mal remunerado.*

**Professora 12:** *Positivos: As capacitações frequentes. A autonomia que temos para desempenhar nosso papel de educador dentro da proposta pedagógica sugerida pela escola. Negativos: Sem resposta.*

**Professor 13:** *Positivos: A possibilidade de participar da construção de vidas ainda desabrochando. A relação com a criança. Como aprendemos! O aprender na prática de construção do saber.*

**Professora 14:** *Positivos: Sentir-se desafiado a inovar, constantemente, a metodologia utilizada. Disponibilidade de recursos materiais adequados á realidade das crianças. Contribuir para formação das crianças carentes. Negativos: Os existentes não são suficientes para obnubilar os positivos.*

**Professora 15:** *Positivos: A oportunidade de crescimento profissional e pessoal que a escola nos oferece é o maior ponto positivo. Negativos: A falta de um vínculo trabalhista definitivo.*

#### **D) O educando rural**

##### **6. Como você define a criança e o adolescente do campo?**

**Professora 1:** *Criança e adolescente que devem ser respeitados no falar diferente e que, com certeza, estão no processo da busca de aprendizagens.*

**Professora 2:** *Como um sujeito que tem sonhos e que está sempre lutando para conquista-los.*

**Professora 3:** *Uma pessoa especial com seus valores e crenças*

**Professora 4:** *Eu defino a criança e o adolescente do campo, como uma pedra preciosa que precisa ser lapidada todos os dias, cada uma com seu valor e com seu brilho.*

**Professora 5:** *Pessoas que tem as mesmas possibilidades de aprender como qualquer criança e adolescente.*

**Professora 6:** *Como um ser pensante e em constante transformação.*

**Professora 7:** *Um ser em desenvolvimento e que tem todas as possibilidades de aprender.*

**Professora 8:** *Como uma criança que tem possibilidades de aprender.*

**Professor 9:** *Crianças muito carentes de amor, carinho, principalmente dos pais. A ERTE é a sua segunda casa e os professores são pessoas com quem eles conversam pra falar dos problemas.*

**Professora 10:** *Como qualquer criança ou adolescente, só que com bem menos oportunidades.*

**Professora 11:** *Como uma caixinha de surpresas, eles nos surpreendem a cada dia. Muitas vezes, aprendemos com elas, pois tem muito a nos ensinar.*

**Professora 12:** *Crianças capazes de aprender e transformar a realidade do mundo através da leitura e da escrita.*

**Professor 13:** *Ser da estranheza. Do que não faz parte com frequência do universo campestre. Por exemplo: uma criança fez cocô no quarto onde dormia, no chão, pelo costume de fazer cocô no mato e outras práticas. A escola ensina também no aspecto comportamental*

**Professora 14:** *Como um ser humano normal, com qualidades e limitações inerentes a todos os outros da espécie, merecedor de carinho e respeito, capaz de participar de sua formação como agente construtor de história.*

**Professora 15:** *É uma criança dotada de todas as possibilidades de aprendizagem. O fato de ser pobre e do campo não é um fator que o impeça de construir conhecimento.*

**7. Para você como a criança e o adolescente do campo se desenvolve e aprende?**

**Professora 1:** *A partir do momento que as mesmas encontram apoio, solidariedade, amor, afeto, acolhimento, etc.*

**Professora 2:** *Sendo respeitado e valorizado nas suas singularidades e nas diversidades culturais.*

**Professora 3:** *Sem resposta.*

**Professora 4:** *Visando os interesses de suas realidades.*

**Professora 5:** *Sendo respeitada em suas singularidades, acolhidas como sujeito de cultura diferente e, sobretudo, imerso numa prática pedagógica libertadora.*

**Professora 6:** *A partir do momento que se compreende um ser coletivo e capaz de transformar a sua realidade.*

**Professora 7:** *Para que o desenvolvimento e a aprendizagem dos educandos campestres tenham, ou melhor, sejam significativas, eles precisam ser respeitados no seu jeito de ser, falar, andar, vestir, etc.*

**Professora 8:** *Partindo do conhecimento de sua realidade.*

**Professor 9:** *Cada criança e adolescente tem uma maneira diferente de aprender. Cabe aos professores procurar um método de ensino onde os alunos aprendam brincando e cantando.*

**Professora 10:** *Para eles tudo é mais difícil, os programas governamentais tem muita propaganda e pouco de efetivo para proporcionar chances a esses, em sua maioria, excluídos. Aprendem da mesma forma que os urbanos são capazes e inteligentes*

**Professora 11:** *A partir do conhecimento e da realidade de cada um.*

**Professora 12:** *Como as outras crianças dos centros urbanos, principalmente, quando o processo de ensino trata da sua realidade.*

**Professor 13:** *Por meio do ensino paciente e persistente, repetitivo e de atividades lúdicas, dentro e fora da sala de aula.*

**Professora 14:** *Através da orientação do educador, eles vão construindo o conhecimento a partir de uma prática pedagógica participativa, onde educando e educador se envolvem.*

**Professora 15:** *Quando o processo se utiliza de todo tipo de recursos didáticos para que aconteça a construção desse conhecimento. Não é uma relação A/B, e sim de compartilhamento.*

#### **E) Recurso didático**

##### **8. Qual material ou recurso didático mais utilizado na sua sala de aula?**

**Professora 1:** *Alfabeto móvel, sucatas, vídeos, textos, artes, histórias, músicas, etc. Muito trabalho lúdico.*

**Professora 2:** *Variedades de textos, vídeos, livros e atividades lúdicas.*

**Professora 3:** *Jogos educativos, livros de história, televisão com pendrive e textos diversos.*

**Professora 4:** *São vários os recursos didáticos, jogos educativos, biblioteca, sala de computação, datashow, livros de histórias dentre outros.*

**Professora 5:** *Gosto muito de conversar com os alunos, olhar nos olhos, ouvi-los e combinar as atividades diárias. Produzir textos diversos, revistas, filmes que facilitam o entendimento do que está sendo abordado e que tenha significado.*

**Professora 6:** *Livros.*

**Professora 7:** *Na série que agora leciono o recurso mais usado é o livro didático, claro que, sempre que necessário são feitas as adaptações à realidade dos educandos.*

**Professora 8:** *Livro de literatura, quadro, lápis, cadernos, jogos educativos e os livros didáticos. Data show, dicionários, vídeos, etc.*

**Professor 9:** *A internet, as apostilas e os programas educativos.*

**Professora 10:** *Livros.*

**Professora 11:** *Sem resposta.*

**Professora 12:** *Alguns tipos de textos, as rodas de bate-papo, literatura Infantil, filmes educativos, músicas educativas, jogos e brincadeiras.*

**Professor 13:** *Datashow, desenho, pintura, livro didático.*

**Professora 14:** *Buscamos diversificar os recursos didáticos, utilizando do livro didático ao Datashow com slides bem elaborados, além de cadernos atividades xerocados.*

**Professora 15:** *A sala de aula é o espaço organizado pelo professor que pode ser até embaixo de uma árvore. Utilizo todos os recursos disponíveis na escola: Datashow, biblioteca, lego-dacta, horta, a área da escola.*

**9. Você considera a cartilha um recurso indispensável para o processo de alfabetização da criança e do adolescente do campo.**

(  ) Sim (  ) Não **Por quê?**

**Professora 1:** (  ) Não. *Porque é necessário trabalhar a bagagem que cada criança trás, focando a própria realidade.*

**Professora 2:** (  ) Não. *A cartilha não contém textos que contribuiria para uma diversidade cultural.*

**Professora 3:** (  ) Não. *Porque se aprende a ler de várias outras formas, utilizando diversos materiais que contém textos.*

**Professora 4:** (  ) Não. *Aprender a ler e escrever são experiências, extremamente, agradáveis e simples, mas também penosa e frustrante se não se trabalhar de uma maneira certa.*

**Professora 5:** (  ) Não. *Porque falta significado. Paulo Freire afirma que só pode haver interesse pelo saber se este for significativo para vida. (1994)*

**Professora 6:** (  ) Não. *A grande maioria das cartilhas não contemplam as necessidades de nenhum sujeito, especialmente os campestres.*

**Professora 7:** ( X ) Não. *Porque a cartilha é um material que vem pronto e, na maioria, totalmente, fora da realidade do alfabetizando.*

**Professora 8:** ( X ) Não. *Temos que colocar a criança em contato com as coisas da vida de forma prazerosa e rica, tendo clareza de que, o ato de ler leva a criança a escrever utilizando os mais diversos gêneros textuais.*

**Professor 9:** *Sem resposta.*

**Professora 10:** ( X ) Não. *Porque eles não são feitos e nem pensados para eles.*

**Professora 11:** ( X ) Não. *Porque não se enquadra na nossa realidade, pois nosso trabalho é o diferencial.*

**Professora 12:** ( X ) Não. *Porque a maioria das cartilhas hoje não tem uma significação para o homem do campo, o que dificulta sua utilização no processo de alfabetização.*

**Professor 13:** ( X ) Sim. *Porque permite ao aluno vivenciar o novo no aspecto pedagógico, uma forma nova de construção do conhecimento.*

**Professora 14:** ( X ) Não. *Consideramos a cartilha um instrumento de conteúdo limitado e alheio à realidade do educando e sua prática de vida campestre.*

**Professora 15:** ( X ) Não. *A cartilha está longe da nossa realidade rural, a adaptação é necessária.*

#### **10. Como você define o processo de alfabetização da escola?**

**Professora 1:** *O processo de alfabetização da ERTE é sócio interacionista.*

**Professora 2:** *Baseado nos postulados de Paulo Freire a educação é progressista e libertadora.*

**Professora 3:** *Um processo que atende as necessidades de seus educandos.*

**Professora 4:** *O processo de alfabetização da ERTE é um processo lento, pois cada educando tem o seu tempo de aprendizagem.*

**Professora 5:** *Temos buscado desenvolver atividades com os educandos a partir dos seus reais interesses e de suas vivências anteriores à escola, mas ainda temos muito a fazer.*

**Professora 6:** *Como um processo de construção concreta que se amplia a cada momento, levando-se em consideração o contexto do educando e sempre respeitando a sua cultura e língua.*

**Professora 7:** *A ERTE alfabetiza seus educandos partindo da realidade social, da vivência e dos seus interesses, numa perspectiva progressista, libertadora e construtivista.*

**Professora 8:** *A alfabetização na ERTE acontece durante todo o processo de escolarização das crianças. Ele não se limita em apenas um ano ou ciclo.*

**Professor 9:** *Sem resposta.*

**Professora 10:** *Processo contínuo respeitando a cultura e o conhecimento trazido por eles.*

**Professora 11:** *Ótimo. Encontramos apoio da coordenação, com planejamentos e recursos didáticos.*

**Professora 12:** *O processo de alfabetização é feito gradativamente respeitando a fase de desenvolvimento em que se encontra cada educando.*

**Professor 13:** *Ao aluno é dada a possibilidade de despertar para o conhecimento. Às vezes, somente após, um longo esforço de leva-lo à aprendizagem, de repente, ele acorda e surpreende. O caminho – embora não seja suave – é compensador.*

**Professora 14:** *Como algo gratificante e compensador, uma vez que, o educando campestre, na sua grande maioria, é carente de um ambiente alfabetizador na casa onde convive.*

**Professora 15:** *Muito bom. Os professores são preparados, temos a nossa disposição muito material de apoio pedagógico, este nos auxiliam a resolver as dificuldades do processo.*

**F) Paulo Freire e Pedagogia da Alternância**

**11. Como você articula, no processo de ensino e aprendizagem, a teoria do conhecimento de Paulo Freire à prática da pedagogia da alternância, nesta unidade escolar?**

**Professora 1:** *Consciente de que sou apenas mediadora nesse processo. Procuro desenvolver atividades que envolvam a sua realidade.*

**Professora 2:** *Buscamos desenvolver atividades que valorizam o conhecimento e as vivências do educando.*

**Professora 3:** *Procuramos trazer para a escola materiais que tenham significado para os educandos. Coisas relacionadas com a cultura deles.*

**Professora 4:** *Segundo a teoria do conhecimento de Paulo Freire, só pode haver interesse pelo saber se este for significativo para a vida. Na ERTE buscamos desenvolver atividades com os educandos a partir de seus reais interesses e de suas vivências.*

**Professora 5:** *Eu como mediadora da aprendizagem busco partir da realidade dos alunos, desafiando-os a desejar adquirir outros conhecimentos através da ação-reflexão significativa.*

**Professora 6:** *Partindo da realidade dos educandos, no sentido de, compreendê-los e buscar as transformações necessárias.*

**Professora 7:** *Para que o processo dessa pedagogia tenha significado, procuro sempre, envolver ações do cotidiano dos educandos, para que eles se sintam valorizados e participantes ativos do processo de sua aprendizagem e o meu papel nesse processo é de mediador.*

**Professora 8:** *Como uma educação permanente.*

**Professor 9:** *Sem resposta.*

**Professora 10:** *É muito fácil, respeitando e acolhendo, enfatizando o diálogo e promovendo a autonomia.*

**Professora 11:** *Partindo da realidade de cada criança, ampliando, assim, os conhecimentos para que as crianças desenvolvam as habilidades necessárias.*

**Professora 12:** *Como educadora valorizo a diversidade cultural do educando e estímulo a buscar novos horizontes e nossos saberes no processo de ensino aprendido.*

**Professor 13:** *A escola segue e busca ser fiel aos postulados deste notável pensador. É na prática freiriana. Paulo Freire vive na ERTE a atualidade de seus princípios que, tem se mostrado eficazes.*

**Professora 14:** *Partindo do princípio de que, a educação como conhecimento é um processo onde todos ensinam e todos aprendem, é uma troca criadora e recriadora, onde há sempre algo a compartilhar, a descobrir, a interpretar, perspectivas múltiplas de ação.*

**Professora 15:** *Partimos da realidade da criança, ampliando os horizontes, de maneira que ela não só domine o que já conhece, mas que tenha conhecimento de outros conteúdos necessários ao seu desenvolvimento. O projeto vivências trata de temas e situações desconhecidos pelas crianças rurais, mas que é do cotidiano das crianças urbanas.*

## **G) Avaliação**

**12. Que tipo de avaliação você utiliza para acompanhar as evoluções ou as dificuldades de seus alunos durante o processo de aquisição da lecto escrita?**

**Professora 1:** *A nossa escola é uma escola diferente quando se fala em avaliação. Globalizamos, pois as crianças moram aqui, por isso, deve-se avaliar o todo. A avaliação é integral.*

**Professora 2:** *Avaliação continuada, onde apostamos e acreditamos no crescimento e desenvolvimento de cada aluno.*

**Professora 3:** *O acompanhamento é diário, a avaliação é contínua.*

**Professora 4:** *Meu tipo de avaliação é diário, todos os dias eles são avaliados.*

**Professora 5:** *Avalio constantemente através de atividades que possibilitam a expressão oral e escrita, nas quais percebo se houve êxito no conhecimento.*

**Professora 6:** *Avaliação processual, através de observações e da auto avaliação (educando e educador), no sentido de, reorganizar a prática pedagógica.*

**Professora 7:** *A avaliação é contínua e de forma processual, onde se observa as fases em que se encontra o alfabetizando e registra-se em forma de relatório.*

**Professora 8:** *Avaliação processual.*

**Professor 9:** *Sem resposta.*

**Professora 10:** *Avaliação diária, com observações do processo em que o aluno está inserido.*

**Professora 11:** *Avaliação processual.*

**Professora 12:** *Pelos diagnósticos que são realizados, frequentemente, para verificar a fase de desenvolvimento em que se encontra cada educando.*

**Professor 13:** *Processual, observação direta.*

**Professora 14:** *Observação direta da participação nas atividades propostas, exercícios escritos, demonstração de saberes específicos expressos pela oralidade.*

**Professora 15:** *É uma avaliação processual, toda atividade proposta é utilizada como instrumento de avaliação, com relatórios que buscam diagnosticar em que fase a criança está e o quanto ela progrediu durante o período.*

### 2.1.2. A coordenadora

**Identificação:** Nalva Oliveira Gomes, Graduada em Pedagogia, Coordenadora Pedagógica da escola há 10 anos, desde a fundação em 2001.

Boa tarde Nalva. Em primeiro lugar, quero agradecer por sua colaboração e pela autorização da divulgação desta entrevista. Vamos inicia-la com questões sobre as atribuições da equipe docente.

*Nalva: Boa tarde.*

#### 1. Qual a jornada de trabalho das professoras e professores?

*Nalva: A gente trabalha de domingo a domingo. Entre a saída de um grupo e a chegada do outro, conforme o calendário, eu deixo um espaço pra todo mundo descansar, mas é regime de internato. Tem professor que dorme no dormitório com os meninos e mais um professor que é fixo do domingo. Eles vêm todos os dias, a maioria mora na cidade e outros em regiões próximas. Então, por exemplo, a dupla de professores que trabalhou no 1º domingo de fevereiro, volta a trabalhar em maio, num domingo do mês de maio. A gente vai fazendo uma escala, por isso não fica pesada essa questão, do trabalho no domingo. Mas, a jornada é de 40 horas semanais, incluindo, o sábado, pois temos aula normalmente. Os alunos estudam 30 dias na escola e depois vão pra casa. É um período de imersão.*

#### 2. Como funciona o regime de internato e de alternância, como são programados?

*Nalva: Os alunos ficam 30 dias na escola e 30 dias em casa, enquanto um grupo está na escola, o outro está em casa. Então, o grupo que está em casa, recebe a visita das professoras itinerantes. Elas acompanham as atividades que eles levam pra casa, os alunos levam um bloquinho de atividades. Então, as professoras itinerantes, acompanham a turma que está em casa e, assim, é feita a alternância, completando o ciclo. Durante o tempo que os alunos estão em casa, antes da troca de grupo, temos uma parada na escola de cinco dias, pra respirar, descansar, fazer o que se tem que fazer, por exemplo, ir ao médico. Se bem que, nós organizamos os horários dos*

*docentes, para que todo o professor tenha um dia de folga, porque trabalhamos com duplas, cada sala tem dois professores.*

### **3. Os familiares buscam as crianças na escola quando se alterna o grupo?**

*Nalva: Os que não moram muito longe ou não têm problemas com transporte vem busca-los, mas tem outros que não vem porque não querem mesmo, querem se livrar do problema. Temos muitos alunos que dizem que querem morar aqui. Então, se não querem ir embora é porque em casa não é bom. Por isso, essa questão de um mês em casa é questionável. Agora também, temos tidos bons resultados, de alunos que já estão estudando o segundo grau e de outros que falam que querem trabalhar na roça e que estão bem. Nossos ex-alunos visitam muito a escola e já tem sonhos, pensam, elaboram, tem uma opção de vida.*

### **4. Todos os professores trabalham em período integral?**

*Nalva: Sim, em período integral, normalmente, um grupo de professores trabalha seis horas e meia e depois outro grupo mais seis horas e meia. As aulas iniciam às sete e trinta da manhã e o ultimo horário é às oito e meia da noite, horário em que os alunos vão dormir. Sempre, com atividades dentro e fora da sala de aula.*

### **5. Como é feita a capacitação desses profissionais?**

*Nalva: É assim: nós fazemos essa capacitação. Fazemos a Formação Continuada desses professores na escola. Temos treinamentos mensalmente. A gente distribui os textos que quer trabalhar com o professor e, então, marcamos o dia que vamos sentar pra discutir, ler o texto em grupo. Esse trabalho é feito desde o comecinho, nós já temos pronto todo o esquema dos novos professores deste ano e dos que já trabalham conosco há mais tempo. Então, vamos trabalhando nessa formação. (...) Por exemplo, um texto importantíssimo: “Reprovar é sinônimo de expulsar, negar e excluir, ou seja, é a própria negação do ensino”, isso é que temos que colocar na cabeça dos professores e são essas coisas que vamos trabalhar.*

### **6. Como é feita a matricula dos alunos?**

*Nalva: A escola, normalmente, faz a matricula na roça. Mas, também, os familiares fazem a matricula aqui na escola. No inicio fazíamos propaganda na roça pra trazer os alunos. Hoje não precisamos mais, pois isso é o resultado destes dez anos*

*de escola. Temos até que dispensar alunos por não poder receber tantos. Então, hoje eles já fazem a matrícula. Os que são da casa, automaticamente, já estão matriculados.*

**7. O Projeto Político-Pedagógico (PPP), desde a fundação da escola, declara-se aplica-lo de acordo com os postulados de Paulo de Freire associado à Pedagogia da Alternância. Como foi elaborado, pensado e por quê?**

*Nalva: Bom, primeiro, as ideias de Paulo Freire tem muito a ver com que a gente queria pra construir a escola: trabalhar com crianças e adolescentes da zona rural. Depois, a questão da morada deles, pois precisa ser muito afetiva. Freire trabalha muito com essa questão da afetividade nos professores e alunos. Então, eu acho que, dos brasileiros, ele é o mais adequado pra se trabalhar, por se tratar de pedagogia da alternância. Nós temos crianças que estão na escola há quatro anos e não conseguiram se alfabetizar ainda. Problemas sérios, assim, emocionais. Essas crianças vivem numa linha de pobreza pra miséria, de miserável mesmo. Então, é muito difícil querer que essas crianças aprendam as coisas como as crianças que tem um mundo rico do que vê, de informações, de saídas, passeios e viagens e tal. Então, realmente, é muito difícil, só mesmo Paulo Freire pra conseguir entender isso e fazer com que o professor entenda que é preciso estudar pra compreender isso. Por isso, essa coisa de Paulo Freire que, você precisa conhecer a realidade da criança pra poder trabalhar com a criança, é muito boa. Primeiro você tem a turma que é preciso conhecer, ir até a roça, saber como vive, convive, o que é que come. E a gente fez muito esse trabalho e, assim, fica fácil você amar essa criança e trabalhar com ela. Agora, não é fácil o trabalho, imagine só, você ficar quatro anos com a criança sem conseguir alfabetizá-la, mas é assim, a criança aprende muita coisa, não que ela não aprenda nada. É interessante você escutar o que eles têm pra falarem. Outro dia eu escutei uma criança falando pra outra que estava chegando à escola que não sabia comer de garfo e que aprendeu aqui. São coisas que, normalmente, as pessoas não dão o menor valor, mas que é muito importante. Eles aprenderam a tomar banho, que antes se molhavam no rio, no riacho e pronto. Não tem aquela coisa do banho, do sabão, do lavar e isso a gente ensina aqui. É muito interessante, você ver professoras colocando remédio pra piolhos nas cabecinhas das meninas, principalmente. Portanto, é um trabalho, realmente, de educação integral. Não é um trabalho que, qualquer pessoa pode fazer, por isso, uma coisa foi muito importante, a gente foi buscar professores sem experiência, que comessem aqui, pra gente treinar. E não buscamos nas escolas*

normais, na regular, que é bem diferente, porque, realmente, o trabalho aqui é outra coisa.

#### **8. Quais os pressupostos teóricos freirianos de maior relevância na proposta educativa em alternância?**

*Nalva: Pra gente essa questão da linguagem dos alunos, o respeito à forma de falar, é uma coisa que colocamos muito em prática ao professorado. Os alunos não falam errado, mas diferente e não errado. Eles falam “prumode” ou “desavessado” que é a expressão usada ao invés de pelo avesso. Freire falava muito que, não é errado é diferente. Então, precisamos valorizar isso. A valorização da cultura deles é algo de Freire que a gente trabalha muito na escola. Inclusive, uma professora que trabalhou aqui na secretaria fez o hino da escola, uma paródia muito legal, falando justamente da roça. O nome da música é “Morar na roça é pra lá de bom”, pois é, fala de tudo da roça, de subir em mangueira, do curral. Isso é muito forte em Paulo Freire, por isso, está bem presente na escola a valorização da cultura deles. E outra coisa é a afetividade, é o vínculo afetivo entre professor e aluno. Outra coisa é respeitar o tempo de cada aluno, respeito à individualidade. Num grupo de trinta alunos, você não vai alfabetizar os trinta no mesmo período, na mesma hora, porque eles são diferentes. Então, utilizamos esses princípios do postulado de Freire na alternância.*

#### **9. Em relação à alfabetização, ao processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita, sabe-se que o método de Paulo Freire foi desenvolvido para alfabetizar adultos. Como vocês articularam e adequaram o método para ensinar as crianças da escola?**

*Nalva: [...] mesclando, adaptando, [...] Por exemplo: se você aplicar um livro que tenha crianças no mar, em parque, em shopping, não faz nenhum sentido, por isso, fazemos a busca de material. Por isso, trabalhamos a alfabetização para inserção, isso ajuda muito no processo. Por exemplo: tatu, todos conhecem tatu, então a gente trabalha com a palavra tatu, claro que depois vamos inserindo outras coisas. Num estudo maior, a gente coloca pra eles o seguinte: escreva uma palavra com Z, ele escreve CAZA, está certo, ele ouve o som de Z, pode ser escrito assim, mas ensinamos que existe uma norma, trabalhamos com o dicionário e explicamos que para escrever pra alguém ou fazer um concurso deve-se escrever como está no dicionário. Então, vamos estimular a aprender conforme o dicionário, esse é o nosso recurso.*

**10. Como são trabalhados os conteúdos das disciplinas, presentes na matriz curricular, que não são agrícolas, que não fazem parte do mundo rural?**

*Nalva: A gente trabalha com as disciplinas da grade curricular normal, acrescentamos a disciplina de Agricultura, mas é assim, fazemos as adaptações conforme os assuntos. Porque tem assuntos que não tem nada a ver com eles, não interessa, pelo menos naquele momento. Então, explicamos assim, depois que você cresce e já sabe ler, ao ler você vai aprender. Não necessariamente, a escola tem que encher a cabeça das crianças com coisas sem ter um sentido maior pra vidas deles. Normalmente, selecionamos desses programas os conteúdos mais importantes pra eles. Agora, tem também aquela parte, que é preciso conhecer um pouco mais, abrir, expandir, ir além de seu mundo. Então, a gente vai trazendo essas coisas como curiosidades, como interessantes, que eles precisam saber que existem. E graças a Deus, a internet é uma ferramenta maravilhosa, assim não fica tão difícil.*

**11. Como é planejado o calendário escolar?**

*Nalva: Este espaço é da Convenção Batista e todo o carnaval acontece o acampamento Batista aqui na escola. Então, eu tenho que deixar a escola livre um pouco antes do carnaval. Esse ano nós começamos as aulas em 31 de janeiro e vamos até o dia 1º de março, assim, teremos 14 dias de descanso, mas porque eu preciso deixar a escola livre, o espaço do internato e a cozinha, pois o pessoal irá utilizar todo o espaço escolar. Também é preciso fazer a limpeza para o período da chegada dos visitantes no carnaval. Depois que tudo termina a gente precisa de outro período pra limpeza e arrumação pra receber as crianças. Então, é uma miniférias de 14 dias. Voltamos todos em 14 de março e o ano letivo encerra em 16 de dezembro. Diferente do calendário de uma escola regular.*

**12. Como é organizada a rotina educativa dos alunos?**

*Nalva: Suprimimos o recreio, tem aula até às 11h30min, mas eles param pra merenda em sala. Depois que almoçam brincam as brincadeiras mais calmas. Voltam pra sala das 13h30min às 16h30min e param pra lanchar às 15h00min, mas continuam em aula. Então, às 16h30min saem pra brincar, mas as turmas dos maiores saem as 17h00min e todos brincam até a hora do banho as 18h00min pra depois jantarem e,*

logo após, voltam pra sala pra fazer as atividades e depois vão dormir. Essa rotina segue também aos finais de semana.

**13. O que os professores utilizam durante o processo de ensino e aprendizagem, quais os materiais e os recursos disponibilizados pela escola?**

*Nalva: Não utilizamos as cartilhas, mas temos os livros didáticos como recurso. Na alfabetização utilizamos muitos jogos, cartelas com sílabas, com letras, livros em geral. Nós temos uma biblioteca muito rica pra eles e eles gostam. A gente estimula muito a leitura. Normalmente, eles gostam muito de ler, então, eu trago gibis, revistas, coisas que a gente vai acumulando e coloco tudo no cestinho que fica ali fora. Só chegar e botar, que logo some tudo. Eles vão pegando e vão levando pra sala. É importante deixar que eles peguem e rasguem. No final do ano vou fazer o balanço na biblioteca e dá até dor no coração de tanto livro rasgado. Eu penso que, isso é bom, porque a gente sabe que foram eles que usaram. Se fosse tudo arrumadinho, bonitinho não seria usado. Mas assim, a gente usa muito todo esse material. Temos a TV pendrive pra aula, as professoras utilizam os conteúdos da TV escola e também no You Tube tem muita coisa. E o livro é apenas um apoio. Turmas grandes da quarta, quinta e sexta série, pois este ano temos a sexta séries, para estes alunos o trabalho é mais elaborado. Usamos muitos textos, textos de música, depende muito do que estimule a turma. Exemplo: eu tive uma turma que deu muito trabalho pra alfabetizar, eles eram batuqueiros, adoravam batuque, então usamos a música e funcionou maravilhosamente. Já outros gostam de poesia, então usamos Cordel. Conforme a característica da turma, a gente vai jogando com o que eles gostam. Jason até me falou, quando esteve aqui em nosso debate, que está escola é a escola que Paulo Freire sempre sonhou, porque as crianças gostam e se sentem felizes aqui. Claro que, temos alguns que não conseguem se adaptar ao sistema da escola. Inclusive, devido, a serem muito livres e muito soltos na roça. Tem meninos que levava três dias pra aparecer em casa, que ficava pela roça, indo pra casa de um, de outro, pra cachoeira tomar banho. Essa liberdade, de repente, ao chegarem aqui pra nós, num espaço com grades e salas, não é a mesma, pois não podemos deixa-los fazer essas coisas, por isso alguns não se adaptam. Mas a grande maioria se adapta bem, ficam muito felizes e no dia que vão embora, muitos choram.*

**14. Existe algum material desenvolvido (construído) pelos alunos?**

*Nalva: Têm sim, eles confeccionam com o professor em sala de aula, cada professor tem o seu documentado, mas é uma coisa que a gente precisa pegar com o professor, mas não temos um arquivo com esses materiais. Os professores criam muito com eles e os livrinhos confeccionados, por exemplo, quando alguém pega pra ler, eles adoram. Mas, é uma falha nossa de não ter pra escola um arquivo com todos esses materiais. Os professores guardam e utilizam alguns desses materiais.*

**15. Qual o envolvimento da família, da comunidade no projeto da escola?**

*Nalva: Da família muito pouco, porque normalmente, a família é desestruturada. Então, eles moram com o avô, com a avó, a mãe foi embora, abandonou, ou moram com a mãe e o namorado da mãe ou com o pai e a namorada do pai. São poucos, se a gente fizer uma pesquisa, que moram com pai e mãe, com uma família arrumadinha, são poucos. A maioria, sabe, tem histórias de vida muito tristes. Também é assim, alguns tem dificuldade em chegar aqui, pois moram muito longe, mas o envolvimento é muito pouco. E com a comunidade temos obtido algumas boas respostas, mas ainda é pouco para o tempo de 10 anos de escola.*

**16. A escola realiza oficinas destinadas aos familiares dos educandos? Como são organizadas?**

*Nalva: Sim. Nós fazemos sempre as oficinas nas reuniões de pais. Por exemplo, para os pais agricultores, tratamos de questões como orientação para empréstimo com o Banco do Brasil, como adquirir um financiamento, esse processo todo. Temos oficinas de alimentação, ensinando as mães a utilizar os alimentos que tem na roça, por exemplo, muitas vezes, pensam que o que tem no campo não presta pra comer, pensam que o que é bom vem de fora. A gente trabalha muito com esses tipos de oficinas. Temos também de higiene, que é uma coisa muito precária na vida deles, porque a nossa realidade é bem diferente, o nosso interior é muito pobre e, eu diria até mesmo, muito porco. Esta questão da higiene tem muito pra se trabalhar. Então, a gente aproveita pra fazer essas oficinas nas reuniões da escola.*

**17. O que é o projeto alfabetizando-alfabetizador? Como vocês acompanham os resultados?**

*Nalva: O aluno alfabetizado alfabetiza a comunidade, pelo menos assim, a gente tenta fazer com que eles alfabetizem as pessoas de casa, que os maiores ensinem os de casa. Mas, ultimamente, esse projeto está parado. Porque a grande dificuldade é esse acompanhamento. Primeiro é preciso recurso pra combustível e segundo os nossos carros, estes estão já na última lona. Inclusive, nos pensamos em até suspender a Itinerância este ano, mas ainda estamos conseguindo manter, porque sem a Itinerância a escola perde o seu significado, o foco. Estamos tentando e aguardando do Governo do Estado esses carros, mas são três anos de promessa e nada até hoje. A gente estava rodando com o Gol, mas já paramos.*

**18. Alguma empresa privada já propôs alguma doação para a compra desses carros?**

*Nalva: Não, até agora nada, mas estamos tentando. O Estado nos mandou essa Ranger o ano passado, mas é um presente de grego, só nos deu despesa até agora, todo dia é um problema. Estamos no aguardo. O Governador já assinou, inclusive, pra nos mandar os carros, mas até agora nada. E a gente vai fazendo aquilo que pode, às vezes, eu falo até pra Sonilda que estamos correndo risco, pois esses carros já não estão em condições de ir até a roça. Corremos o risco de sofrer algum acidente. Essa é a grande dificuldade, inclusive, desse projeto, para acompanha-lo.*

**19. Então o projeto foi excluído da programação escolar?**

*Nalva: O projeto não está 100% ativo, mas os alunos ainda o fazem, porque eles gostam, querem ensinar os pais, os irmãos, inclusive, a gente incentiva que o façam. Mas, em termos de ser algo coordenado e acompanhado, realmente, a gente não deu continuidade.*

**20. Qual a contribuição da escola na vida dos educandos, dos familiares, o que mudou e o que você destacaria ou obteve de respostas durante os 10 anos de trabalho?**

*Nalva: Essa é uma pesquisa que estamos fazendo agora, o que realmente mudou, essa pergunta nos fazemos muito. Mas é claro que, a gente interferiu de uma forma muito positiva na vida da maioria, pois são crianças sem sonhos, é triste de se*

*ver, porque a gente vê os nossos filhos pensando tantas coisas e essas crianças não tem sonhos. Porque, realmente, eles têm uma vida muito limitada e os familiares também. Os pais dizem que é preciso estudar, mas a questão de trabalhar o que você pode ser ou vir a fazer e buscar na sua vida, não tem. Então, esse é o trabalho que a gente faz com eles. Essa questão dos sonhos, de trabalhar neles o desejo de melhorar, o desejo de não ficar em casa daquele jeito, que eles podem melhorar aos poucos e que não precisa de grandes recursos para essas melhoras. Uma coisa que alunos tem feito, por exemplo, muitos deles têm ganhado um dinheirinho com a roça, com as hortinhas que eles aprenderam aqui. Eles levam as sementes da escola pra casa e lá eles fazem, vendem e chegam aqui com esse dinheiro. Ainda não é algo efetivo, porque o objetivo é fazer, realmente, a mudança na zona rural. Mas assim, aquela história, nós somos muito pequenos pra dar isso, com muito pouco apoio Governamental ou qualquer outro que seja. Só mesmo o nosso sonho é que está mantendo tudo isso. Se não tivéssemos uma equipe que comprasse a ideia, que vestisse a camisa, já teríamos fechado a escola. Já tivemos momentos de muita angustia, de não ter dinheiro pra comprar comida, de verba não chegar, de os professores ficarem de três a quatro meses sem receber, de liberar o pessoal para procurar outra coisa, mas o pessoal não arreda o pé e abraça a causa. Fazemos reuniões com os ex-alunos no início ou final de ano para colher os depoimentos, pois é muito bom ouvir os depoimentos deles, do que aprenderam aqui, de como foi e o que mudou em suas vidas a partir daqui. Muitas mães relatam a mudança no comportamento, do quanto eles mudaram em casa. Inclusive, este ano, uma aluna nossa entrou na universidade.*

## **21. A escola já contratou ex-alunos para o cargo de professor ou outra função?**

*Nalva: Por enquanto não, temos muito esse desejo. O que temos, por exemplo, uma aluna muito boa, muito inteligente e conseguimos uma bolsa pra ela estudar no Colégio Taylor-Egídio, que é uma escola particular. Inclusive, hoje ela é uma das melhores alunas do Colégio. Têm mais alguns alunos. Cada ano, para os alunos que se destacam, que percebemos que há potencial, a gente consegue alguém que financie a continuidade de seus estudos.*

**22. Em 2010, a escola implantou o Ensino Fundamental II. O que os motivaram a promover o acesso ao segundo ciclo para os educandos?**

*Nalva: Exatamente. Porque muito deles diziam que só estudaria enquanto estivesse aqui e que não iria pra outra escola. Em depoimentos, um aluno falou que a professora de outra escola não queria que ele ficasse perto porque fedia. Então, a gente escutou muito isto. Eles se sentem acolhidos aqui. Com o término dos estudos, muitos preferiram ficar trabalhando na roça ao invés de frequentar outra escola. Então, essa abertura da quinta série foi muito boa pra eles. Este ano, temos uma turma da sexta série, mas aceitamos só os alunos que já estudaram aqui, mesmo porque, eles já conhecem a rotina da escola, o ritmo da escola. Por exemplo, se chega um aluno pré-adolescente de outra escola, vai me dar muito trabalho até ele entender como funciona. Ontem mesmo, no domingo, os alunos de 5º e 6º serie estavam na praça só com o professor. Eles passaram o período da tarde lá, isso é uma coisa que a gente ainda não tinha feito, só com essa turminha, por termos trabalhado essa questão do comportamento, do ajudar na escola, de serem os ajudadores. As meninas maiores ajudam, à noite, a professora que dorme no dormitório. Os meninos ajudam também os professores. Uma coisa muito importante que também é um dos postulados de Paulo Freire é a autonomia, a gente tem trabalhado essa questão com as turmas maiores, de serem autônomos. Por exemplo, não é necessário que uma pessoa leve ao refeitório, os alunos já vão sozinhos e devem saber como se comportar. Já vão sozinhos tomar banho, se bem que no banho, de qualquer forma tem sempre alguém junto, pois existem outras turmas, mas não alguém, especificamente, pra os maiores como é necessário para as outras turmas. Então, justamente, para trabalhar essa autonomia, de como podem se gerirem.*

**23. Vocês pensam em implantar o ensino médio?**

*Nalva: Vontade a gente tem, mas vai depender dos recursos que estarão à disposição, pois pra manter tudo isso até hoje tem sido uma luta muito grande. Tivemos momentos que achamos que fecharíamos a escola. Só nesse momento, tivemos a mobilização dos pais, pois para os pais mantê-los aqui por um mês é muito bom. Temos família de cinco e seis irmãos. Imagine os pais em casa e seis crianças a menos pra comer, pra tudo, pra remédio e etc. Então, a escola pra eles é muito boa.*

**24. Outra questão importante é sobre a avaliação. Como vocês acompanham as evoluções, as dificuldades dos alunos, existem relatórios ou diários para as professoras anotarem essas observações? Vocês aplicam provas?**

*Nalva: As professoras fazem sim as anotações. Existe uma folha pra cada aluno e no final de cada período são feitas as anotações, ou seja, como é que o aluno estava no início do período, o que foi que evoluiu, o que melhorou ou o que não evoluiu. Então, a professora tem no final do ano o retrato de cada criança, de todo o desenvolver durante o ano. E com os menores a gente não trabalha com o sistema de provas, por se trabalhar com a autonomia. Nós temos discutido muito sobre esta questão, principalmente com a Sonilda, pois eu tenho observado o seguinte: existe um lado positivo e negativo sobre as provas, essa coisa de não termos provas, deles não se preocuparem com notas, por um lado é bom, mas criou uma falta de compromisso. Por isso, a gente está retraindo, a partir da 3ª e 4ª série e, principalmente, com a 5ª e 6ª série, que haverá uma avaliação escrita toda segunda-feira, para que no final de semana não se sintam tão livres, que sintam que é preciso parar um pouco pra estudar. A gente faz isso com nossos filhos, cobra que eles devem estudar alguma coisa no final de semana. Não que precise encher todo o final de semana, apenas reservar um horário pra isso. Deste modo, estamos tentando fazer essa mudança na avaliação. Realmente, essa questão de prova, os alunos nem sabem o que isso, nem ouvem falar. A nossa avaliação é contínua, processual, o professor vai avaliando e toda semana ele me traz o relatório do que evoluiu, o que deu certo ou não, assim, se precisar mudamos a prática e buscamos alternativas. E isso se faz semanalmente, a professora e eu.*

**25. Pra terminar: na sua concepção quais são os pontos positivos e negativos da proposta da ERTE, considerando a estreita relação entre a pedagogia da alternância e os princípios freirianos?**

*Nalva: Essa ideia da alternância tem um lado positivo de que a criança está na escola e é muito mais fácil para o professor, do que apenas aquele contato rápido de quatro horas, que logo depois o professor vai embora e só no outro dia. Tem esse lado muito bom que é de conhecer a vida de cada aluno. A gente sabe, exatamente, o que ele passa, quais são as complicações da vida dele e tal. Por outro lado, essa questão da alternância, a gente ainda discute a questão de um mês em casa, mesmo levando as atividades. A criança, a gente sabe que, precisa de uma motivação e em casa ela não vê nada, mesmo porque, os pais também não têm, no máximo manda fazer o dever,*

*somente isso, mas não tem quem sente com eles. Por isso, estamos fazendo uma experiência com a sexta série, os alunos da turma da sexta serie não vão entrar no regime de alternância. Então, tem essa coisa, dessa quebra, que às vezes, os professores reclamam muito disso, pois quando os alunos estão começando a entrar no ritmo está na hora de ir pra casa. Agora, existem muitas surpresas também, porque às vezes, eles estão começando a descobrir a leitura e quando voltam estão lendo, não são todos, mas acontece. Temos muitas surpresas neste sentido, mas pra mim, ainda é algo que questiono. Ainda me questiono muito. Essa questão desse mês em casa, dessa quebra do ritmo, pois quando eles voltam são pelo menos três dias pra colocar todo mundo no ritmo de novo. Não diria que isso seja algo, exatamente, negativo, mas ainda é questionável. Estamos sempre discutindo e acompanhando essa questão, se está valendo a pena pra eles, mas é claro que, pra eles sempre vale a pena, pela vida que eles têm. É um céu estar aqui. Aqui tem cama pra dormir, tem colchão, tem cobertor no frio, tem pijama, tem as alimentações certinhas, com lanches entre os intervalos das refeições, tem medicação, se estão doente vão ao médico, o que precisar fazer se faz, temos dentista, todos esses recursos estão aqui à mão. E a gente busca isso, pra que eles tenham uma vida digna neste período aqui. O que, realmente, eu acho questionável é essa quebra. Mas, também, é assim, se fosse pra ficar o tempo todo, não teríamos atingido o número de alunos que conseguimos atingir até o momento.*

**Obrigada pelas contribuições professora Nalva.**

*Nalva: De nada, estamos aqui para o que precisar.*

### **2.1.3. As duas professoras itinerantes**

**Professora: Azenália Pereira dos Santos.**

**Professora: Elielena Souza Gomes.**

Boa noite. As primeiras questões são, de modo geral, sobre o processo educacional na Itinerância.

- 1. Qual é o objetivo do trabalho itinerante?**
- 2. Como são feitas as matrículas?**
- 3. Como é realizada a apresentação para os pais ou familiares?**

#### **4. Como é feito o acompanhamento pedagógico na roça?**

*Azenália: Boa noite. A gente não tem como falar muito da escola, porque não acompanhamos os alunos em sala, às vezes, substituímos o professor quando ele está doente. E o nosso trabalho na roça é assim: fazemos a matrícula e acompanhamos os alunos, nos casos de, buscar um pai pra acompanhar um aluno na cirurgia, porque a gente conhece a região, sabe onde moram, então, fazemos também este tipo de trabalho. Pra acompanhar o dia a dia e fazer a matrícula, somos nós, professoras itinerantes. E esse ano, a gente nem precisou fazer a chamada visita corpo a corpo, pra apresentar o trabalho da escola. Porque, logo de início, pra trazer os alunos até a escola, precisávamos fazer essa visita corpo a corpo e só depois conseguíamos a matrícula, pois era preciso ganhar, primeiro, a confiança dos pais. Hoje, todos já conhecem a escola através de nossos alunos. As visitas não são mais destinadas à apresentação do nosso trabalho, como anteriormente. As famílias já nos procuram. Esse ano, foi um ano abençoado, não se precisou buscar novas matrículas, geralmente, iniciamos o período de matrículas no mês de agosto para o ano seguinte. Mas, esse ano, foi um ano diferente, que Deus trabalhou e que não precisamos correr atrás de matrículas. Tanto que, a escola já está com a cota de vagas no limite. Hoje, trouxemos mais três alunos, porque a turma dos pequeninos ainda precisa de novas matrículas pra completar a quantidade na sala. O nosso trabalho do dia a dia é o trabalho pedagógico, porque nas casas acompanhamos tudo que o professor deu em sala de aula. Os alunos levam pra casa em blocos de atividades todo o trabalho feito aqui durante o mês. E nós, vamos até a casa deles, para fazer o trabalho pedagógico de itinerante, por isso saímos para acompanhar essas atividades. Alguns alunos têm mais dificuldades, então, temos que sentar com eles e dar uma nova aula. Para os alunos da quarta série, são de duas a três horas de aula, para completar todo o bloco de atividade. Não temos como retornar á casa do aluno novamente. Se tivermos que voltar, duas ou mais vezes, à casa do mesmo aluno, não alcançamos todo o campo. Então, temos que fazer todo o trabalho naquela casa, pra no dia seguinte, partir pra outra região. E visitamos mais de uma casa por dia, geralmente, oito casas, quando estas são próximas.*

*Elielena: Nós também juntamos os alunos, por exemplo, quando são casas vizinhas, pra facilitar o trabalho.*

*Azenália: Quando a região é distante, a gente visita três ou quatro casas por dia, pois é muito cansativo, é muito desgastante, mas é um trabalho que obtemos bons resultados.*

*Elielena: É cansativo, mas a gente vê resultados ótimos. Temos um bom retorno.*

**5. Quando os alunos estão fora do ambiente escolar, vocês notam que, realmente, há continuidade nos estudos, nas atividades ou há alguma restrição para fazer essas tarefas?**

*Azenália: Alguns pais que são esclarecidos cobram muito dos seus filhos, porque querem o melhor pra eles, mas tem aqueles também que a gente sabe da condição, inclusive, de trabalho, pois eles precisam da presença dos filhos pra ajudar na roça, principalmente, no dia que é de colheita. Quando chove é pra aproveitar o período da chuva, mas é na colheita que as atividades ficam sem fazer. Quando estão precisando deles também pra trabalhar por dia, saem aqui e acolá, e botam o filho pra trabalhar, dão uma tarefa da semana, por exemplo, limpar e plantar. Aí, o filho fica com aquela responsabilidade como se ele fosse o chefe da família, então, as atividades ficam sem fazer. Mesmo assim, ainda tem o período da tarde ou da noite pra fazer, mas sabemos que muitos não têm nem luz elétrica em casa, pra ficar na vela ou candeeiro a diesel é difícil, por isso que, não fazem mesmo as atividades. Muitos chegam cansados e querem tomar um banho pra descansar. E sabemos que os resultados desses alunos nestas condições....*

*Elielena: Agora também, muitas vezes, as atividades não estão prontas quando passamos, mas ao chegarem aqui na escola já trazem prontas. A gente fica preocupada por não estar acompanhando, mas assim mesmo, a gente pega as atividades e explica tudo pra eles de novo, pra não esquecerem, então, voltamos e explicamos tudo de novo, o necessário para aquela atividade ou sanamos as dúvidas. Geralmente, nos conteúdos explicados na sala, perguntamos ao aluno se compreendeu todo o conteúdo, como se fossemos o professor da sala de aula. Cobramos muito pra que eles façam as atividades no sábado ou domingo. Trabalhamos e protocolamos tudo e já estamos pensando em fazer um protocolo para os pais, assumindo o compromisso de que a criança vai trazer as atividades pra escola prontas.*

*Azenália: E esse ano vai ser diferente, pois estamos no pé mesmo. A gente vai dizer que agora as atividades vão valer notas.*

*Elielena: Mas, em relação, a porcentagem de alunos que não trazem as atividades prontas é bem baixa, ou seja, não é a sala inteira, são quatro ou cinco alunos que não fazem. Nós passamos e se não estiverem prontas, a gente cobra. Mesmo sem estarmos acompanhando no dia ou corrigindo as atividades, eles fazem. São poucos o que não trazem as atividades prontas.*

*Azenália: Muitas vezes, se o aluno não estiver ali presente, a gente explica até para os pais, falamos pra mãe que mesmo que leia só um pouquinho, esse pouquinho que sabe ler, sabe também escutar. Então a gente explicando essas atividades para o pai, a mãe o irmão, o tio, seja lá quem for que estiver em casa, já é um incentivo a mais.*

**6. Vocês que estão diretamente em contato com as famílias dos alunos, que conhecem a realidade deles de perto, tem informações sobre qual a renda média familiar, qual o numero de pessoas que moram na mesma casa e quais as dificuldades dessas crianças?**

*Elielena: Mais ou menos.*

*Azenália: A gente sabe da realidade de quase todos eles. Porque a gente vive, constantemente, na casa deles, diariamente. Então, a gente sabe sim.*

*Elielena: Tem gente que só sobrevive da bolsa renda, da bolsa escola, tem pessoas que moram em assentamentos, têm pessoas que tem suas fazendinhas próprias, terrenos próprios e tem pessoas que trabalham pra outras pessoas, os meeiros.*

*Elielena: Alguns são aposentados e recebem o auxílio do governo, outros vivem do que plantam, alguns ganham um salário mínimo e outros nem chegam a receber isso. Na média uns R\$ 300,00 (trezentos reais) por mês.*

*Azenália: E tem pessoas também que tem melhores condições e as crianças estão aqui. Pessoas que tem de dois a três carros em casa, tem caminhão, tem posses, tem tudo. E essas crianças estão aqui.*

*Elielena: Não temos apenas crianças sem recursos ou carentes, temos crianças que a família tem condições até de pagar uma escola particular, mas estão aqui. Porque gostam da escola, do trabalho que a escola faz. Os pais acompanham, participam das reuniões e sempre são convidados a comparecer na escola.*

*Azenália: E outros também, não só pelo aprendizado, mas pela mudança no caráter da criança. Procuram-nos porque já não estão aguentando mais a criança em casa. Acha que precisa trazer o filho aqui, porque o filho do vizinho era de um jeito e houve uma mudança.*

### **7. Qual o número de filhos por família?**

*Elielena: No mínimo cinco*

*Azenália: No máximo dezesseis.*

### **8. É perceptível a mudança no comportamento dos alunos após frequentar a ERTE?**

*Azenália: E muito, a porcentagem é enorme.*

*Elielena: Tem uns que a transformação é radical. A gente trouxe hoje três crianças, eles não têm mãe e o pai é alcoólatra. E é uma dificuldade muito grande pra mantê-los na zona rural. São cinco filhos e a mãe morreu de parto. Tem um filho que já é rapazinho. Hoje, a gente foi busca-los na casa da tia, eles correm pra não vir pra escola e lá eles têm um comportamento totalmente diferente. Nem parecem os mesmos meninos quando estão aqui na escola. Quando o maior está aqui, ele trabalha, ajuda na horta, gosta de estar na sala de aula, já está aprendendo a ler e ele tinha muita dificuldade para leitura. Incentivamos para ele fazer o tratamento nos dentes e agora já está indo ao dentista. A gente percebe a mudança radical dele.*

### **9. Essa transformação ocorre somente na escola ou depois nota-se que esse aprendizado é aplicado em casa?**

*Azenália: Graças a Deus, eles melhoraram bastante, no início, os avós reclamavam muito e pediam pra eles ficarem todo o período na escola, para frequentarem os dois grupos. A avó está com problema de câncer na garganta e o avô está praticamente cego. Mesmo assim, tomam conta deles, são cinco crianças para cuidarem.*

*Elielena: São esses casos que a gente corre atrás pra ajudar.*

**10. Já houve casos em que a família não autorizou o estudo dos filhos na escola por considera-los também como uma força de trabalho?**

*Azenália: Já, porque, às vezes, a criança não se adapta. Mas, de segurar a criança por necessidade do trabalho, não. Sempre que a gente marca a data de ir buscar os alunos, já estão todos arrumadinhos esperando no ponto.*

**11. Há evasão escolar por motivo de não adaptação da criança?**

*Azenália: Muita não, mais a turminha da primeira série.*

*Elielena: Só as crianças menores de cinco ou seis anos. Agora mesmo, um deles veio chorando, porque viu a mãe chorar, mas depois que entrou na escola, não chorou mais.*

*Azenália: Temos o caso de quatro irmãs, sendo que a mais velha, de nove anos, toma conta das outras. Pra que as três pudessem estudar, tivemos que trazer a mais nova, pois não tinha quem tomasse conta dela, iria ficar sozinha em casa. Então, o pai falou: ou as quatro ou nenhuma. Conversamos na direção se poderia trazer a mais nova, ela completará seis anos em setembro. E nesses casos, deixar as meninas, com idade escolar, de sete, oito e nove anos sem estudar, não dá. Então, matriculamos as quatro crianças.*

**12. Há histórico de alunos que sofreram algum tipo de violência doméstica na zona rural?**

*Azenália: Isso é complicado, não gosto muito de responder.*

*Elielena: Em relação a isso, não é Zena? Não vemos muitos casos. Alguns pais ainda batem nas crianças, mas é só bater, como forma de castigar. Estamos sempre conversando com eles, explicando que hoje, não se usa mais esses métodos de bater na criança, que se usa mais o diálogo. Nós somos professoras, assistentes sociais, de tudo um pouco, até pai e mãe. Eu estou estudando, serei assistência social, pra poder melhorar o meu trabalho. Estamos sempre em contato com essas crianças, explicamos sobre bolsa escola, fazemos pesquisas e, muitas vezes, o que aprendo na faculdade, vou repassando pra Zena. Então, estamos sempre nos inteirando de tudo. E a questão da violência é rara, não maioria.*

*Azenália: A realidade dos alunos é outra, não os encontramos limpinhos, arrumadinhos na roça. Eles não têm nem o que comer, não tem onde dormir. Por isso, a gente vai atrás, saímos buscando soluções e nunca deixamos o que vemos lá sem solução. É cesta básica, é cirurgia pra ligar as trompas e outras coisas que necessitam.*

*Elielena: Não dá pra viver com essa quantidade de filhos na roça. E por mais que os postos de saúde esclareçam, tem mães que são relaxadas. Então, a gente pega no pé, pra evitarem mais filhos.*

*Azenália: A mãe que a gente foi visitar não fez nem pré-natal, ela até pulveriza a roça. Que risco essa mãe e o bebê estão correndo? Já era até pra ter nascido, já passou dá hora e ela continua lá, trabalhando debaixo da parreira de chuchu. E a parreira é baixa, já pensou se ela escorrega ou se essa criança nasce e ela está sozinha? Se acontecesse alguma coisa, ainda deixa órfãos os outros dois pequenos. Mas, ela insiste em colher o chuchu, pois precisa entrega-lo no prazo. Os casos que podemos ajudar, trazemos aqui pra escola e pedimos ajuda pra um e pra outro. Saímos buscando uma solução, tentamos ajudar no máximo que podemos.*

*Elielena: E por mais que eles sejam pessoas carentes, que não tenham dinheiro ou nenhum conforto, a gente percebe o amor que os pais têm pelos filhos. Eles têm, realmente, um amor muito grande por seus filhos, porque eles confiam no trabalho da escola. E a escola está sempre de portas abertas pra quem quiser visitar e os pais são sempre convidados pra conhecê-la, antes de matricular seus filhos. Por mais dificuldade que eles passam, eles tem muito amor por seus filhos.*

**Comentário da pesquisadora:** O trabalho de vocês é muito interessante e importante para a escola e para as famílias. Estão, diariamente, na zona rural, descobrindo novas possibilidades para melhorar o trabalho e a vida destas pessoas.

*Elielena: Essa semana eu fiquei apavorada, de tanta coisa que vi.*

*Azenália: E, às vezes, quando os pais param pra contar a vida deles, a gente pensa, meu Deus no que a gente está se metendo. Aí, a gente olha em volta e percebe que estamos fazendo um trabalho missionário. Porque essa é uma escola missionária. Tem que ter sabedoria pra ouvir e para falar. E tem lares que a gente procura*

*aconselhar pela palavra da oração. Graças a Deus, a gente tem visto que, Deus tem agido nos lares dessas famílias.*

**13. Para finalizar: Com que frequência vocês fazem reuniões com a coordenação pra relatar as informações obtidas na roça?**

*Azenália: Todos os dias, assim que retornamos da roça, conversamos com a Nalva sobre o dia.*

*Elielena: Também conversamos com as professoras, por estarem, diretamente, em contato com os alunos, mais do que a própria coordenadora. Por exemplo, informamos se a mãe faleceu e outras coisas. E ajudamos a professora entender o porquê do aluno está agindo de outra maneira e, assim, procuramos orientá-la.*

Obrigada. Sei que vocês estão cansadas, por conta do trabalho itinerante de hoje. Agradeço mais uma vez a colaboração.

#### **2.1.4. A diretora**

**Identificação:** Sonilda Sampaio dos Santos Pereira, Graduada em Pedagogia, Licenciada em Letras, professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, trabalha como gestora da ERTE, desde janeiro de 2001. Diretora fundadora da unidade escolar em alternância.

Boa noite. Sra. Sonilda, agradeço por sua colaboração e pela autorização da divulgação desta entrevista.

*Sonilda: Boa noite.*

#### **1. Como e por que a escola foi pensada, qual sua finalidade e público alvo?**

*Sonilda: A escola foi pensada em 1998, quando o Colégio Taylor Egídio (CTE), um colégio particular, fazia cem anos. (...). Inclusive, a Dra. Telma, numa das primeiras páginas do projeto, parece que é a página sete, diz que deveria se pensar*

*uma escola para crianças e adolescentes rurais, naquele instante, que se pensava de até 14 anos, uma escola de ensino fundamental da primeira parte, pois também, não tínhamos, ainda, o primeiro ano, da primeira a quarta série. E, assim, o público alvo já estava bem definido, seriam as crianças e os adolescentes campestres, residentes da zona rural.*

## **2. Hoje a escola está com quantos alunos alternantes?**

*Sonilda: Hoje, ainda estamos fechando novas matrículas, inclusive hoje, nesta data de hoje, sete de fevereiro, ainda estamos com a Itinerância terminando as matrículas, mas nós já passamos de 400 alunos. E estes alunos estão divididos em dois grupos, porque é pedagogia da alternância, então, enquanto a metade está aqui, cerca de 230 a 250 alunos, em casa tem mais este mesmo tanto. Esse grupo estará chegando à escola no dia 14 de março. Então, eles estão divididos em dois grupos, enquanto, um grupo está na escola, o outro grupo está na zona rural e é visitado, como você já viu hoje, pela equipe itinerante.*

## **3. Como funciona esse regime de alternância?**

*Sonilda: São 30 dias aqui, imersos nessa educação formal e integral. E 30 dias em casa, com atividades orientadas. Eles levam um módulo de atividades bem similares às atividades didáticas e pedagógicas realizadas na escola. Em casa, eles também fazem as atividades agrícolas propostas, estas acontecem nos espaços do campo, onde os pais moram. Não temos alunos proprietários de terra, nem filhos de proprietários. Nós temos alunos filhos de agricultores diaristas da zona rural.*

## **4. Quantos funcionários ou colaboradores trabalham na escola?**

*Sonilda: Hoje, ao todo, são 52. Eu e o vice-diretor e mais 50 funcionários. Destes 50, 25 são docentes e 25 trabalham em todos os outros setores, distribuídos em serviços gerais, como secretaria, lavanderia, cozinha, dormitório, refeitório, limpeza e portaria.*

## **5. Qual é o regime de contratação?**

*Sonilda: O regime de contratação, infelizmente, ainda é o regime chamado de Prestação de Serviços Temporários ou PST e isso ainda nos incomoda muito. Não foi esse o regime inicial, o Estado passava uma verba para a sociedade beneficente e a*

*sociedade pagava os funcionários. Só que havia muito atraso, como há até hoje. E nós hoje já compreendemos o processo público, como se dá, a gestão e toda a complexidade. E não é somente o desejo e a vontade de um Gestor Estadual de um Governo e compreendemos essa problemática. Tudo bem, chegamos a compreender, mas ainda é muito difícil. Então, naquele momento inicial em 2001, era repassada uma verba para a sociedade beneficente e a verba pagava os funcionários. Só que, por conta desse atraso, esse meio, esse tramite com o dinheiro, ficou inviável. Por isso, os funcionários passaram pelo regime chamado REDA (Regime Especial de Direito Administrativo) e este REDA venceu e, agora sim, já há quatro anos estão no Regime PST. O que é lamentável, pois há uma dedicação exclusiva. Funcionários que estão nas escalas dos domingos, dos feriados, dos sábados e das dormidas e que ficam sem receber, às vezes, dois meses, três meses, os seus salários.*

#### **6. Como é feita a capacitação dos professores para trabalhar com a pedagogia da alternância nos moldes da metodologia de educação freiriana?**

*Sonilda: Então, nós temos o Programa de Formação Continuada, [...] um estudo dentro da própria escola, por conta das suas singularidades, especificidades. [...] os próprios professores, formadores, monitores da escola também ministram as aulas. Nós nos organizamos dessa forma [...]. Em 10 de dezembro de 2010 o grupo todo recebeu a certificação, tudo direitinho.*

#### **7. Como é elaborado o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola?**

*Sonilda: O Projeto Político Pedagógico, que nós chamamos de PPP, nós dividimos os grupos com as questões e cada grupo, cada setor da escola, estuda as mesmas questões. Depois, nós temos um momento aberto e colocamos todas essas questões. Esse projeto foi muito trabalhoso. Foi bem trabalhosa a elaboração, que foi em 2006 e 2007, este foi o último que nós elaboramos. A cada momento pedagógico, de seis em seis meses, nós paramos e verificamos o que nós avançamos e o que precisamos mudar. E aí, a gente observa que, já foi possível avançar em muita coisa, embora, tenhamos muitas outras para conquistar ainda. Temos as reuniões de pais e os pais participam. Temos os nossos pareceres e o classificador, a pasta do PPP, que além de, estar encadernado, devidamente, organizada e entregue aos órgãos competentes, está também sempre em construção e reconstrução, por conta também, das demandas novas que vão surgindo.*

## **8. A escola também possui o seu Regimento Interno?**

*Sonilda: Sim, a escola tem seu Regimento Interno, que por sinal agora, em 2006 ou 2007 também, com a lei que legaliza o primeiro ano, nós atualizamos o Regimento e temos já o primeiro ano e o segundo ano também já funcionando, além das outras séries. E temos o Regimento Interno, que regimenta todas as nossas ações administrativas e também as docentes e discentes.*

## **9. Quais os pressupostos teóricos de Paulo Freire que embasam a construção do conhecimento e a gestão, como um todo, desta unidade escolar em alternância?**

*Sonilda: Então Regiane, assim, nós pensamos que a primeira grande contribuição, que você está chamando de pressuposto teórico, que nós chamamos até de legado, de alguma coisa que ele nos, até usamos a palavra, abençoou com sua percepção até precoce, é a questão da integralidade da educação, a educação integral, o sujeito como um todo. Esse é um pressuposto freiriano que nós compreendemos que estamos a caminho, até porque, esta é uma escola residencial, por isso, podemos atuar em todas as dimensões da vida do sujeito e com o sujeito aprendiz camponês. Também a perspectiva da Educação Crítica Progressista Libertadora. Então, assim, pensamos que esse sujeito oprimido, o sujeito com os quais nós lidamos diariamente são pessoas que estão sob os jugos esmagadores na zona rural, são pessoas de mãos calejadas, que trabalham de sol a sol, não tem isso de bater o ponto, quem decide a hora que terminou o dia é o por do sol, por exemplo, com salários horríveis, moradias péssimas, que nem chamamos de moradia, às vezes, são cobertores velhos amarrados em madeiras. Então, a história está assim, e isso é bem de Paulo Freire, não porque tem que ser assim, está assim, porque foi feita assim. E se foi feita assim, pode ser desfeita e pode ser feita de outra forma. E outro pressuposto freiriano que nós pensamos e dialogamos com os pais e com nossos alunos é de que quem liberta esse oprimido é o próprio oprimido. Embora, Freire tenha dito que, em cada pessoa oprimida há também um opressor dentro, mas isso é outra questão. E claro, a gente vai vendo isso mesmo no lidar, mas assim, o nosso papel enquanto cidadãos da educação, do que fazer como dizia Freire, ele usava essa expressão, do que fazer cotidiano, nós pensamos que esta é a grande contribuição dele. Outro pressuposto é do homem se libertar e este sujeito novo, fazedor da sua história. Sujeito mesmo da história, tomando as decisões sobre as*

*diretrizes da sua vida, não aceitando os ditames do rolo compressor que vem aí, por conta, dessas questões de camadas sociais, de classe e etc.*

**10. Como esses princípios freirianos contribuem para fundamentar a prática em sala de aula, em relação, à alfabetização, ou seja, quanto à metodologia alfabetizadora?**

*Sonilda: Sobretudo, assim, eu penso que Paulo Freire contribuiu muito no momento de aquisição de lecto-escrita, porque quando ele fala de libertação, quando ele fala de sujeito leitor, inclusive, aquela frase celebre dele: antes de se ler a palavra escrita se lê o mundo, quer dizer, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Então, assim, nós pensamos com os nossos sujeitos, todos juntos, essa leitura de mundo, essa leitura da realidade camponesa, essa leitura dessas valorações do que é urbano e a desvalorizações do que é do campo, do que é rural, que é outra questão séria. Nós definimos qual a categoria que vamos trabalhar se campo ou se rural, que é outro caso e não o nosso aqui agora. Então, na sala de aula, em termos práticos, como você perguntou, nós pensamos que é libertador aceitar ou começar com a leitura de mundo desse sujeito, primeiro. Esta é uma leitura muito diferente dessa leitura urbana que estamos acostumados. Segundo, que também Paulo Freire nos auxilia, é nessa coisa libertadora, nessa coisa da aceitação, quando nós trabalhamos na perspectiva sociolinguística, então, a fala do campo é estudada e não excluída. O desafio dos educadores alfabetizadores aqui é dar conta de expressões do tipo “prumode”, é dar conta de expressões do tipo “subir pra cima”, é dar conta de expressões do tipo “professora não venha na minha casa na sexta-feira porque é dia de pagança”. É estudarmos o neologismo, por isso, esse respeito por esse outro sujeito, que é o outro apenas diferente e não deficiente, a leitura da palavra mundo e começarmos a nossas praticas a partir da palavra que vem de lá e não isso de um currículo nosso. Temos também já conquistado esse espaço de construção desse currículo e dessa leitura com o homem do campo, com o camponês, etc. Então, nós pensamos que, essas são grandes contribuições, assim, leitura do mundo antes da palavra escrita, leitura daquilo que o sujeito traz do campo que é sua percepção da vida. Também a questão desse levantamento lexical, quais as palavras reais, qual o léxico utilizado, para daí, nós partimos. O respeito, que esse respeito, eu penso, que Paulo Freire queria dizer que é isso que gera essa perspectiva libertadora, de não exclusão, de aceitação, de inclusão e etc. Eu acho que, mais ou menos, em síntese é isso.*

**11. Como a escola trabalha a construção de saberes que não são agrícolas na grade da pedagogia de alternância?**

*Sonilda: Então, nós temos a Base Comum do Currículo Nacional, a Matriz Curricular Nacional é observada. Nós temos os horários das aulas da Base Comum, então, qualquer aluno nosso daqui do Nordeste, da Bahia, em Jaguaquara, pode ser transferido para qualquer escola de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de qualquer lugar do Norte, do Sudeste. A Base Comum é observada, a carga horária, dentro da performance nacional. Fora isso, como o aluno é imerso, nós temos todo o outro tempo para esse trabalho agrícola, esse outro trabalho se mantém. Mas, a Base Comum, os dias letivos excedem, por exemplo, o nosso ano excede em dias letivos e em carga horária do proposto pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura).*

**12. Como as disciplinas e os conteúdos trabalhados na escola se tornam significativos para a vida do educando, como vocês explicam ao educando a importância desses conhecimentos para o seu dia a dia?**

*Sonilda: Partimos da realidade dele, sempre, mas não ficamos nessa realidade. Então, o nosso grande argumento, não só o grande argumento, mas também creio que, o que está posto é que o mundo precisa ser lido a partir do meu local, do meu particular, mas sempre além. Então, assim, nada é indispensável no conhecimento de ninguém. Claro que, há questões mais significativas, bem mais prazerosas, muito mais associadas à realidade, ao cotidiano, mas o eixo sempre é a realidade. Desta realidade, nós puxamos de forma interdisciplinar, às vezes, multidisciplinar e, às vezes, até transdisciplinar. Nós puxamos os eixos para essa coisa do currículo mais engessado, do que é proposto mesmo, assim, para que haja até uma regularidade nacional. Então, nós puxamos da realidade do aluno e isso não é difícil porque História está na história dele. O trabalho com a Gramática, por exemplo, é o último trabalho que fazemos em aulas porque nós pensamos a aquisição de leitura e escrita de no mínimo cinco anos pra alguém dominar o código escrito da língua e não é uma coisa simples. Então, partimos sempre, da realidade deles e, lá adiante, é que falamos nessa nomenclatura gramatical de sujeito, predicado, substantivo. Então, muito mais lá adiante, quando isso chega, as coisas significativas, nós pensamos que, já foram colocadas.*

**13. Quais os materiais ou recursos didáticos que os educadores (as) utilizam em sala de aula durante o processo de alfabetização? Como esses são formulados e aplicados?**

*Sonilda: Nós temos de base os livros didáticos que recebemos do MEC e mais alguns outros. Nós temos as produções coletivas dos alunos e dos professores. Temos jornais, revistas como suportes. Temos os noticiários, os filmes. Temos todos os recursos materiais de datashow, televisão, TV pendrive. Por isso, seria mais fácil perguntar o que não temos, graças a Deus. Porque, também, nós sabemos que estamos num momento que, com essa história de PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), de verbas específicas que a escola recebe, então, é tranquilo de se ter tudo isso. Temos uma biblioteca muito rica em paradidáticos. Nós temos a internet. Temos também, por exemplo, um jornalzinho que é todo de produção dos alunos. Tirando o livro didático e a coisa que já vem pronta, há toda uma produção dos alunos.*

**14. Os alunos fazem atividades físicas? E como vocês trabalham com a questão das brincadeiras e o acesso aos brinquedos durante ou fora desta atividade?**

*Sonilda: Nós temos uma quadra que é de cimento e outra quadra que é um campo de futebol. Nós temos baleados, brincadeiras de corda, brincadeiras de roda, isso está incluído no horário diário, de no mínimo 1h30min. As 16h00min os alunos menores saem pra recreação e os maiores saem as 16h30min ou as 17h00min. Todos brincam até 18h30min ou 19h00min, até a hora do café da noite. Mas, todos os dias. Misericórdia! Imagine um internato sem isso em alternância! Todos os dias as crianças fazem atividades físicas e temos muitos brinquedos, inclusive, de doações. Ontem, por exemplo, nós abrimos uma caixa com xadrez, dama, dominó, baralho, claro que, são mais educativos, mas temos muitas doações de bonecas, de carrinhos e, às vezes, podemos até comprar pelo PDE. Agora, são crianças e eles quebram ou perdem um pouco, até porque a área da escola é muito grande. Mas, temos muitas bolas e esses tipos de brinquedos. Alguns ficam guardados nos armários das professoras, mas temos também brinquedos como boneca, carrinho para as crianças pequenas.*

**15. Qual o envolvimento da família e da comunidade no projeto da escola?**

*Sonilda: Olha, a comunidade é a grande parceira que a ERTE tem. Aliás, a ERTE está completando dez anos agora porque tem a comunidade como parceira. Os*

*nossos fornecedores que são todos de Jaguaquara, dizem que não importa quando vai chegar o dinheiro, a escola não pode ficar fechada e nem deixar de abrir no dia certo. Então, imagine que, nós já chegamos a dever em nome do Estado R\$110.000,00 (cento e dez mil reais) de verba atrasada. Os fornecedores dizem que podemos ficar a vontade. Nós fazemos os processos licitatórios ou licitação ou cotação. A comunidade, realmente, é a nossa parceria, nós temos médicos voluntários, dentistas que atendem semanalmente as crianças da escola. A própria Secretaria de Saúde já esteve aqui e sempre tem estado, o Secretário de Saúde se coloca a disposição. E nós precisamos muito apoio, imagine, às vezes, temos até quase trezentas crianças internas. Então, pra dá conta disso, de toda essa coisa da saúde. Nós temos também a Secretaria Municipal da Educação, nossa parceira número um, a Municipal. Fora isso, os grandes empresários da cidade. Nós fazemos o Natal das crianças, os momentos de conclusão de curso, como pouca escola particular no Brasil pode fazer. A Maçonaria, o Rotary, todas estas instituições e também as pessoas da comunidade nos procuram, adotam crianças. Nós temos alunos que recebem todo o material e que estudam em escolas particulares, porque aqui não tinha de quinta a oitava e já estão mais adiantados, ex-alunos que são amparados pela comunidade. Com relação à família, é muito longe a Sede da escola da onde os pais moram e isso dificulta a presença mais contínua dos pais, mas os pais fazem parte do colegiado, assinam a documentação, participam das reuniões, não 100% dos pais, até porque, pra vir da zona rural até aqui, eles precisam de dinheiro pra pagar o transporte, às vezes, não tem esse dinheiro. São pais que, em termos de confiar na escola, nós temos muitas crianças, como você tem visto, de cinco anos e meio. Então, a confiança na escola é incondicional, às vezes, quando a criança chora, o pai vem no sábado ou no domingo visitar porque a criança estava chorando, então, a gente pergunta ao pai se quer leva-la pra casa, mas ele não a leva por confiar no nosso trabalho. Logo após, a visita e quando o pai vai embora, a criança volta a brincar e tudo fica bem tranquilo.*

**16. O eixo norteador do projeto ERTE é a terra, o campo. Quais as estratégias pedagógicas e administrativas utilizadas para preservação da cultura campestre e para o direcionamento do trabalho educacional produtivo?**

*Sonilda: Sim, esse trabalho é feito, primeiramente, em sala de aula. Em nosso momento de coordenação com os professores, momento de formação continuada, essa é a tecla número um. A escola é rural, nosso objetivo, primeiro, é fortalecer a zona rural.*

*Nós precisamos evitar esse êxodo rural, agora mesmo, parece que está tendo colheita de café em São Paulo, alguma coisa nesse período de janeiro e fevereiro, alguma coisa está acontecendo lá pelo Sudeste e Sul e muita gente está indo pra lá. E depois voltam decepcionados com aquela outra vida e, assim, nós temos uma riqueza natural aqui na zona rural. Então nós buscamos dar visibilidade a isso em todos os nossos discursos com os alunos. A música da escola é “Morar na roça é pra lá de bom”. Então, isso está nas paredes da escola, está nas figuras que nos usamos que são todas de camponeses, isto é muito presente, insistimos muito nisso e lidamos também com os alunos. Agora, eu penso que, a partir deste instante, que nós já estamos autorizados a ir até a oitava série ou nono ano e nós já estamos de namoro com o Ensino Médio, eu penso que, a resposta vai ser mais positiva. Mas, mesmo timidamente, já temos respostas bem interessantes que os pais nos dão sobre a produção na roça, que está melhor com o saber que o aluno construiu aqui. Conhecimentos de como tratar a terra, de como fazer o espaçamento de uma plantação para outra e etc.*

**17. Qual o procedimento de avaliação para garantir a aplicação do projeto político pedagógico da escola e para diagnosticar os problemas e buscar novas soluções?**

*Sonilda: Nós temos reuniões mensais. E no dia que as crianças saem, nós paramos a escola e fazemos a avaliação do mês. Então, isso está no calendário, todo mundo sabe, os professores tem anotado e o pessoal todo da escola. Então, nós paramos e fazemos a avaliação. E assim, Regiane, nós temos muita autonomia, Graças a Deus, até diante do Estado, na Secretaria da Educação. No nosso calendário nós começamos a semana pedagógica no dia 26 de janeiro e no dia 31 de janeiro éramos a única escola funcionando. Nós podemos mexer em nosso projeto, o Estado nos respeita nas nossas singularidades, a DIREC-13 nos respeita em nossas especificidades. Nós temos todo o espaço de mexer naquela coisa que não está produtiva, inclusive, o funcionário, o servidor dessa escola só fica quando o Colegiado acha que ele deve permanecer, o diretor também é eleito a cada três anos ou reeleito e a comunidade faz isso.*

**18. Quais as dificuldades relatadas pelos educadores (as) quanto à aplicação da metodologia na perspectiva freiriana associada à alternância? E quais os pontos positivos relatados?**

*Sonilda: Eu penso que, você não vai achar uma resposta como dificuldade. Eu conversei com o Paolo Nosella, rapidamente, mas fiquei muito contente dele me dizer uma coisa que eu venho pensando há muito tempo. Eu penso que, a obra de Freire que, eu tive o prazer de dar conta durante o Mestrado, dos escritos deles, todos os postulados, é que eu nunca vi nada tão mais fácil de dialogar como Paulo Freire e pedagogia da alternância. A alternância pensa o homem novo, a alternância pensa a relação escola e trabalho e tudo que a gente encontra em Freire encontra na alternância. Então, eu penso que, não há dificuldade em relacionar Paulo Freire e alternância, pelo contrario, a proposta da alternância fica extremamente amparada em Paulo Freire. Todos os postulados da pedagogia da alternância você acha em Freire aqui e acolá. Agora, as dificuldades, por exemplo, nos momentos de aquisição de leitura e escrita, que não tem nada a ver com a relação Paulo Freire e alternância. São dificuldades, assim, ambiente alfabetizador, por exemplo, quando a criança volta, talvez você vá ver muitos professores colocando que, esse mês que eles passam em casa ou eles levam o livro da escola ou eles não têm uma pagina escrita em casa. Claro que, o próprio Freire disse que, a leitura da palavra escrita não vai minimizar o valor da leitura do mundo, mas a leitura do mundo também não vai tornar prescindível a leitura da palavra escrita, ela é necessária. Então, nesse momento de alfabetização, quando o aluno está em sua casa, lá na zona rural, ele não tem acesso à palavra escrita, a outros textos, só tem aquilo que a escola manda. Então, a gente sente que, há uma redução, um esvaziamento, que alguma coisa acontece. Essa é uma questão que, nós estamos labutando, ainda. Então, nós temos dificuldades, não sei se é uma dificuldade, também penso muito sobre isso, porque nas outras escolas, nos modelos tradicionais, as crianças recebem dos pais um apoio diferenciado, não sei também se essa é a realidade das escolas publicas. Nem todas, talvez de algumas escolas particulares. Mas, como estamos cercados de escolas particulares, este parâmetro desse pai que acompanha as atividades, que ajuda, então, isso nós não temos. Ou o aluno chega à zona rural sabendo o que vai fazer com seu modulo ou não vem nada pronto no mês seguinte. Às vezes, nós pensamos, eles ficam imersos nessa educação formal três turnos, embora tenham aulas de musica, de inglês, aulas de ensino religioso ou aulas de educação religiosa e de agricultura, mas há um momento que a gente sente que, será que isso não cansa? Nós pensamos e estamos levantando questões sobre essa coisa da imersão. Será que isso não cansa para aquisição da lecto escrita, como é que é isso? Agora, eu penso*

*que, nós não temos dificuldades em relacionar e que não há em relacionar Paulo Freire e pedagogia da alternância.*

**19. E praticar, na prática você percebe que está colhendo bons resultados?**

*Sonilda: Como praticar, eu quero começar por aí. Nós pensamos, assim, é uma postura de vida, aliás, não dá pra ser freiriano sem ser alguma coisa mais inteira. Não dá pra dizer faça uma educação freiriana e minha vida não a é. As experiências dele com camponeses, o que nós entendemos dele de problematização, de questões, não é uma coisa que seja simplista, é complexo, muito complexo estudar Paulo Freire. Mas, ele nos chama a humanização, ele nos chama a um pensar constante da prática, da ação, da reflexão, nesta coisa cíclica. Então, como colocar isso em pratica? O que nós pensamos ser educador numa perspectiva freiriana, num modelo pedagógico alternante, sobretudo, é necessário que o educador, esse fazedor da educação esteja já com essa filosofia como filosofia de vida. De vida inteira e não vida profissional, como se ele pudesse dividir, dicotomizar, lá é o meu profissional e aqui é minha vida. Então, eu penso que, ou se é freiriano inteiramente ou não se é em nada. Porque essa aceitação do outro, esse espaço da dialética, esse espaço do diálogo, esse espaço de ouvir a palavra que vem de lá para estruturar uma aula a partir dali, esse professor aprendiz sempre, essa postura de vida é necessária. Então, como praticar? Primeiro, incorporando isso como atitude de vida, buscando na sua própria vida essa desistência de si, no sentido de amor de si, mas não amor por si. Penso que, isso nós trabalhamos repetidas vezes e até cansativamente em nosso cotidiano aqui. Acho que é por aí, tendo pra si e fazendo aquele circulo que é também de Paulo Freire e aquilo do dialogo acontecendo.*

**20. Como os alunos são avaliados durante o processo de aquisição da lecto escrita?**

*Sonilda: Primeira coisa, nós não temos provas, nem dia de prova, nem reprovação. Também não somos organizados por serie, cada turma tem um nome e os alunos são agrupados por idade. Claro que, nós precisamos fazer a correspondência como uma serie, isso nós fazemos na secretaria. Penso que, isso é muito sem vida para o educando rural, por exemplo: primeira série, passou na prova, tirou nota dez ou zero, nós não trabalhamos desta forma. Então, fazemos, constantemente, e isso é semanal, o encontro com os professores e o conselho de classe com os alunos e eles nos dizem no*

*que avançaram. Essa observação, direta mesmo, dos avanços. Só no último ano do ensino fundamental é que nós pensamos na retenção, dele continuar mais um pouco sem ir pra outra série. Mas, é dessa forma, essa observação direta, cotidiana, especialmente, e a auto avaliação. Nós temos muito essa coisa de legislar sobre a aprendizagem do outro, se aprendeu ou não aprendeu, a gente acha isso complicado e o aluno também diz. E, assim, dos momentos de leitura e de escrita ele também participa.*

## **21. Existe evasão escolar, qual a porcentagem e os motivos da mesma?**

*Sonilda: Nós não temos essa evasão da escola regular, de matricular tantos alunos e com um mês ou dois já perdemos em tantos por cento e no final do ano terminamos com metade. Essa evasão nós não temos, porque os alunos são internos, eles vivem aqui, não existe isso de faltar aula, de não comparecer, isso é maravilhoso na pedagogia da alternância. Eu quero que você coloque isso no seu trabalho, pois eu defendo a alternância por isso. Então, imagina que, o aluno já acorda na escola. Eu quero registrar também que eu fui interna, meu curso de Pedagogia eu fiz num internato em Recife e foi o melhor curso que eu fiz até hoje. Mas, nós pensamos que, o aluno ser interno, ele acorda, ele vai dormir na escola, então, as atividades que o professor passa, organiza e manda pra casa, o aluno faz aqui mesmo. Portanto, não existe esta descontinuidade, no sentido de, não trouxe a atividade, filou aula ou evadiu, isso não existe. Agora, assim, a cada ano nós temos vários alunos novos, mas os que estão sempre de um ano pra outro, estes não temos problemas, a evasão é praticamente zero. Agora dos novatos, alguns não se adaptam. Então, isso fica na margem, considerando todos os anos, entre 5% ou 3% de alunos evadidos. Mas, este ano, por exemplo, parece que não vamos ter esse problema. Às vezes, quando os pais decidem ir pra outro Estado, isso também pode acontecer, mas geralmente, nesses casos, as crianças não vão, ficam com os avós na zona rural e não saem da escola.*

## **22. Qual a contribuição do projeto da ERTE na vida dos educandos agrícolas, como é feito o acompanhamento das transformações na vida deles?**

*Sonilda: Regiane, nós começamos uma pesquisa no final de 2009, fizemos o levantamento de todos os ex-alunos. Nós temos uma Associação de ex-alunos da Escola Rural Taylor-Egídio, da ERTE. Temos uma pasta só com depoimentos escritos por eles. (...) em 2010, inclusive, em nosso site tem várias fotos de 2010 com os ex-alunos. Fabio,*

*por exemplo, fez parte do primeiro grupo da ERTE, já tem uma roça de chuchu. Leidiane já está casada e mora na zona rural. (...) em 2007 e 2008 começamos a perceber que eles saíam daqui muito jovens ainda, por exemplo, as meninas ao terminar a quarta série iam trabalhar de babás na zona urbana. Parece que, se perdeu tudo aquilo que a gente pensava e parece que a coisa não ficou. Agora, os resultados começam a ser mais positivos e a gente espera isso. Foi quando pedimos ao Estado até a oitava série, já nesta perspectiva de ir até o segundo grau. Porque os alunos estavam concluindo e saindo da escola, muito novos, realmente. Essa pergunta sua nós já nos fizemos. Por isso, em 2009 fomos pra luta e em 2010 já conseguimos, aliás, final de 2009 já fomos autorizados.*

**23. Para encerrar: Na sua concepção, quais são os pontos positivos e os negativos do projeto, desde sua implantação?**

*Sonilda: Negativo, primeiro, foi essa coisa da manutenção. A nossa luta tem sido que esse programa aqui na Bahia não seja um programa de Governo, mas de Estado. Estive com o Secretário da Educação em Novembro, aliás, todos os anos a gente marca audiência, duas vezes e até três. Então, sendo um programa de Estado, inclusive, a Superintendência da Educação do Campo aqui na Bahia, Salvador, já nos colocou como uma referencia e quer formar educadores aqui. Os educadores virão pra cá. Vamos ter o curso de Pedagogia da UESB aqui, o vestibular já foi feito e vamos começar em março. Até brincaram com a gente, vamos manter vocês, mas vocês vão dar o que? Então, vamos ser o centro de referencia na formação de educadores campestres. Foi bem trabalhoso, tem sido. Sempre que muda um Governo, a gente pensa, como vai ser agora? Temos que explicar, desde o inicio, porque a escola precisa de enfermeira, porque se usa combustível e etc. Então, é muita explicação, justificativa, e isso é cansativo. Chega ao ponto, às vezes, da exaustão minha e do vice-diretor. Chega ao ponto da gente pensar que não vai dar pra segurar mais a onda, porque a gente se cansa demais com essa coisa burocrática. Mas, esse momento nosso agora, é muito bom. O Governador foi reeleito e a equipe toda já é conhecida nossa. Todo mundo da secretaria já nos conhece. Quando vai atrasar o dinheiro somos avisados. Os funcionários estão recebendo em dia, janeiro e fevereiro sempre atrasa, mas o ano passado nós passamos o ano recebendo o salario sem atraso. Então, já começou a melhorar muita coisa, mas o que foi muito ruim foi esta estranheza do poder Governamental pra esta modalidade pedagógica. Embora, vários espaços legais, textos*

*legais, eu sei que a LDB (Lei de Diretrizes e Base) de 96 não fala em pedagogia de alternância, mas tem um artigo que pra educação do campo todas as adequações precisam ser feitas. Embora, haja as diretrizes nacionais pra educação do campo que também fala da pedagogia da alternância, houve estranheza do Estado e há. Sempre que entra um funcionário novo, alguém novo na secretaria, na diretoria da educação nós temos que explicar tudo do zero. Esse é um ponto. Segundo, nossos cursos de Pedagogia não tem uma disciplina, isso quando eu fiz a pesquisa, não sei se tem alguma novidade agora, uma disciplina que seja pedagogia da alternância. Pode até ter educação rural, educação do campo e se o professor docente tiver conhecimento disso vai falar alguma coisa, senão. Então, o que aconteceu com a equipe, inclusive, comigo dez anos atrás, entramos todos sem saber o que era isso. Tivemos que estudar pra fazer, porque não sabíamos o que fazer com a escola. Então, eu penso que, esse desconhecimento do profissional, também atrapalha um pouco. Cada pessoa nova que entra a gente tem que começar do zero e explicar. Agora, está bem mais fácil, porque entra uma pessoa no grupo de cinquenta, então, já tem de alguma forma um parâmetro, um modelo pra se saber como fazer. Mas, foi um embaraço muito grande esse despreparo da equipe, pois na formação docente se trabalha muito pouco sobre a educação integral. Embora, Paulo Freire seja um brasileiro, tivesse sido um brasileiro, haja um instituto com o nome dele e tem muita gente o estudando, ainda é tímida a defesa dos postulados dele nas universidades. Parece que o internacional é melhor. É muito superficial, por exemplo, minha filha fez a licenciatura em uma universidade pública da Bahia e quando terminou, disse que só eu falava sobre isso, ninguém tratou desse assunto. Tem dois anos que ela terminou e já está no Mestrado trabalhando Paulo Freire, pelo menos, ela se converteu, valeu a pena, mas ela conheceu os postulados aqui. Uma coisa positiva é que no Mestrado ela está trabalhando Paulo Freire e tem muitos professores trabalhando Paulo Freire. Então, não parece que a gente é extraterrestre. Esse desconhecimento do Paulo Freire é inacreditável, o desconhecimento da pedagogia da alternância que é ainda mais desconhecida que Paulo Freire, isso é embaraçoso. Outra coisa, a disposição agora depois de conhecer, a disposição para o trabalho, você percebe que não é simples. É muito complexo, porque aqui é como uma família de trezentas pessoas e dá pra se pensar o que é isso. E destas trezentas pessoas, quase toda a totalidade, são crianças e adolescentes, que jogam toalha molhada na cama, que empurra o outro na hora da refeição, que não sabe usar garfo e faca, que não sabe usar o vaso sanitário ao chegar aqui, que usa o*

quintal da escola e há funcionário que não entende isso. De positivo, o mais positivo é o sentido que isso dá a vida, não sou só eu falando não, eu falo mesmo depois de dez anos e ainda fico arrepiada, é o sentido que isso dá a vida. Você perceber que pode ter uma prática educacional diferenciada. De repente, a pedagogia da esperança encontra um espaço concreto pra ser pedagogia da esperança. De repente, a gente percebe que na vivência dessa grande família a lapidação é de todo mundo, de professor, de aluno, isso que comentamos hoje, essa coisa de atritar, essa coisa de passar um no outro mesmo. Outra coisa muito positiva é que se conhece mais o que é ser gente, aí começa a ser bom suor de menino e começa a ser legal. E como nós precisamos usar a criatividade a cada dia pra resolver um problema, uma questão a cada momento e a cada hora. Então, eu acho que, considerando o que é educação integral que é tanto de alternância como de Paulo Freire, causa mudanças na vida de cada menino e menina. O depoimento que o pai traz e a mãe traz. O depoimento que ele mesmo dá, especialmente, o ex-aluno que volta pra dizer o que foi conviver aqui. Então, isso é muito positivo, o crescimento da equipe tem sido muito grande. Hoje, esta escola não precisa de mim, honestamente, eu indo embora ou morrendo, isso tudo aqui continua muito bem, há várias pessoas que podem dirigir isso aqui tranquilamente. Outra coisa é o crescimento como gente, alguns professores dizem isso. Educadores que trabalham na cozinha, na portaria, dizem assim: essa escola é pra mim e não para os meninos, eu é que estou aprendendo aqui. A gente ouve muito isso. E se é um projeto que dá vida a vidas, por exemplo, nossos alunos são cidadãos. E o Estatuto da Criança e Adolescente está escrito nas paredes. Temos orientação de assistente social e de advogados, nós sabemos, perfeitamente, o que podemos e o que não podemos fazer com a criança. E o Conselho Tutelar nos visita, quase que semanalmente, e nos apoia muitíssimo. Esse crescimento nosso como equipe é um dos pontos mais positivos. Eu sei que fez muito bem a criançada toda, mas nós é que vivemos a possibilidade de uma grande família. E na minha vida foi um sentido novo, foi um pulsar, foi um saber do porque estar na terra, foi muito interessante. E também de poder acreditar numa educação nesse país, pois a gente nem quer entrar em escola nenhuma porque parece mais uma coisa de louco, pelo menos a que a gente visita, a que a gente pesquisa. Por exemplo, aqui agora, temos quase trezentas crianças dormindo, todas foram para o quarto e não vimos, praticamente, elas passarem, tudo muito tranquilo. De positivos são muitos, de um modo geral, se perguntar para as pessoas, elas vão te dizer isso.

Obrigada Sonilda.

*Sonilda: Você acha que consegui responder tudo?*

Com certeza, agradeço novamente suas contribuições.

### **2.1.5. Os quarenta e seis alunos**

Produção textual elaborada no dia 08/02/2011.

Tema: **O que você gosta na ERTE?**

**1) Aluna da 2ª série: Daiane.**

**Idade: 8 anos.**

*Eu gosto de brincar, de dormir, de me divertir, do parque, dos meus amigos, de tudo. Só não gosto de bater nos amigos.*

**2) Aluna da 3ª série: Amanda**

**Idade: 10 anos.**

*Eu gosto do parque, das professoras, dos meus colegas, gosto de tomar banho e das visitas, mas não gosto de bater nos colegas.*

**3) Aluna da 3ª série: Katia Santos Freitas**

**Idade: 9 anos.**

*Eu gosto do parque, de tomar banho de piscina, de ir para o dormitório, da sala de aula e de brincar com meus colegas. Não gosto quando os colegas brigam e não gosto de ir pra horta.*

**4) Aluna da 3ª série: Ludimira**

**Idade: 9 anos.**

*Eu gosto do parque, do refeitório, de jogar bola, mas não gosto quando os colegas ficam brigando.*

**5) Aluna da 3ª série: Flavia**

**Idade: 9 anos.**

*Eu gosto de ir para o parque e da piscina, mas a piscina é na outra quadra, perto daqui. Não gosto de ir pra horta.*

**6) Aluna da 4ª série: Fernanda dos Santos Aguiar**

**Idade: 12 anos.**

*Eu gosto da inteligência da professora Sonilda. Gosto também de brincar, de ler, de escrever, dos meus amigos, dos passeios, das merendas e de todos os funcionários. Gostei muito da visita de vocês. Eu amei por me visitar. Eu gosto daqui porque é muito especial e legal. Aprendi a ler e escrever com as professoras e elas carregam a gente com maior carinho e felicidade. Feliz 2011. Amo Jesus Cristo.*

**7) Aluno da 4ª série: Fernando dos Santos Aguiar**

**Idade: 13 anos.**

*Eu gosto daqui porque aprendi a ler e escrever. Gosto de brincar com meus colegas. Gosto das professoras, dos alimentos que nos alimentam, de desenhar. Seja bem vinda a ERTE. Ok! Deus te proteja sempre.*

**8) Aluna da 4ª série: Andreia Silva de Jesus**

**Idade: 10 anos.**

*Eu gosto das árvores, do parque, das professoras, das meninas, dos meninos, da quadra, dos pés de coco e dos dormitórios. Gosto da casa da professora Sonilda e da horta. Gosto de brincar e de passear. Não gosto de brincadeiras bobas, de lixo na grama e na da sala de aula. Amo todos vocês.*

**9) Aluna da 4ª série: Fabiana Santos de Jesus**

**Idade: 11 anos.**

*Como é a escola? É muito boa, mas tem uma coisa que eu menos gosto: que é ir para sala de aula após o banho. A gente tem que ficar mais um pouco lá fora brincando e conversando com os amigos até a hora de ir tomar café. Eu amo você.*

**10) Aluno da 4ª série: Ivanildo.**

**Idade: 14 anos.**

*Eu gosto das professoras e de suas aulas. Também gosto da escola porque é rural e por poder mexer com a terra. Não gosto de levar bronca, de discutir com meus amigos e de ser excluído das brincadeiras deles.*

**11) Aluna da 4º série: Fabiana.**

**Idade: 13 anos.**

*Eu gosto do parque, da biblioteca, do jardim, dos passeios, da horta, das professoras e da diretora. Ela é legal e divertida, eu gosto muito dela. Gosto do refeitório, da sala de informática, dos amigos e do dormitório. Eu não gosto quando a gente toma banho e volta pra sala de aula, pois não podemos brincar mais um pouquinho, mas de todo o resto eu gosto. Amo você diretora Sonilda e amo a escola.*

**12) Aluna da 4º série: Fabio Gonçalves de Matos.**

**Idade: 15 anos.**

*Eu gosto de brincar de bola, de passear e ver as flores. Gosto dos meus amigos, dos professores. A gente anda por toda a cidade para ver as flores e os jardins. Visitante, muito obrigado. Beijos e abraços.*

**13) Aluna da 4º série: Wesley de Jesus Santana.**

**Idade: 10 anos.**

*Eu gosto de brincar de bola, de ir para a quadra, de passear e de brincar de carro.*

**14) Aluna da 4º série: Ana Paula de Jesus dos Santos.**

**Idade: 11 anos.**

*Essa é minha escola. Aqui aprendi a ler e a escrever. Gosto de tudo, das professoras e dos meus coleguinhas. Essa escola é a minha casa e os professores são minha família. Essa é a minha história na ERTE. Um beijo da aluna que contou como é a ERTE. Tchau.*

**15) Aluna da 4º série: Eliene Santos Araújo.**

**Idade: 12 anos.**

*Eu gosto de estudar, de brincar e de ir pra horta. Gosto de passear, de andar com minhas amigas, de brincar de boneca e de ler e aprender cada vez mais. Não gosto que ninguém brigue comigo e de brincadeiras bobas.*

**16) Aluno da 4º série: Marcos**

**Idade: 12 anos.**

*Eu gosto dos meus amigos, das professoras e de fazer as atividades. Gosto de estudar pra ser mais feliz e de jogar bola. Eu não gosto quando a professora chama a atenção dos alunos. Não gosto de briga e sim de união e amizade.*

**17) Aluna da 4º série: Fabio de Jesus Santos.**

**Idade: 10 anos.**

*Eu gosto de fazer as atividades lá fora, também em sala de aula, mas gosto mesmo, quando é lá fora. Gosto de jogar bola e tenho muitos amigos. Um abraço.*

**18) Aluna da 5º série: Silvana Silva Lima.**

**Idade: 16 anos.**

*O que eu mais gosto na escola são das salas de aula, da sala da biblioteca e de informática. Não gosto do parque, da horta e de amiga falsa. Não gosto de alguns professores e da lavanderia. Beijo no seu coração. Fiz com amor, carinho e felicidade.*

**19) Aluna da 5º série: Adriana**

**Idade: 13 anos.**

*Eu gosto de estudar, de dançar, de brincar, de cantar e paquerar. Gosto também dos professores da ERTE e de assistir filmes de aventura. O meu time é o flamengo. O meu destino é viver. Minha comida preferida é lasanha e vegetal. A ERTE pra mim é um lugar que vale ouro, mas nem tudo que brilha é ouro. Eu tenho 13 anos, nasci em Jaguaquara às 5h: 35min. Minha turma é da Solidariedade ou 5º série. Meu nome é Adriana e tenho muitos colegas aqui. Essa é a história da minha vida.*

**20) Aluna: Lidiane**

*O que eu gosto de fazer na escola? Gosto muito de estudar, de ler, de fazer conta de adição, subtração, multiplicação e divisão. Gosto muito da ERTE porque a gente recebe tudo de mão beijada. A diretora Sonilda não gosta de nada desarrumado e nós também não. O que eu não gosto de fazer? Não gosto de desobedecer à professora e de não brincar na hora da aula. Beijos para a visita de São Paulo. A quem você teme: Jesus te ama.*

**21) Aluna: Isluiza de Jesus Santos.**

*Eu gosto muito de estudar. Aqui é minha casa, porque eu tenho outra família. Eu não gosto de andar de ônibus, se pudesse só andava de moto. Não gosto de brincadeira boba. Beijos pra professora Flavia.*

**22) Aluna da 5º série: Luana dos Santos Silva.**

*Eu me chamo Luana, gosto de estudar e de brincar no tempo permitido. Gosto de estudar na ERTE para no futuro ser uma advogada. Gosto das viagens que fazemos, fomos para Feira de Santana e gostaria de ir mais vezes lá, porque é muito legal. Queria poder te conhecer melhor, porque você é mais que especial. Quero muito que goste da ERTE. Gostaria que escrevesse uma carta pra mim e que mandasse pela professora Sonilda, eu ficaria muito alegre. Você poderia vir pra cá mais vezes? Queria muito que gostasse de todos nós e da ERTE. O senhor te guiará para sempre, tu será como um jardim regado. Que Deus lhe dê uma boa viagem e felicidades. Obrigada por ter vindo.*

**23) Aluna da 5º série: Alana dos Santos Silva.**

**Idade: 10 anos.**

*Eu gosto das professoras e também de estudar. Gosto dos meus colegas de sala, da escola toda. Gosta da horta, do parque, da comida. Gosto de estudar aqui porque as professoras nos tratam bem e porque é uma escola rural.*

**24) Aluno 5º série: Luciano Santos de Jesus.**

*Vou falar sobre a ERTE. Esta é uma escola que além de ensinar, nos ensina a viver no mundo, nos ensina como entrar e sair de qualquer ambiente. Essa é uma escola rural e é como uma família, por isso Deus nos ama e o Senhor Jesus também. Como todos sabem a diretora Sonilda é uma mulher muito forte para nos guiar. Eu amo*

*essa escola. A escola que eu mais amo e sempre vou amar. Tudo que sei e sou devo a ERTE. A escola é um lugar em que Deus está presente. Nós agradecemos a Deus por tudo que temos. Eu falo em nome de todos, pois todos se sentem como se estivessem em casa com sua família reunida. O que eu mais gosto é do carinho dos professores e de todos os funcionários. Eles nos amam do mesmo jeito que ama a um filho. Amo todos de coração. O coração da diretora é do tamanho do mundo, tem lugar pra todos nós. O Senhor nos guiará para sempre, nós seremos como um jardim regado, Isaías 58:11.*

**25) Aluna da 5ª série: Jeremias de Jesus dos Santos.**

*O que eu gosto daqui é da quadra, do campo, das professoras, do professor, do pessoal da cozinha, da guarita e da sala da biblioteca. Gosto do postinho quando estou doente e também de todas as crianças.*

**26) Aluna: Ivoneide.**

*Sou aluna da ERTE e aqui sou muito feliz. Aqui me divirto muito, tenho momentos bons e momentos ruins, mas é raro ter momentos ruins, são mais momentos bons. A ERTE é a minha vida, sem a ERTE eu não vivo. Preciso da ERTE para minha vida ir adiante. Todos os dias, eu agradeço ao meu pai Deus, pois Ele nós dá força para viver. Eu sou aluna antiga da ERTE, fui embora para o Espírito Santo, mas não gostei de lá e voltei. Não existe nada melhor do que a ERTE. Morar na roça é pra lá de bom.*

**27) Aluna da 4ª série: Fabiana**

**Idade: 13 anos.**

*Eu gosto do parque, da biblioteca, do jardim, dos passeios, da horta, das professoras e da diretora. Ela é legal e divertida, eu gosto muito dela. Gosto do refeitório, da sala de informática, dos amigos e do dormitório. Eu não gosto quando a gente toma banho e volta pra sala de aula, pois não podemos brincar mais um pouquinho, mas de todo o resto eu gosto. Amo você diretora Sonilda e amo a escola.*

**28) Aluno: Faécio Batista**

*Eu quero dizer que gosto muito da ERTE. Aqui eu me sinto em casa. Os professores são nossos segundos pais, eles nos dão atenção e compreensão. Aqui nós aprendemos muitas coisas, nós mexemos com a terra, aprendemos coisas interessantes*

*como respeitar e amar o próximo. Não sei por que as pessoas falam da ERTE, não tenho o que falar, apenas que gosto muito da escola. Aqui é minha casa. Para saber mais sobre a ERTE, entre em nosso site: [www.erte.com.br](http://www.erte.com.br). Fique ligado na ERTE. Um grande abraço.*

**29) Aluna da 5º série: Karina**

**Idade: 11 anos.**

*Eu gosto de tudo o que tem na ERTE. Gosto das professoras, das atividades feitas fora da sala. A comida é muito boa. Temos muitos colegas. Pra mim, aqui não tem nada de ruim. Eu faço aniversário no mesmo dia da ERTE.*

**30) Aluno: Gean.**

*Eu gosto de estudar, de brincar, de pular, de dormir, do refeitório, da casa do campo, da sala de televisão, da biblioteca e da lavanderia. Gosto de todo mundo e de toda a natureza. Vou escrever uma música no verso da folha: Pensei que fosse um anjo quando te avistei, pensei até que fosse flor, pensei que fosse o mar na escuridão, você disse que iria e eu disse que não. Agora parei de pensar pra valer, te dei o meu amor, fiz de tudo por você.*

**31) Aluna da 6º série: Katia Santos Freitas**

**Idade: 16 anos.**

*Eu gosto das aulas de Matemática, Português, Ciências, Geografia, História, Religião, Agricultura e Inglês. Os lugares que eu mais gosto são o refeitório, o quarto, o parque, a sala de aula, a sala de televisão, a biblioteca, de toda a área da escola. Gosto muito dos meus amigos e amigas. Pra falar a verdade não existe lugar que eu não goste na ERTE. Beijos.*

**32) Aluna da 6º série: Renilda de Jesus Assis**

*Eu gosto de estudar, de fazer a tarefa de casa, de me divertir, de ler e de aprender. Aqui na ERTE eu me divirto muito com minhas amigas, por isso gosto muito daqui. Também gosto de todos os professores. Eu não gosto de brigar, mas não tem nada na ERTE que eu não goste, por isso a ERTE é a minha vida, eu a amo. A escola é tudo pra mim, eu queria sempre viver aqui. Eu não tenho nada a não ser o amor das professoras da ERTE. Viver na ERTE é pra lá de bom.*

**33) Aluna da 6º série: Camila Azevedo Silva**

*Eu gosto das aulas de História, dos professores, das minhas amigas e amigos, da sala de informática e da horta. Não gosto da comida quando é muela ou fígado de galinha ou de boi, mas é só isto. Não tenho o que reclamar desta linda escola. Eu tenho seis anos caminhando para sete no dia oito de março deste ano. Beijos.*

**34) Aluno: Edilson de Souza**

**Idade: 16 anos.**

*Eu gosto daqui porque me sinto muito mais feliz. Gosto de estudar, das professoras que cuidam da gente. A gente se sente em casa, aqui todo mundo é como irmão. Aqui nos tornamos uma pessoa de bem. Amo estudar aqui na ERTE.*

**35) Aluna: Maria Rita Gonçalves Jorge**

*O que eu mais gosto na ERTE são dos meus amigos e das professoras, pois eles são muito legais. Gosto muito das professoras Sandra, Vilmaci e Mercy. Tenho muito amizade por elas. Adoro aqui, porque temos vários livros e na minha casa não tem. Por causa disso, quero ser escritora quando crescer. De ruim só tem uma coisa, algumas briguinhas que temos por aqui, mas coisas boas existem muitas, que não sei nem como dizer. Gosto muito da diretora Sonilda e das professoras da cozinha. Os nomes das minhas amigas são: Lais, Taislane, Nanda, Renilda, Kátia, Angela e Camila. E também Francisco, meu amigão.*

**36) Aluno: Jackson Santos de Menezes.**

**Idade: 13 anos.**

*Eu vou começar falando sobre o que eu gosto na ERTE. Gosto das professoras, dos funcionários e dos meus colegas. Não gosto de ver meus amigos discutindo com as professoras e batendo em outros colegas. O que eu mais gosto são das salas de aula.*

**37) Aluna da 6º série: Bruna Silva Souza.**

**Idade: 12 anos.**

*Eu gosto de várias coisas, mas o que mais gosto é da forma de ensino dos professores. Não sei como explicar, mas nossas professoras tornam qualquer problema em algo fácil. Gosto muito da comida, da limpeza e organização, tudo é espetacular. Não tenho nada pra falar de ruim, pois aqui é maravilhoso.*

**38) Aluno da 6º série: Felipe Carvalho dos Santos**

**Idade: 13 anos.**

*Eu gosto muito da aprendizagem da escola, das atividades, das professoras e dos funcionários. A primeira vez que entrei aqui, achei a escola muito ruim, mas quando me acostumei, percebi que essa escola não era o que eu pensava. Aqui, é com certeza, a melhor escola do mundo. Não tenho nada pra falar de ruim, porque tudo que existe na escola foi feito com muito amor e carinho.*

**39) Aluna da 6º série: Fernanda Pereira Santos**

**Idade: 12 anos.**

*Eu gosto, primeiramente, de estudar, isto é o principal para poder aprender. E depois, têm outras coisas, como brincar nas horas certas, conversar e obedecer aos professores e funcionários. E gosto daqui, pelo fato de aprendermos a ler e escrever. Temos também, aulas de inglês com o professor Jalon. Existem muitos professores maravilhosos como a diretora Sonilda Sampaio e outros. O que não gosto é de dormir cedo. Beijos e abraços.*

**40) Aluna da 6º série: Taislane.**

**Idade: 13 anos.**

*Eu gosto da sala de aula, das atividades, dos professores, dos meus colegas, do parque, das aulas de inglês com o professor Jalon, das aulas da professora Vilmaci, pois adoro ouvir histórias. Outra coisa que gosto de fazer é ler, não aguento ir à biblioteca e não pegar um livro. Amo a aula de informática e gosto muito da diretora Sonilda. Gosto de estudar, é tão gostoso saber ler, é maravilhoso. Adoro as minhas amigas que são: Maria Rita, Laís, Fernanda, Alana, Renilda, Taise, Silvana e Ivoneide. Adoro tudo isso. Não gosto de tomar banho cedo e de dormir cedo, das brigas e de quem xinga. Não gosto de ser ignorante, de brigar e de menino valente. Amo a ERTE.*

**41) Aluno da 6º série: Francisco**

**Idade: 14 anos.**

*O que eu mais gosto de fazer na minha escola é de estudar e de aprender coisas interessantes. Claro que, tudo é interessante, mas gosto muito de mergulhar na leitura e de escrever. A cada dia, aprendo coisas novas e legais. Gosto também de jogar futebol, mas a quadra está velha demais e os meus pés doem bastante quando paramos de jogar. Outro lugar que gosto é da biblioteca, pois quando estou lendo entro em outro mundo, num mundo de alegria, de casos, de contos, de tristeza, mas sempre no fim, todos vencem. Eles quebram os desafios, por isso são essas lições que levo pra minha vida. Busco sempre vencer, quebrar desafios, ganhar e nunca abaixar a cabeça quando não conseguir vencer. E se algum dia, eu perder não vou me culpar, porque sei que tentei. Abraço e obrigado pela oportunidade.*

**42) Aluna da 6º série: Laís Santana Santos**

*Eu gosto de estudar, passear, brincar com meus amigos, da sala de informática. Gosto muito dos meus professores, Vilma, Sandra, Nuria, Lucia e Jalon. Não gosto quando chega o dia de ir pra casa, porque considero a ERTE como minha casa. Eu peço a Deus para passar o ano inteiro aqui. Eu agradeço por tudo, principalmente, a diretora Sonilda Sampaio, ela é uma das pessoas que mudou a minha vida.*

**43) Aluna da 6º série: Angela Cerqueira da Rocha**

**Idade: 13 anos.**

*Eu gosto muito da minha escola, porque a gente brinca com nossos colegas, conversamos com os educadores, corremos, ouvimos o galo cantar de manhã, cuidamos da horta, aprendemos a fazer tantas coisas que nem dá pra descrever. O que não gosto é de não poder ver meus pais todos os dias, mas amo tudo que existe nesta escola, de um lado ao outro, de canto a canto. E quando vai caindo a tarde e o sol vai adormecendo, tudo fica mais lindo. Quando vi isto pela primeira vez, eu pensei que tinha entrando no reino do céu. Só tenho a dizer que amo a minha escola.*

**44) Aluno da 6º série: Leandro Santos de Jesus**

*Vou escrever tudo que gosto nesta escola. Gosto da quadra, da sala de aula e, principalmente, dos meus professores, eles me dão bastante atenção e sempre conversam comigo. Temos um jardim que foi feito em 2010, tem mesinha pra podermos fazer o dever do lado de fora e até pra conversamos sobre outras coisas, por exemplo, conselhos sobre namoro e se podemos namorar. Gosto também dos dormitórios, do*

*refeitório e da quadra de esportes. Meus colegas são todos bem tratados pelos professores. Aqui, na ERTE, é como a minha outra casa, minha outra família. Também temos aulas de informática, de religião e dividimos tudo o que temos como irmãos. Beijos.*

**45) Aluna da 4º série: Analália Santos de Jesus**

**Idade: 13 anos.**

*A ERTE pra mim: gosto muito de ir pra horta, do parque e de servir. Este é o segundo ano em que estudo aqui. Aqui brinco, estudo e danço. Eu gosto muito daqui e quando vou pra casa choro para voltar pra escola. Amo a ERTE. Não te dou uma rosa porque tem espinhos, mas te dou meu coração que está cheio de carinho. Gostei também de você.*

**46) Aluno da 5º série: Carlos**

**Idade: 16 anos.**

*Eu gosto de muitas coisas na ERTE, principalmente, de jogar futebol. Gosto da sala de aula, do computador e das atividades que as professoras passam. Elas me ensinam muitas coisas interessantes.*

## CAPITULO III – ANÁLISE E PROBLEMAS

O proposito deste Capítulo é analisar os depoimentos e os problemas encontrados pela experiência de campo.

Com a análise, destacamos o significado do projeto da escola no plano pessoal, social e profissional. Por isso, esses depoimentos serão analisados de forma qualitativa e as respostas dos entrevistados merecem tratamentos subjetivos.

Para facilitar a compreensão categorizamos as respostas das treze educadoras e dos dois educadores e no Apêndice A os dados estão dispostos nas tabelas em valor absoluto e em porcentual.

Quanto aos problemas, o objetivo não é apresentar soluções, nem temos autoridade para tanto. Mas, ao evidenciá-los, podemos abrir espaço de diálogo para o surgimento de sua superação.

### 3.1. Professores e Alunos

A mudança significativa na zona rural pode acontecer, mas para isso, a escola precisa unir forças para lutar. Nestes dez anos de ERTE, notamos que, ainda não há uma conscientização plena da família, da comunidade e do Governo pelo objetivo comum da escola.

Percebemos que os professores estão engajados e em constante aperfeiçoamento, pois a Formação Continuada e o convívio são destacados como ponto positivo para exercer a função (figura 11). A dedicação é integral, porém o vínculo trabalhista é de Prestação de Serviços Temporários (PST), por isso, a instabilidade no trabalho é apontada como um fator negativo e incomodo para desempenhar a função de educador, apesar da grande maioria não expor outros fatores relevantes (figura 12).

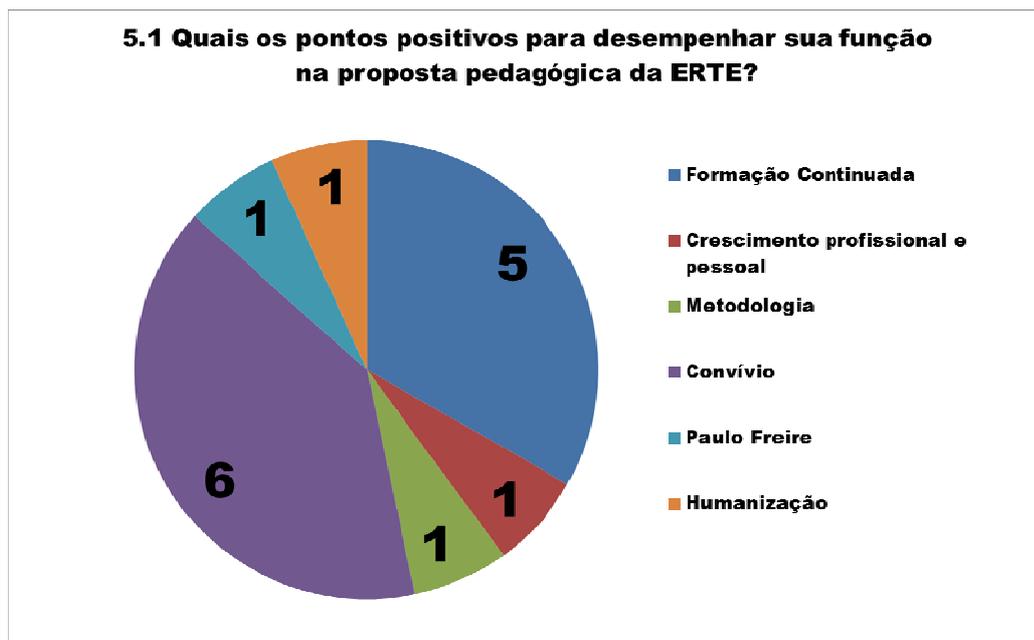


Figura 11: Questão número 5, roteiro do questionário.  
Fonte: Acervo da pesquisa.

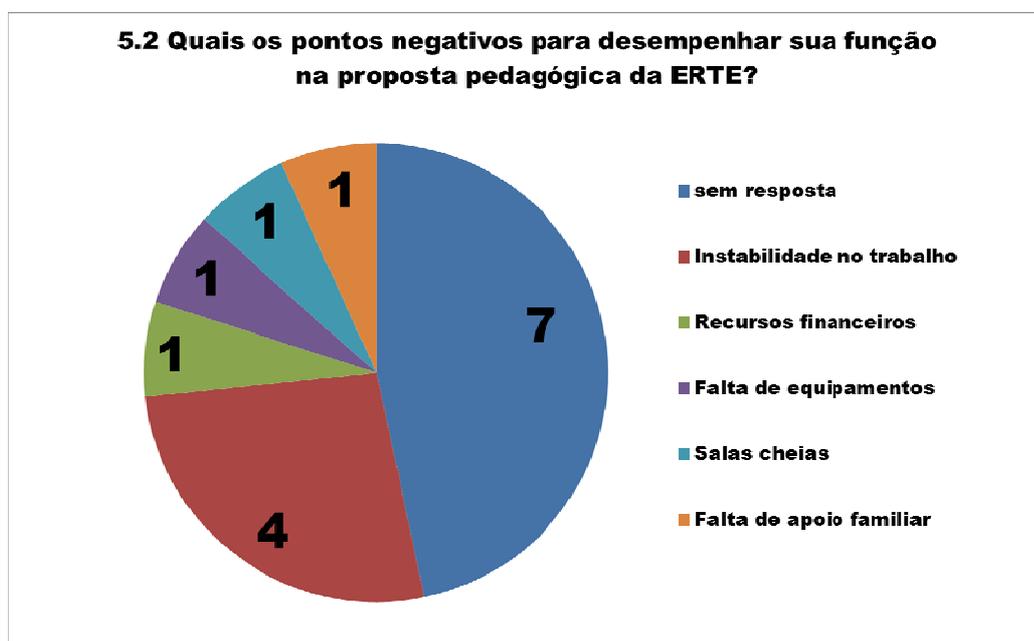


Figura 12: Questão número 5, roteiro do questionário.  
Fonte: Acervo da pesquisa.

Numa escola integral alternante são muitas as dificuldades a superar, principalmente, a baixa importância dada a essa modalidade pelas Instituições de Ensino Superior e pelo Poder Público.

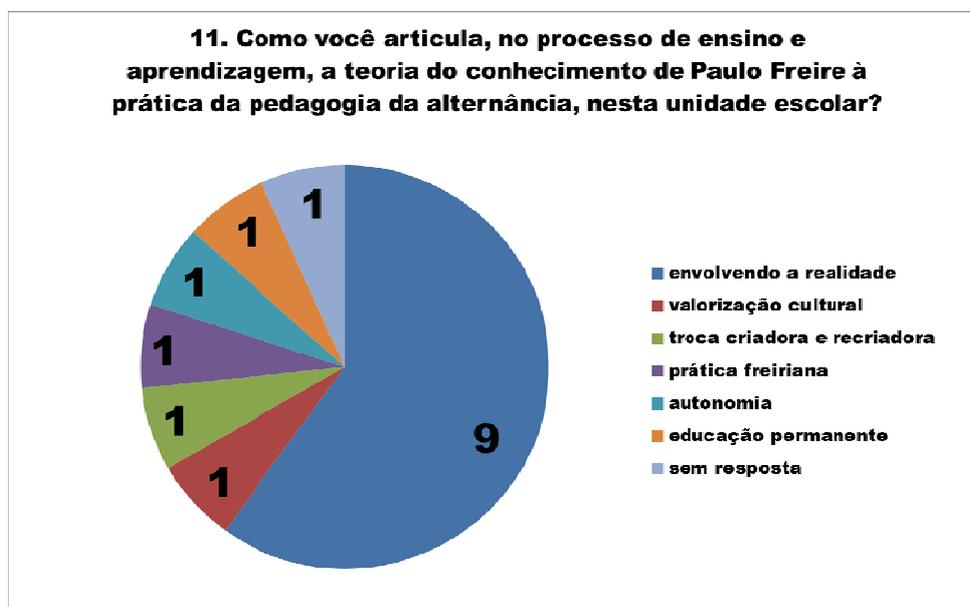
O pouco interesse e o desconhecimento, apontado pela diretora da unidade, dos órgãos competentes quanto à manutenção de uma escola na modalidade pedagógica alternante, é considerado um problema agravante e dificulta o funcionamento da instituição escolar, não obstante:

O poder público, que deveria colaborar com as iniciativas sociais dos cidadãos – que graças à proximidade com os problemas podem contribuir com propostas e soluções, facilitando as correspondentes autorizações e a confirmação dos centros, assim como controlar o uso que faz dessas autorizações e dinheiro –, em alguns casos, bloqueia, entorpece ou chega a impedir seu funcionamento através, principalmente, de dois meios, transformados em fins: o pedagógico e o econômico. (GARCIA e PUIG, 2010, p. 124).

Apesar das inúmeras, exaustivas explicações e justificativas para garantir a manutenção e o pleno funcionamento, a escola vem conquistando o seu espaço. Antes focada em atividades para as crianças e adolescentes das séries iniciais, agora, conquistando o segundo ciclo e almejando o ensino médio. Sempre na esperança de efetivar o fortalecimento da zona rural e melhorar a vida dos campestres.

São, aproximadamente, quatrocentos e cinquenta crianças e adolescentes pobres da zona rural para educar e formar como cidadãos conscientes, críticos e atuantes no mundo.

A partir das representações dos educadores (figura 13), podemos afirmar que, embasados teoricamente no princípio freiriano, o grupo enfatizou que o processo de ensino e aprendizagem deve envolver o contexto do educando campestre, ou seja, a sua realidade rural. Nas palavras de Freire (2005), deve-se incorporar a sua leitura de mundo.



**Figura 13: Questão número 11, roteiro do questionário.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

Lembrando que a incorporação da leitura de mundo é um pressuposto que almeja ir além dessa realidade, é o ponto de partida que precede a leitura da palavra. É a leitura crítica da realidade que possibilita conscientização e transformação, conforme assinala Freire (2009).

Conforme a fala da diretora os conteúdos trabalhados na escola se tornam significativos para a vida do educando, pois partem da realidade dele, sempre, mas não ficam nessa realidade. Da realidade, puxam os eixos do currículo de base de forma interdisciplinar, multidisciplinar e até transdisciplinar, para que haja também uma regularidade nacional.

Com práticas que envolvem a realidade do campestre, utilizam como recurso para o aprendizado dos alunos, leituras apropriadas ao contexto rural para valorizar a cultura local, por isso a cartilha é um recurso considerado dispensável para esse processo (figura 14 e 15). Adaptações nos materiais didáticos são feitas para propiciar uma aprendizagem significativa aos educandos.



Figura 14: Questão número 3, roteiro do questionário.  
Fonte: Acervo da pesquisa.



Figura 15: Questão número 9, roteiro do questionário.  
Fonte: Acervo da pesquisa.

Com foco no trabalho campestre e valorização de conhecimentos agrícolas, a escola não se restringe a base comum do currículo nacional, mas direciona suas

atividades a contextos rurais que abrangem dimensões sociais, econômicas, financeiras, domésticas, entre outras.

Desta maneira, a unidade escolar está em sintonia com as Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo (RPNEC), estas estabelecem que:

O elemento que transversaliza os currículos nas escolas do campo é a terra e com ela as relações com o cosmo, a democracia, a resistência e a renovação das lutas e dos espaços físicos, assim como as questões ambientais, políticas, de poder, ciência, tecnológica, sociais, culturais e econômicas. (MEC, 2004, p.34)

A equipe docente estabelece laços afetivos com a criança e o adolescente para desenvolver e despertar a autoestima e o interesse pelo estudo, assim como, as atividades lúdicas são recursos facilitadores no processo de ensino e aprendizado. Notamos a preferência pelo lúdico e por matérias significativas como recurso didático para o aprendizado em sala de aula (figura 16).



**Figura 16: Questão número 8, roteiro do questionário.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

Na fala da coordenadora constatamos que a afetividade, a valorização da linguagem e a realidade são conceitos da teoria freiriana de maior relevância na

proposta educativa em alternância. A educação como ato amoroso prevalece nas ações educativas da escola, sendo que:

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. (FREIRE, 2007, p. 15)

A maioria dos educandos declara gostar dos professores, das atividades orientadas, bem como, da infraestrutura. Isso mostra que a escola promove acolhimento, carinho, lazer, amor e desejo pelo aprendizado.

Doze educandos expõem não gostar de brigas ou brincadeiras agressivas entre os colegas, desobediência e exclusão no grupo e dois alunos afirmam não gostar de atividades na horta.

Nesses casos, é feita uma orientação individual e ou coletiva para detectar a causa da agressividade, do comportamento violento, da desobediência e até da timidez, que na maioria dos casos, são crianças e adolescentes que passaram ou passam por conflitos no lar. São momentos de reflexão, de descoberta do problema e de tentativa de solução da causa.

De modo geral, os educandos não apontam pontos negativos que desqualifique o trabalho da escola.

A palavra realidade está fortemente presente nas respostas de todo o grupo docente, principalmente, no que diz respeito à Itinerância, cujo foco relatado é acompanhar as atividades dos educandos e conhecer o seu contexto no período que alternam em casa, no campo (figura 17).



**Figura 17: Questão número 4, roteiro do questionário.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

O saber significativo, a valorização das vivências, a individualidade no processo alfabetizador são considerados necessários ao aprendizado, pois fomentam solidariedade e respeito à criança e ao adolescente campestre.

### **3.2. O método pedagógico**

A alternância de trinta dias é considerada questionável, principalmente, para a coordenadora, que, semanalmente, no encontro pedagógico discute a temática e evidencia as reclamações sobre o mês em que a criança permanece em casa. Assegura que há quebra no aprendizado, existem exceções, mas na maioria, há interrupção e rompimento no processo. Visto que, em casa, não há estímulo e ambiente alfabetizador, apesar do acompanhamento itinerante, alguns educandos deixam de fazer os blocos de atividades.

Confrontando com declaração da diretora, observamos que, realmente, há o esvaziamento no período domiciliar, por isso essa questão é posta em discussão para remodelar a práxis.

Algo que despertou minha atenção foi à disparidade entre as respostas da diretora e das itinerantes, por exemplo, para a direção as matrículas são destinadas às crianças pobres do campo, ressalta que não há filhos de proprietários matriculados na escola, apenas filhos de agricultores diaristas da zona rural. Posto que, as itinerantes afirmem não matricular apenas crianças sem recursos ou carentes, mas crianças cuja família tem melhores condições financeiras, famílias de posse, proprietários de terra, de carros e até de caminhão, famílias que poderiam pagar por uma escola particular, mas gostam do trabalho educativo da escola.

Outro dado, também importante, é a relação família e educando. As professoras itinerantes omitem informações sobre maus tratos, que visivelmente, se nota no corpo das crianças. A violência doméstica também é constatada em relatos informais dos educandos e educadores e nas afirmações da coordenadora, que assegura que, a escola recebe crianças também do Conselho Tutelar, por estas sofrerem agressões dos familiares ou por abandono. E também da diretora que, destaca a visita contínua deste Órgão.

O trabalho itinerante é árduo, há pouco investimento, faltam recursos materiais e financeiros para desempenhar importante tarefa, apenas duas professoras para atender toda a demanda na zona rural. A tensão está na suspensão ou não da Itinerância, mas ao excluí-la perde-se um elo importante da prática educativa em alternância, por isso, a escola trabalha no limite do possível para manter este projeto.

Infelizmente, as professoras itinerantes não se sentiram seguras para expor as dificuldades desse trabalho, por isso, amenizam os problemas e entram em contradições, mas estão implícitas as dificuldades enfrentadas, diariamente, e as condições de vida dos campestres.

O assistencialismo está atrelado à educação das crianças da ERTE, o que nos preocupa é se este poderia se sobrepor aos objetivos da escola, por isso, abordamos esta problemática noutra tópico.

Direção e coordenação trabalham em sintonia, concernente à alfabetização, na aquisição da lecto escrita, ambas evidenciam o respeito à linguagem do campo, a cultura rural. No plano sociolinguístico a fala do camponês é valorizada, assim, o levantamento lexical é o ponto de partida e a utilização da norma gramatical é o objetivo final.

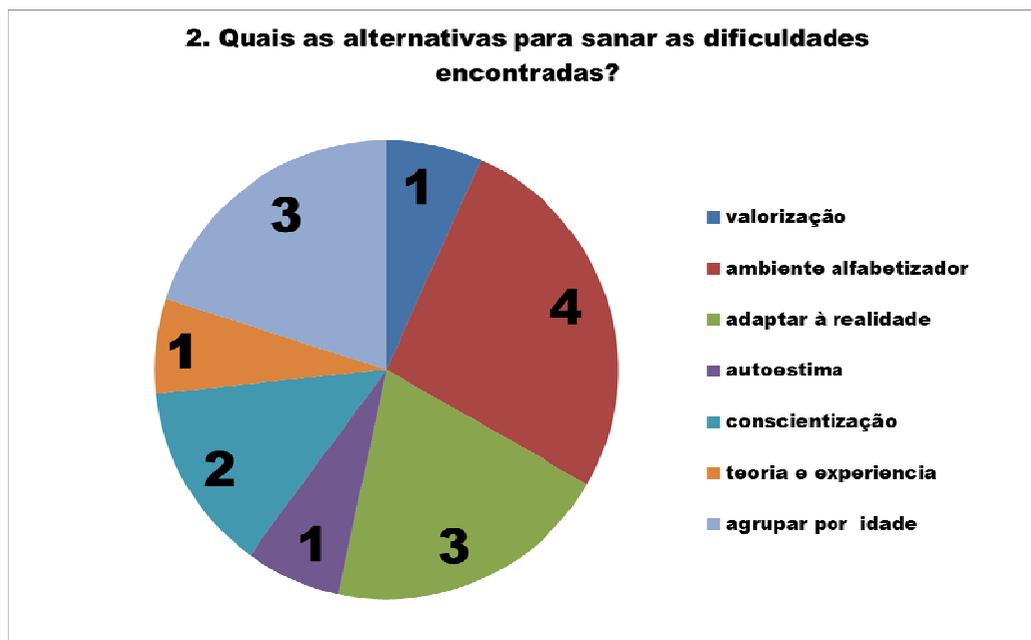
As palavras geradoras, como método investigativo, se fazem presentes no processo alfabetizador da escola. Uma investigação temática que “envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade”. (FREIRE, 1987, p. 59)

Nesse sentido, temos a percepção do papel do educador como:

[...] animador cultural, que aprende enquanto cria as condições de aprendizagem dos seus educandos. Ele não dá aulas. Ele coordena ou provoca a pesquisa temática e desafia os educandos para a descoberta dos contextos, dos temas, das palavras geradoras. (ROMÃO, 2001, p.17)

O educando rural imerso num ambiente de possibilidades percebe sua realidade criticamente e cria conhecimentos dentro e através do diálogo, conforme assinala Gadotti (1996), que destaca a importância da alfabetização na pedagogia de Freire não apenas em si, mas para o processo educativo como um todo.

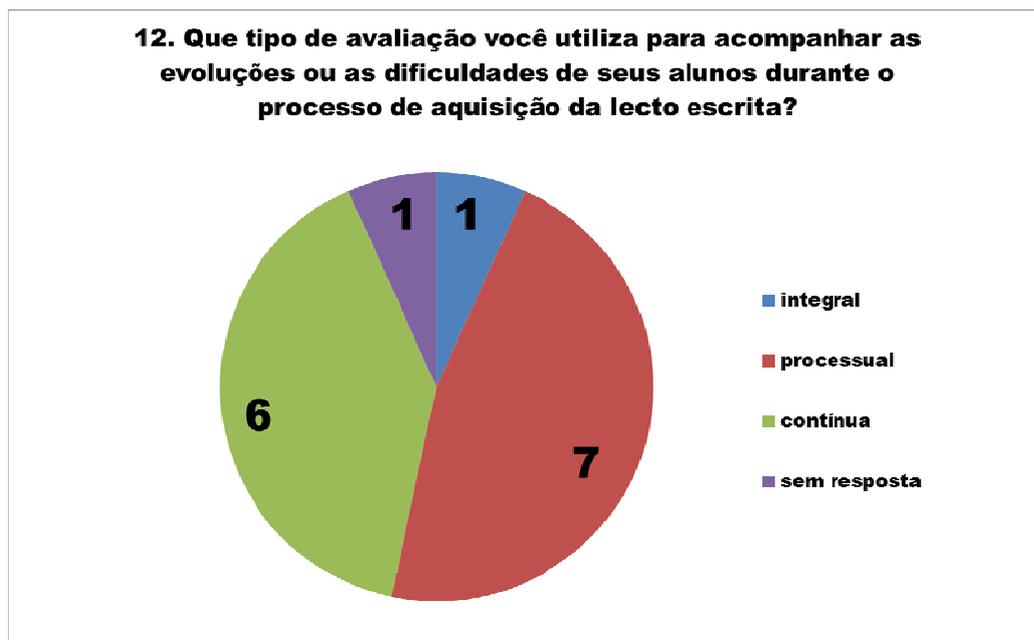
Percebemos isso, um ambiente alfabetizador próprio a cada faixa etária que envolve a realidade do campestre é um recurso facilitador para sanar as dificuldades no processo de construção do conhecimento, bem como, valorização, conscientização e autoestima são pressupostos intrínsecos da proposta freiriana (figura 18).



**Figura 18: Questão número 2, roteiro do questionário.**  
**Fonte: Acervo da pesquisa.**

Mais do que sensibilização, notamos a humanização promovida pelo trabalho da ERTE, a ação pedagógica dos entrevistados repele a lógica da “educação bancária” e assume a lógica temática da alternância, que se constitui na situação de vida, no projeto profissional, familiar, sociocultural e pessoal dos alternantes.

No quesito avaliação, todos assinalam que são observações contínuas e processuais (figura 19). A avaliação também é tema relevante na escola e está na pauta de discussões. Conforme os relatos da coordenadora e das professoras itinerantes são cogitados a inclusão de provas e atividades com notas para as crianças da 3º e 4º série e, principalmente, as da 5º e 6º série. A nota e a prova são consideradas pela coordenadora uma alternativa para que o aluno assuma o compromisso de estudar nos finais de semana ou quando alterna para sua residência, no campo. Como a organização das turmas não é seriada e os alunos são agrupados por idade, o termo série, como afirma a diretora, é apenas para estabelecer a correspondência com a Secretaria da Educação. A avaliação adotada pela escola não serve como instrumento classificatório, excludente e com o objetivo de aprovação ou reprovação do aluno, mas para detectar os avanços, as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e para remodelar as ações se necessário.



**Figura 19: Questão número 12, roteiro do questionário.  
Fonte: Acervo da pesquisa.**

No processo educativo “[...] a avaliação só apresenta interesse na medida em que leva a uma tomada de consciência pessoal, ou seja, a uma auto avaliação”. (GIMONET, 2007, p.61)

Segundo Gimonet (*ibidem*), ao optar pelo sistema de pontuação, devemos utiliza-lo com moderação e não de forma sistemática, pois o objetivo é medir o ganho adquirido no “campo do saber-fazer” e não limitar-se as disciplinas.

Deste modo, o plano de avaliação é necessário ao processo formativo, por isso a escola adequará um parâmetro que supra as especificidades pedagógicas e educativas dos seus educandos e educadores.

Como todo trabalho educativo há dificuldades, mas o foco deve ser mantido. A ERTE ao desenvolver os valores éticos, sociais, espirituais e culturais, também assume uma postura religiosa, promovendo ações que envolvem conceitos e ensinamentos da Igreja Batista, nota-se a presença marcante da religião nos depoimentos. Visto que os alunos fazem menções religiosas em seus textos, bem como, notamos no discurso da diretora, de alguns educadores e em algumas atividades lúdicas.

Observamos que a ERTE utiliza o aspecto religioso para promover conforto, carinho, respeito e amor ao próximo, contribuindo para internalização das regras, para a

autoestima, para autonomia e para apreensão das normas de convivência dentro e fora da instituição.

Verificamos que as conotações religiosas não tem a intenção de romper os objetivos de promover uma educação libertadora, mas é preciso cuidado para não substituí-la por educação produtora de uma ideologia dogmática, ou seja, para que as orientações religiosas não anulem a educação libertadora e transformadora freiriana.

Numa análise mais geral, constatamos que os pressupostos de Paulo Freire nos moldes pedagógicos de formação em alternância são considerados favoráveis para os objetivos defendidos e propostos pela unidade escolar, com destaque, para a integralidade do ser na formação.

A diretora ressalta a questão da integralidade da educação, a educação integral, o sujeito como um todo, da educação para libertação do homem e da mulher, para construção de um sujeito novo, fazedor de sua história, um sujeito consciente e autônomo. Aponta também como fator positivo a prática educacional diferenciada da proposta da ERTE, pois esta encontra espaço concreto para ser uma pedagogia da esperança.

Em síntese, os entrevistados manifestam segurança no desempenho das atividades pedagógicas. Desafiados a trabalhar conforme o legado da pedagogia do oprimido, teoria e prática não são um empecilho para construção de saberes para além das paredes da escola. As dificuldades não estão na associação e aplicação da metodologia, mas na solidificação das relações de alguns atores do sistema, são estes: comunidade, família e poder público.

### **3.3. Itinerância e Alternância**

Frente a um cenário de opressão, a perspectiva freiriana de educação dá ênfase à condição da existência humana. Conhecer como as crianças e adolescentes criam e participam de suas culturas mediadas pelo mundo adulto, como se expressam, pensam, agem, falam, interpretam e significam suas ações cotidianas é também um dos objetivos da alternância.

O período imerso ora na escola agrícola, ora em sua residência, no campo, como já explicamos, é um requisito chave no processo formativo alternante.

Sendo assim, o objetivo da Itinerância além de pesquisar sobre a realidade rural é acompanhar, orientar e ajudar os educandos nas atividades propostas pela escola no campo. Na tentativa de não se perder as conquistas adquiridas pelo aluno durante a sua imersão na escola.

A preocupação constante da ERTE é referente à manutenção da itinerância, visto que a escola predispõe de poucos recursos para tal missão.

Como pesquisadora, pude registrar as angústias, as aflições tanto das educadoras itinerantes como da gestora e da coordenadora para manter o carro chefe da alternância.

A pobreza marca a vida das crianças e adolescentes da zona rural de Jaguaquara. No relato, em entrevista, da professora itinerante Azenália (2011), isso se confirma:

A realidade dos alunos é outra, não os encontramos limpinhos, arrumadinhos na roça. Eles não têm nem o que comer, não tem onde dormir, por isso, a gente vai atrás, sai buscando soluções, a gente nunca deixa o que vê lá sem solução.

Pereira (2011) complementa: “Depois de contatos com meninas e meninos estuprados, [...] que tinham como jantar apenas água e açúcar, [...] que vendem dias de trabalho por pão, entendi a força divina que impulsiona as lutas dos movimentos sociais”.

Segundo Freire (2008) seria ingênuo esperar das elites opressoras alguma denúncia, por isso, o papel das lideranças revolucionárias é problematizar aos oprimidos e buscar superação da situação opressora.

São as interações sociais que solidificam o compromisso de fazer a diferença. É nas trocas de experiências que se conhece o outro e se sensibiliza com e para ele.

Neste sentido, a alternância precisa da itinerância para integração família-escola-educando e participação ativa na realidade rural.

Nas visitas itinerantes são observados: as condições de vida de cada educando, seus avanços e regressos nos estudos, os motivos para alguma mudança no comportamento da criança, as necessidades da família, número de filhos em idade escolar para efetivar novas matrículas, ou seja, todas as informações necessárias para articular as ações da escola.

Mas, um fator agravante é: como duas professoras itinerantes podem cumprir a difícil tarefa de atender toda a demanda de alunos das regiões mapeadas pela escola?

A problemática se aprofunda com a falta de recursos. Estes impossibilitam as melhorias necessárias para desempenhar o papel de educadora itinerante.

Foram constatados os seguintes problemas: carros inadequados; estradas precárias, falta apoio Governamental, pouca efetividade da comunidade para as questões rurais, falta de estímulo dos familiares, falta de ambiente alfabetizador e a alternância de 30 dias no campo.

Sintetizamos o problema com uma questão fundamental: A itinerância na ERTE está surtindo o efeito esperado ou é apenas um adendo para a alternância da escola?

Até o momento, algumas expectativas foram alcançadas, como: conhecer a realidade de seus campestres, suprir algumas necessidades do camponês e orientar educandos e familiares sobre a importância da educação e da valorização do campo.

Claro que, de modo geral, essas contribuições são importantíssimas para a escola. Mas, prevalece o desejo de fortalecer, de transformar a vida no campo.

Sabemos que não depende, única e exclusivamente, da instituição em todos os seus setores de formação, visto que, todos trabalham arduamente para promover a cidadania do aluno camponês.

### **3.4. Assistencialismo: substituição da família**

Por vezes, o viés da educação popular é assistencialista. Conforme Paiva (2003), homens e mulheres do campo são dominados, explorados e estão sempre em vigilância,

para assegurar e manter firme a ordem do capital e do poder. Afinal, a quem interessa o bom funcionamento ou o sucesso da escola rural?

A sociedade civil precisaria reconhecer a luta do campo como luta social. Mas, o capitalismo se alimenta da pobreza. Então, como o camponês poderá adquirir direitos civis, políticos e sociais?

Deste modo, somos cúmplices, reforçamos ao separarmos o rural e o urbano. E o que isso representa?

Representa ações de caráter assistencialista nas escolas rurais espalhadas por todo o Brasil, pois o camponês é visto como o necessitado, o ignorante de saber, quem precisa se adequar, se adaptar ao mundo globalizado.

Assim, a superação da dicotomia entre rural e urbano é o primeiro passo para compreender que:

Os que vivem no campo podem e tem condições para pensar a educação que traga como referência as suas especificidades para incluí-los na sociedade sem ser de forma hierarquizada ou subordinada. Para isso, a educação que se realiza na escola precisa ser no campo e do campo e não para o campo. (MEC/RPNEC, 2004, p. 34)

E a ERTE? Instituição escolar “[...] a qual interage com famílias rurais, excluídas das políticas governamentais” (PEREIRA, 2005, p. 111).

Como promovem suas ações educativas para romper com o paradoxo Assistencialismo versus Educação?

Ao compreender que as crianças e adolescentes precisam de educação, mas também de cuidados, a escola se constitui como um espaço de ações pedagógicas voltadas para a formação integral do ser, respeitando todas as faixas etárias e seus estágios de desenvolvimento.

Conforme a teoria psicogenética de Wallon (1975), os estágios são etapas do desenvolvimento da pessoa completa integrada ao meio em seus aspectos afetivo, cognitivo e motor. Assim, o desenvolvimento se dá na integração do aparato orgânico

com o meio social. Os aspectos motor, afetivo e cognitivo cada um com sua identidade estrutural e funcional estão tão integrados que um é parte constitutiva do outro.

Nesse sentido “cuidar e educar são ações intrínsecas [...]. Todos têm de saber que só se cuida educando e se educa cuidando”. (DIDONET, 2003, p.8)

Por isso, na ERTE, os momentos de afeto na forma que se oferece o alimento, na realização da higienização, na hora da dormida e demais ensinamentos que envolvem saúde, respeito, compromisso, solidariedade e qualidade de vida representam todo o cuidado configurado nas interações sociais associadas às práticas educativas.



**Figura 11: Sala adaptada para o corte de cabelo dos educandos.  
Fonte: Acervo da pesquisa.**

Mas a problemática não reside nesses cuidados, mas na maneira que a escola é vista pela sociedade local. Considerada como uma instituição assistencialista.

Percebemos isso, nas segundas intenções da parceria do Conselho Tutelar com a escola. Esse promove palestras para os educadores sobre os cuidados, os direitos e os deveres previstos no Estatuto da Criança e Adolescentes. Mas, em contrapartida, as crianças retiradas de suas famílias por maus tratos e abandono são destinadas a morar na escola.

Em entrevista, a coordenadora pedagógica Nalva Gomes (2011) relata:

Estão chegando bebês por aqui. Vocês viram. Têm chegado crianças completando cinco anos. Eu fico pensando, como uma mãe tem coragem de deixar uma criança tão pequena aqui. Parece querer se livrar do problema mesmo. Os professores dizem: nós cuidamos! Sabemos que cuidamos com todo carinho, mas as mães não sabem disso. E nem o que se passa por aqui. Mas, essas crianças ficam numa boa, não choram e se sentem protegidas na escola. Também, temos muitas crianças que o Conselho Tutelar nos traz. Porque estão sendo maltratadas em casa ou porque foram abandonadas pelos pais. Algumas destas crianças ficam em tempo integral, sem alternar, pois não tem pra onde ir, por isso moram aqui na escola.

Deste modo, associada à imagem de educação assistencial, a escola acaba por substituir a família do educando rural.

A bola da vez, para o Conselho Tutelar e até para as famílias rurais, é a ERTE. E toda a equipe da escola assume responsabilidades para com essas crianças e adolescentes. Além das responsabilidades educativas para a inserção social que contempla conscientizar o educando para exercer seus direitos civis, políticos e sociais, fica a pergunta: Como romper com a visão assistencialista para vencer a pobreza e as desigualdades da zona rural, se a escola é condicionada a exercer o mesmo?

### **3.5 Participação e envolvimento da família e da comunidade**

A pouca efetividade na participação e envolvimento da comunidade e da família é uma questão também relevante.

Apesar de colaborarem nos momentos de dificuldade financeira da escola, os setores da comunidade, especificamente, os comerciantes, são parceiros até certo ponto. Não há uma mobilização social pela causa, apenas um apoio à causa como fornecedores de recursos para o funcionamento da escola, claro que, fornecedores remunerados.

A escola como compradora em potencial, como cliente, é bem vinda. Há alguns atrasos no pagamento das dívidas devido á verbas atrasadas, mas o pagamento sempre é feito ao empresariado.

Alguns voluntários, como dentistas, médicos e setores da saúde pública atendem as crianças no necessário. Algumas escolas privadas concedem bolsas para continuação

dos estudos numa seleção de alunos em potencial. E também pessoas da comunidade que adotam crianças, no projeto adote um aluno.

Tudo muito simbólico, comparado ao tempo de funcionamento da instituição escolar, como afirma Nalva Gomes (2011) em entrevista:

A comunidade é um pouco acomodada com isso. Mas, temos algumas entidades como a Maçonaria que nos ajuda muito, o Rotary também e alguns comerciantes. Sempre que precisamos de alguma coisa, vamos à luta e temos essa ajuda, esse respaldo. Mas, ainda é tímida a participação da comunidade, nesse ponto, já era pra ser bem maior.

Então, o que é realmente uma mobilização social?

Conforme Toro e Werneck:

A mobilização social é muitas vezes confundida com manifestações públicas, com a presença das pessoas em uma praça, passeata, concentração. Mas isso não caracteriza uma mobilização. A mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos. (TORO e WERNECK, 1996, p.4)

Diante disso, é fato que ainda, não há uma mobilização social em Jaguaquara em prol dos mesmos objetivos da ERTE. Incluindo, até os familiares dos educandos rurais, pois não estão engajados na luta.

Pela opressão, pelas condições impostas, pela pouca escolarização ou nenhuma, ou seja, os familiares são meros espectadores, vivem e morrem sem conhecer o que é democracia.

E entendemos por democracia “a capacidade de criar e escolher uma forma de viver, capaz de fazer possível a vida digna para todos. [...] de construir a liberdade e a autonomia de uma sociedade, [...] como seu fundamento a diversidade e a diferença.” (TORO e WERNECK, 1996, p. 3).

Paulo Freire completa:

A própria essência da democracia envolve uma nota fundamental, que lhe é intrínseca – a mudança. Os regimes democráticos se nutrem na verdade de termos em mudança constante. São flexíveis, inquietos, devido a isso mesmo, deve corresponder ao homem desses regimes, maior flexibilidade de consciência (FREIRE, 2009, p. 98)

Os familiares, os pais das crianças e adolescentes da ERTE, livres de uma boca a mais pra comer, diante do não ter nem o que comer. Será, então, que os pais confiam na escola ou necessitam da escola? Como pensar em democracia, se precisa se pensar em sobreviver? Claro que, as dificuldades da vida do campo, a desestruturação familiar não justificam atos de violência contra a criança ou o adolescente, como citados anteriormente.

Aí, reside a importância da ERTE, conscientizar para a democracia. Lutar pela mobilização social.

Mas, como fazer? Será que, com a continuidade dos estudos devido à implantação do segundo ciclo, essas crianças e adolescentes irão se engajar para a transformação e fortalecimento do campo? Será a maturidade uma possibilidade? Como futuros cidadãos conscientes poderão mobilizar a sociedade local?

Não sabemos. Mas, se o conhecimento se constrói de incertezas, então, se permanece na esperança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutimos a presença do paradigma filosófico e pedagógico da teoria do conhecimento de Paulo Freire na prática educativa para crianças e adolescentes rurais no modelo da Pedagogia da Alternância.

Compreendemos que o paradigma freiriano, associado aos princípios e a prática da pedagogia da alternância, influenciou decisivamente na organização de um projeto escolar e de uma prática educativa transformadora.

O embasamento teórico dessa dissertação se deu numa perspectiva freiriana em diálogos com aos fundamentos da pedagogia da alternância. Tomamos como suporte de análise as categorias constitutivas do pensamento e da práxis filosófica e pedagógica de Paulo Freire, entre os quais: oprimido, diálogo, conscientização, leitura de mundo, esperança. Classificamos e categorizamos os dados de coleta da pesquisa e trabalhamos outras categorias, como: autoestima, valorização, transformação, afetividade, integralidade, autonomia, cultura, realidade, respeito, humanização.

A experiência na ERTE significou um momento de retomada de conceitos, de valores e de práxis freirianas para além da sala de aula, incorporo-os para a minha vida. Como disse a diretora Sonilda (2011) “é uma postura de vida” e acredito nessa afirmação, não adianta teorizar e aplicar apenas em sala de aula, se fora dela não acreditar que é possível atuar no mundo pela conscientização, pela problematização e pela criticidade.

Com a pesquisa construí conhecimentos sobre a pedagogia da alternância, modalidade esta que eu não conhecia. Compreendi a importância e os propósitos da alternância para além da educação do campo e também para a vida dos camponeses.

Ao me envolver, como pesquisadora, com os integrantes da ERTE, aprendi a observar, recuar e analisar criticamente. Esse distanciamento em face do objeto possibilitou refletir de maneira responsável e comprometida. Claro que, fiquei sensibilizada pelo trabalho da escola, pelo carinho da equipe e dos educandos, mas essa reflexão atrelada à relação com o outro, com seu mundo, me fez intelectual e me fez

mais humana.

Nesta pesquisa, trouxemos a importante experiência da ERTE que viabilizou analisar as representações da equipe gestora e pedagógica, o cotidiano em sala de aula do processo de alfabetização para uma práxis educativa transformadora, bem como, o sentido educacional do PPP e Regimento Interno que sistematiza suas ações como um todo.

No Capítulo I, ao contextualiza-la na história da pedagogia da alternância, destacamos suas singularidades e especificidades que, de modo geral, estão de acordo com os principais fundamentos e princípios dessa modalidade.

Mostramos que a noção da relação dialógica com o saber, tanto na alternância quanto nos postulados freirianos é extremamente relevante para a formação integral do educando rural. Nesse sentido, diálogo e cultura são indissociáveis e complementares para a práxis educativa.

Aprendemos que as interações sociais entre todos os envolvidos no sistema (aluno, escola, família, comunidade e poder governamental) refletem no sucesso ou insucesso da educação em alternância.

Descobrimos que o saber significativo substitui o saber mecânico e vazio de sentidos. Ficando claro, então, que os educadores e educadoras são conscientes da importância da educação na perspectiva crítica, participante e conscientizadora.

Percebemos a complexidade da pedagogia da alternância ao buscar evidenciar a identidade cultural inerente à realidade do camponês. Que o trabalho não é simplista, nem poderia ser, pois nos convida à humanização.

Somos seres em relação, seres incompletos, na busca do ser mais no mundo. A descoberta de ser inconcluso, que precisa do outro para ser mais, é uma descoberta de respeito, cuidado e amor pelo próximo, pela vida, pelo mundo e por si mesmo. Essa relação nos faz seres humanos, seres autônomos, seres responsáveis e seres livres.

Assim, como não nos sensibilizarmos, como não nos importarmos com essas crianças e adolescentes que encontraram na ERTE uma nova esperança de vida, ou melhor, se descobriram seres dotados de potenciais? São meninos e meninas que se

descobriram sonhadores, que se descobriram crianças.

São meninos e meninas no limite da pobreza, meninos e meninas excluídos, à margem da sociedade, que pedem afeto, compreensão e ajuda para sair dessa situação.

No Capítulo II transcrevemos os depoimentos e as respostas da equipe docente, da coordenadora pedagógica, das professoras itinerantes, da diretora e dos alunos da ERTE, possibilitando a leitura na íntegra de todos os dados.

No Capítulo III pela interpretação e classificação do sentido simbólico do conteúdo dos dados compreendemos a relação entre práxis e teoria internalizadas pelo grupo e sua percepção da realidade e do outro.

Podemos perceber, após a análise deste conteúdo, que a proposta educacional se apresenta como transformadora no processo, sob os aspectos:

**Participativo e coletivo**, com organização e planejamento próprio, com criação e adaptação do material didático, em diálogo permanente, marcada pelo envolvimento na construção do conhecimento, do fazer pedagógico a partir da realidade rural, visando superação da desumanização e a autonomia do ser.

**Promotor de vida**, pois resgata a cultura campestre e valoriza suas tradições, luta contra os preconceitos linguísticos, defende a terra, o campo, educa para respeitar e preservar a natureza e promove a humanização do ser.

**Ato político**, por promover conscientização e criticidade, por problematizar e revelar o ser oprimido desvendando o contexto histórico-cultural-social de dominação e opressão e por lutar pela transformação e superação deste contexto.

**Libertador**, pois pelo diálogo promove confiança, transforma a educação num momento prazeroso e significativo, respeitando o ritmo e o tempo de cada educando. Por ter um projeto que parte do cotidiano e para além dele pela reflexão e criticidade para uma consciência libertadora e autônoma.

O ponto chave é a experiência, a vida, por isso, evidenciamos as similaridades entre pedagogia da alternância e proposta freiriana quanto à relação entre ação e reflexão a partir da realidade cotidiana ao associar teoria e prática nas experiências

vividas no processo educativo.

Nesse sentido, constatamos, pela observação participante, com coleta de dados, observação de campo, pesquisa bibliográfica e documental, análise de conteúdo e interpretação dos dados, que é possível e viável unir e trabalhar os princípios filosóficos e pedagógicos freirianos na alternância.

Quanto ao processo de aquisição da lecto-escrita, aumentam as possibilidades de sucesso na alfabetização efetiva, no uso social da língua escrita, quando os educadores e educadoras respaldam sua práxis na teoria de conhecimento freiriana. Ao utilizarem o círculo de cultura, as palavras geradoras, a reflexão do saber, a leitura do mundo e o respeito à diversidade cultural, os educandos tornam-se sujeitos ativos do processo.

A pedagogia da alternância também traz subsídios significativos para aquisição da lecto-escrita por envolver os educandos com seu mundo real e por possibilitar a construção de novos saberes utilizando os temas geradores associados às experiências do cotidiano rural. Um ponto relevante da alternância é vincular os conteúdos escolares à realidade do campestre, isso estimula o aprendizado, envolve o educando no processo educacional além de fortalecer e valorizar o campo, a zona rural.

Em relação às representações dos educandos, percebemos que a afetividade está intrinsecamente presente nos discursos. Isso mostra que o amor, o carinho, o cuidado aproximam professor e aluno e refletem no respeito mútuo desta relação.

Quanto às conotações religiosas presentes nos discursos dos envolvidos na pesquisa, percebemos que estas não pretendem adequar o educando ao conformismo, mas como o objetivo deste estudo não era discutir a temática religiosidade, este fato merece um estudo mais detalhado e específico.

Durante a construção deste trabalho surgiram outras questões, com destaque para a problemática: O período no campo, ou seja, ao alternar para o campo, o aluno regressa ou evolui em seu aprendizado? Considerando que no campo, não há ambiente alfabetizador e que a itinerância não supre todas as necessidades educativas devido aos poucos recursos financeiros.

Deste modo, a preocupação está na manutenção da itinerância, por predispor de poucos recursos, a escola passa por privações das melhorias necessárias para cumprir

seu objetivo. A itinerância colabora para integração família-escola-educando e participação ativa na realidade rural, sendo essencial para solidificar essas relações.

Um fato positivo e visível é a melhora do trabalho produtivo do alunado na roça. Ao retornar ao campo o aluno desenvolve um bom trabalho na terra, devido à apreensão dos ensinamentos agrícolas durante o período imerso na escola. Fato constado em relatos informais dos educandos, das itinerantes e dos docentes.

Ao aferirmos todo o conjunto deste trabalho, sinalizamos que a escola em alternância tem suas vantagens educacionais, como o trabalho mediado pela realidade campestre, cujo objetivo é promover um sujeito leitor, escritor, agente da própria história, conscientizando-o para uma possível mudança na zona rural.

Vale ressaltar que:

Para uma escola alfabetizadora de educandos rurais cumprir seus propósitos, seus textos deverão também girar em torno de todo fazer do campo. As práticas de vida dos campestres, como lidar com terra, colher, vender..., servirão de temas norteadores que desencadearão o processo de leitura e de uma conseqüente escrita significativa (PEREIRA, 2005, p.140).

Já Braga (1950) afirma que, no meio rural faltam recursos para se promover uma educação de qualidade ao campestre. E que a educação, voltada às necessidades do trabalhador rural, pode ser um meio para o camponês lutar pela melhoria de sua vida. E essa afirmação vem se repetindo ao longo do tempo e perdura atualmente.

Fato constatado nos problemas da escola. Notamos que a problemática gira em torno do mesmo eixo, a falta de apoio para se promover uma educação, realmente, significativa à criança e ao adolescente do campo, que no futuro, homem e mulher do campo.

Dificuldades para solidificação das relações de alguns atores do sistema como comunidade, família e poder público, não permitem que a escola rompa com a visão de escola assistencialista, para isso é necessário uma mobilização em prol de uma política social e educacional digna ao camponês.

Deste modo, “Construir educação do campo significa também construir uma escola do campo, significa estudar para viver no campo, ou seja, inverter a lógica de que se estuda para sair do campo” (MEC/RPNEC, 2004, p. 33).

Nesse sentido, a formação integral com eixo no campo, constituída na integração das relações sociais, nas práticas lúdicas, na alfabetização consciente sem preconceitos linguísticos, na luta pela mobilização, que prepara os educandos para agir no mundo faz da ERTE uma escola cidadã.

A escola cidadã, segundo Freire (1987) é a escola que desenvolve seu trabalho norteado pelos eixos de: integração entre educação, cultura e trabalho, entre escola e comunidade, democratização das relações de poder na escola, visão interdisciplinar e transdisciplinar, formação permanente dos educadores, formatação para cada realidade local e respeito às características histórico-culturais sem perder de vista a dimensão global.

Logo, as hipóteses deste trabalho foram confirmadas, num sentido maior, os princípios freirianos contribuem para fundamentar a prática alternante da escola. Na verdade, é um sistema cíclico, Freire complementa a Alternância e vice-versa.

Enfim, a pesquisa alcançou seu objetivo, é acertado afirmar que a concepção de educação na ERTE é muito mais que uma concepção de métodos adequados à realidade, pois se revela uma educação conscientizadora, dialógica, política e cultural.

Ao encerrar esta dissertação, considerando a relevância do tema e as evidências que sinalizam a possibilidade de melhorias para desempenhar o trabalho educativo, espero que este estudo sirva para outros trabalhos de pesquisa sobre a pedagogia da alternância e a proposta educativa freiriana. Em perspectiva, pretendo realizar um novo estudo, pesquisando a aplicabilidade da metodologia da pedagogia da alternância no ensino médio ou no superior.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

ANGELO, Adilson de. *A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância*. Tese de Doutorado em Ciências da Educação, Universidade de Porto, Portugal, 2006.

ANGELO, Adilson de. *A pedagogia de Paulo Freire nos quatro cantos da educação da infância*. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000092006000100001&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100001&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 20 julho de 2011.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. *Educação lúdica – Técnicas e jogos pedagógicos*. São Paulo: Loyola, 1987.

AZEVEDO, Antulio Jose de. *A formação de técnicos agropecuários em alternância no Estado de São Paulo: Uma proposta educacional inovadora*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual Paulista, Marília, 1998.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Loyola, 1999.

BAZZO, Walter Antonio. *Ofício nº 4635/2008/SEPAR*. Bahia: Governo do Estado da Bahia, 2008.

BEGNAMI, João Batista. *Pedagogia da Alternância como sistema educativo*. In: *Revista da Formação por Alternância*. Brasília: UNEFAB, 2006.

\_\_\_\_\_ e GIMONET, Jean-Claude. *Uma geografia da Pedagogia da Alternância no Brasil e Método Pedagógico ou novo sistema educativo? A experiência das Casas Familiares Rurais*. Brasília: Cidade Gráfica e Editora Ltda. Documentos Pedagógicos – UNEFAB, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire?* São Paulo: Brasiliense, 2005.

BRAGA, Murilo. *Problemas de educação rural*. V. 47. Rio de Janeiro: I.N.E.P./Ministério da Educação e Saúde, 1950.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, (Constituição 1988)*. Brasília, Distrito Federal: Senado, 1988.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1992.

COSTA, Eneida Elisa Mello. *O surgimento da formação de jovens rurais por alternância: história de uma pedagogia associada ao meio agrícola – As Casas Familiares Rurais*. In: PERES, Fernando Curi (org.) *A experiência do programa de formação de jovens empresários rurais – PROJOVEM*. Piracicaba: USP/ESALQ/DIBD/EXAGRI, 1998. 138p.

DAMASCENO, Maria Nobre. *Marco social da Juventude e Desenvolvimento Rural*. In: *Revista Educação além da escola*. Rio de Janeiro, abril de 2004, v.6, n.1, p. 38 - 43.

*Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo*. Brasília: MEC/Parecer CNE/CEB nº 36/2001

*Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo*. Brasília: MEC/Parecer CNE/CEB nº 1/2006.

DIDONET, Vidal. *Não há educação sem cuidado*. In: *Revista Pátio de Educação Infantil*. Abril/Julho: Porto Alegre, 2003.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. Trad. Horácio Gonzales *et al.* São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ação cultural para liberdade: e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. *Educação e atualidade brasileira*. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Conscientização*. São Paulo: Centauro, 2008.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'água, 2006.

\_\_\_\_\_. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 2006.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_ e FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREINET, Célestin. *A Educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GADOTTI, Moacir *et al.* *Paulo Freire: Uma Bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

GARCIA, Regina Leite. *Alfabetização dos alunos das classes populares ainda um desafio*. São Paulo: Cortez, 1997.

GARCIA, Marirrodriaga Roberto e CALVÓ, Pedro Puig. *Formação em alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos CEFFA no mundo*. Trad. PEIXOTO, Luiz da Silva *et al.* Belo Horizonte: O lutador, 2010.

GASBARRE, Mara. *Morar na roça é pra lá de bom*. Jaguaquara: ERTE, 2004

GILLY, Pierre. *Estudos sobre a pedagogia da alternância*. Curitiba: mimeo, 1995.

GIMONET, Jean Claude. *Praticar e Compreender a Pedagogia de Alternância dos CEFFAS*. São Paulo: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Perfil, estatuto e funções dos monitores*. In: *Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador: Primeiro Seminário Internacional, novembro de 1999.

GOMES, Nalva Oliveira. Entrevista [07 de fevereiro, 2011]. Jaguaquara: ERTE. Entrevista concedida a Regiane de Almeida Jordão.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LEITE, Yonne e CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LUDKE, Menga e ANDRE, Marli. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANFIO, Antonio João. O desenvolvimento local na perspectiva dos centros familiares de formação por Alternância. In: *Revista Formação Por Alternância*. Brasília: UNEFAB, Ano 1, nº 2, julho de 2006.

\_\_\_\_\_. Conscientização e pedagogia da alternância. In: UNEFAB. *Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador: Primeiro Seminário Internacional, 3 a 5 de novembro de 1999.

*MEC/RPNEC - Referências Para Uma Política Nacional de Educação do Campo: Caderno de Subsídios*. - Coordenação: Marise Nogueira Ramos; Telma Maria Moreira; Clarice Aparecida dos Santos. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

MENDONÇA, Onaide Schwartz e MENDONÇA, Olympio Correa. *Alfabetização – Método Sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire*. São Paulo: Cortez, 2007.

MOREIRA, Flavio. *Formação e práxis dos professores em escolas comunitárias rurais - por uma pedagogia da alternância*. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em Psicologia Social*. Trad. GUARESCHI, Pedrinho. Petrópolis: Vozes, 2009.

MURANIM, Antonio *et al.* *Política pública de educação do campo: a articulação entre o Estado e a Sociedade*. In: WRUBLEVSKI, Bernadete Aued e VENDRAMINI, Célia Regina (Org.). *Educação do Campo: Desafios teóricos e práticos*. Florianópolis: Editora Insular, 2009.

NOSELLA, Paolo. *Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das escolas da família agrícola do movimento educacional e promocional do Espírito Santo*. Dissertação de Mestrado, PUC, São Paulo, 1977. CD-ROM. *Origens da Pedagogia da Alternância*. Brasília: UNEFAB, 2007.

PAIVA, Vanilda. *História da Educação popular no Brasil: educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 2003.

PEREIRA, Sonilda Sampaio Santos. *Relações educacionais entre famílias rurais e escola: um estudo na Escola Estadual Rural Taylor-Egídio em Jaguaquara – Bahia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Salvador, Bahia, 2005.

\_\_\_\_\_. *Educação Rural, Paulo Freire e Pedagogia de Alternância: inédito-viável, utopia possível*. In: UNEB. (Auto) Biografia e Ruralidade. Bahia: Simpósio Memória, 2 a 3 de agosto de 2010.

\_\_\_\_\_ (Org.). *ERTE: por um ser integral*. Jequié: Ponto e Vírgula, 2011.

\_\_\_\_\_. Entrevista [07 de fevereiro, 2011]. Jaguaquara: ERTE. Entrevista concedida a Regiane de Almeida Jordão.

PETRINI, João Carlos. *Pós-modernidade e família – um itinerário de compreensão*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

*Plano de Ação do Compromisso de Gestão da Qualidade da Educação na unidade escolar ERTE*, Jaguaquara: ERTE, 2010.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

*(PPP) Projeto Político-Pedagógico ERTE*. Jaguaquara: ERTE, 2006.

*Regimento Interno ERTE*. Jaguaquara: ERTE, 2006.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROMÃO, José Eustáquio. *O Circulo de Cultura*. Revista Portuguesa de Pedagogia, ano 35-1, Coimbra, 2001, p. 123-147.

\_\_\_\_\_. *Dialética da diferença: o projeto da escola cidadã frente ao projeto pedagógico neoliberal*. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS NETO, Elydio dos e SILVA, Marta Regina Paulo. *Por uma pedagogia da infância oprimida: um encontro entre Paulo Freire e Giorgio Agamben*. In: V Colóquio Internacional Paulo Freire, Recife, 19 a 22 de setembro de 2005.

SILVA, Lourdes Helena *As experiências de Formação de Jovens do Campo: Alternância ou Alternâncias?* Viçosa: Editora UFV, 2003.

SOARES, Magda Becker. *Letramento – um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOMMERMAN, Américo. *Pedagogia da alternância e transdisciplinaridade*. In: UNEFAB. *Pedagogia da Alternância – Alternância e Desenvolvimento*. Salvador: Primeiro Seminário Internacional, 3 a 5 de novembro de 1999.

TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 2002.

TORO, José Bernardo e WERNECK, Nisia Maria Duarte Furquin. *Mobilização social: Um modo de construir a democracia*. Brasil: UNICEF, 1996. Disponível em: <[http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13\\_Biblioteca/Publicacoes/mobilizacao\\_social.pdf](http://www.aracati.org.br/portal/pdfs/13_Biblioteca/Publicacoes/mobilizacao_social.pdf) > Acesso em: 10 de outubro de 2011.

VALENTE, José Armando. *Formação de Professores: Diferentes Abordagens Pedagógicas*. In: *O computador na Sociedade do Conhecimento*. Campinas, São Paulo: UNICAMP-NIED, 1999.

VYGOTSKY, Liev Simionovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. *Psicologia e Educação da Infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

WEIZ, Telma. *O Diálogo entre ensino e aprendizagem*. São Paulo: Ática, 2003.

ZABALA, Antonio. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

# **ANEXOS**

## ANEXO A – Matriz curricular anos iniciais

**Escola Estadual Rural Taylor-Egídio**

Av. Aloísio de Castro, s/n - Muritiba  
Jaguaquara - Bahia  
Autorizada pela Portaria nº. 1327 - D.O. de 25-01-01

Directora: *Profª Sonilda Sampaio*

**MATRIZ CURRICULAR – ANOS INICIAIS**  
**ENSINO FUNDAMENTAL REGULAR**

ADAPTAÇÃO À LEI Nº 9394/96 E À RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2/98–ANO 2011

Dias Letivos: 90	Semanas Letivas: 15	Dias Semanais: 06	Nº de Horas aula/dia: 09
------------------	---------------------	-------------------	--------------------------

Áreas de Conhecimento	BASE NACIONAL COMUM								PARTE DIVERSIFICADA		C. H. anual
	Língua Portuguesa	Matemática	Ciências	Geografia	História	Artes	Educação Física	Educação Religiosa	Atividades Rurais	Atividades de Socialização	
Aspectos da Vida Cidadã											
Saúde e sexualidade	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	
História e cultura afro-brasileira, africana e indígena	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	
Vida Familiar e Social	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	
Meio Ambiente	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	
Trabalho	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	
Ciência e Tecnologia	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	
Cultura	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	
Linguagem	x	x	x	x	x	x	x	X	x	x	

**CARGA HORÁRIA POR ÁREAS DE CONHECIMENTO**

	Língua Portuguesa	Matemática	Ciências	Geografia	História	Artes	Educação Física	Educação Religiosa	Atividades Rurais	Atividades de Socialização	TOTAL
1ª ano	180	150	45	15	15	-	-	-	330	75	810
2ª ano	180	150	45	15	15	-	-	-	330	75	810
3ª ano	180	150	45	15	15	-	-	-	330	75	810
4ª ano	180	150	45	15	15	-	-	-	330	75	810
5º ano	180	150	45	15	15	-	-	-	330	75	810
Total Geral	900	750	225	75	75	-	-	-	1.650	375	4.050

**OBSERVAÇÕES:**

- Esta Unidade Escolar oferece o Ensino Fundamental – anos iniciais – conforme Parecer CNE/CEB nº 18/2005 aprovado em 15.09.2005. A idade inicial das crianças é de 6 anos devendo as mesmas permanecerem na escola até os 10 anos. Todavia dada a singularidade desta Unidade de Ensino, as mesmas poderão permanecer até darem conta da proposta dos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- Como atividades rurais compreenda-se toda e qualquer atividade ligada à área agrícola e de indústrias rurais. A sua prática deverá articular-se com os Aspectos da Vida Cidadã.
- As atividades em Educação Física são realizadas através de programas esportivos e de caráter recreativo. Têm como finalidade despertar e aprimorar formas físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando.
- As atividades Rurais serão trabalhadas em turno oposto e terão como finalidade, além dos seus objetivos específicos, subsidiar as práticas de projetos em todas as áreas de conhecimento, considerando-se a metodologia interdisciplinar.
- O aluno conta com a assistência da Escola em casa, de forma sistemática de acompanhamento, com desenvolvimento de módulos inerentes às atividades acadêmicas e práticas rurais com carga horária de 60 horas, desenvolvidas a critério do aluno e de suas famílias.
- Educação Cristã, nos termos da Educação Religiosa conforme Art. 33 da Lei 9.394/96. Jaguaguara, 05 de fevereiro de 2011.

*Sonilda Sampaio S. Pereira*  
DIRETORA  
AUT. 13.01168/02 - VAL.11-03-2011

## ANEXO B – Matriz curricular 6º ao 9º ano



**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

<b>Unidade Escolar:</b> ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR EGÍDIO	<b>DIREC 13</b>
<b>Endereço:</b> Rua Aloísio de Castro, s/n – Bairro: Muritiba	Telefone: (73) 3534-2430
<b>Cidade:</b> Jaguaquara	<b>Estado:</b> BA
<b>Dep. Adm.:</b> (X) Estadual ( ) Municipal ( ) Conveniada	WWW.erte.com.br

**MATRIZ CURRICULAR – 5ª À 8ª SÉRIE – ENSINO FUNDAMENTAL REGULAR - DIURNO**  
ADAPTAÇÃO À LEI Nº 9.394/96 E À RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 02/98  
ANO 2011

Dias Letivos: 200		Semanas Letivas: 40		Dias Semanais: 05		Nº de H/aula p/dia: 05										
BASE NACIONAL COMUM										PARTE DIVERSIFICADA					C/H Semanal	C/H Anual (H/aula)
Áreas de Conhecimento	Língua Portuguesa	Matemática	Ciências	Geografia	História	Artes	Educação Física	Educação Religiosa	Ling. Estrangeira Moderna (Inglês)	Eixos Temáticos						
										Linguagens e Comunicação	Meio Ambiente	Ciência e Tecnologia	Identidade e Cultura	Cidadania		
<b>Aspectos da Vida Cidadã</b>																
<b>Saúde</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>Sexualidade</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>Vida Familiar e Social</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>Meio Ambiente</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>Trabalho</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>Ciência e Tecnologia</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>Cultura</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>Linguagens</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
<b>CARGA HORÁRIA POR ÁREAS DE CONHECIMENTO</b>																
<b>5ª SÉRIE</b>	4	4	3	3	3	2	2	Atv.	2		2				25	1000
<b>6ª SÉRIE</b>	4	4	3	3	3	2	2	Atv.	2				2		25	1000
<b>7ª SÉRIE</b>	4	4	3	3	3	2	2	Atv.	2					2	25	1000
<b>8ª SÉRIE</b>	4	4	3	3	3	2	2	Atv.	2			2			25	1000
<b>TOTAL GERAL</b>	16	16	12	12	12	8	8	–	8		2	2	2	2	100	4000

OBSERVAÇÃO

**Modalidades de Esporte:**

Como se trata de uma escola residencial com Pedagogia de Alternância, as aulas esportivas acontecem diariamente, das 16:30h às 18h com os educandos do 1º ano à 4ª série e das 17h às 19h com os educandos das 5ª e 6ª séries.

## ANEXO C – Calendário escolar 2011



**Escola Estadual Rural Taylor-Egídio**  
 Av. Aloísio de Castro, s/n - Muritiba - Jaguaquara - Bahia  
 Fone: 73-3534-2430 - www.erte.com.br  
 Autorizada pela Portaria nº. 1327 - D.O. de 25-01-01  
 Dep. Adm. Estadual - Direc 13 - Jequié-Ba  
 Código da U.E. - 76945  
 CNPJ 13937065/0001-00



## CALENDÁRIO ESCOLAR COM ATIVIDADES PREVISTAS 2011

### Janeiro

28, 29 e 30 – Planejamento Pedagógico e arrumação da escola para recebimento dos alunos  
 31 - **Chegada do 1º grupo**  
 31 – **Início do ano letivo**

### Fevereiro

25 e 26. – Dia do ex-aluno e do ex-funcionário  
 26 – Celebração dos 10 ANOS DA ERTE  
 27 - Dia do Idoso

### Março – Enfoque à NÃO VIOLÊNCIA e à vivência em comunidade.

01 – **Saída do 1º grupo**  
 08 - Dia Internacional da Mulher  
 08 – Carnaval  
 12 - Dia da Biblioteca  
 14 – **Chegada do 2º grupo**  
 14 - Dia da Poesia  
 15 - Dia do Circo  
 27 - Dia Mundial do teatro

### Abril – Enfoque ao valor da leitura.

01 - Dia do engano  
 07 - Dia Mundial da Saúde  
 16 – **Saída do 2º grupo**  
 18 - Dia Nacional do Livro Infantil  
 19 - Dia do Índio  
 21 - Dia de Tiradentes e Fundação de Brasília  
 22 - Dia da Terra  
 22 - Descobrimento do Brasil  
 22 a 24 – Páscoa  
 25 – **Chegada do 1º grupo**  
 27 - Dia da Secretária Doméstica

### Maió – Enfoque ao lar e às relações domésticas.

01 - Dia do Trabalho  
 05 - Dia das Comunicações e da matemática  
 07 - Dia do Silêncio

*Luizana Pereira Souza*  
 Coordenadora de Educação Básica  
 Cel. 11.503.351-4 Doc sin D.O. 24/10/09  
 DIREC 13 - JEQUIÉ - BA



- 08 - Dia do Pintor
- 08 - Dia das Mães
- 13 - Abolição dos escravos
- 18 - Aniversário de Jaguaquara
- 21 - Dia da Língua Nacional
- 21 - Saída do 1º grupo**
- 24 - Feriado Municipal
- 24 - Chegada do 2º grupo**
- 25 - Dia do Trabalhador Rural

**Junho** – Enfoque à cultura regional e culminância parcial do Projeto VERDE VIDA

- 05 - Dia da Ecologia
- 07 - Dia da Liberdade de Imprensa
- 19 - **Reunião de pais com cursos- Festa caipira**
- 19 - **Início do recesso junino**
- 19 - Saída do 2º grupo**  
Festa Caipira dos Funcionários da ERTE
- 23 - Corpus Christi

**Julho** - Enfoque à amizade.

- 02 - Independência da Bahia
- 04 - **Retorno do recesso junino**
- 04 - Chegada do 1º grupo**
- 20 - Dia Internacional do Amigo
- 26 - Dia dos avós

**Agosto** – Enfoque ao valor do estudo.

- 01 - Dia do Selo
- 02 - Dia do Carteiro
- 04 - Saída do 1º grupo**
- 08 - Chegada do 2º grupo**
- 11 - Dia do Estudante
- 14 - Dia dos Pais
- 22 - Dia do Folclore
- 25 - Dia do Soldado

**Setembro** – Enfoque ao sentimento de patriotismo.

- 03 - Saída do 2º grupo**
- 07 - Independência do Brasil
- 08 - Dia Internacional da Alfabetização
- 08 - Chegada do 1º grupo**
- 21 - Dia da Árvore
- 22 - Início da Primavera

**Outubro** – Enfoque à criança e ao profissional da educação

- 07 - Saída do 1º grupo**
- 12 - Dia da Criança
- 13 - Chegada do 2º grupo**
- 15 - Dia do Professor

22 - Dia da Higiene Dentária  
28 - Dia do funcionário público  
22 a 31 - Enfoque ao Livro

**Novembro** – Enfoque à leitura e à escrita.

02 - Finados

**11 – Saída do 2º grupo**

15 - Proclamação da República

**16 – Chegada do 1º grupo**

19 - Dia da Bandeira

22 - Dia da Música

**25 - Saída do 1º grupo**

**29 – Chegada do 2º grupo**

**Dezembro** – Enfoque ao Natal de Jesus Cristo.

12 – Chegada dos formandos da 4ª série

14 - Dia Internacional dos Direitos Humanos

**16 – Saída do 2º grupo**

**16 - Formatura da 4ª série e Reunião geral com pais**

Confraternização dos funcionários

25 - Natal de Jesus Cristo

**OBSERVAÇÃO:** A Escola Estadual Rural Taylor-Egídio é uma Unidade de Ensino residencial. Trata-se de uma Escola Rural que funciona na modalidade pedagógica de alternância. Os educandos passam 30 dias imersos na educação formal, na escola, e 30 dias com atividades didáticas e agrícolas, em suas moradias, na zona rural. São 500 educandos divididos em dois grupos de 250 cada.

**Recuperações:** As recuperações são realizadas paralelamente ao período letivo. Após o Conselho de Classe de cada bimestre, medidas pedagógicas são tomadas no sentido de oferecer aos educandos oportunidades de novas construções do conhecimento.



## ANEXO D – Calendário das alternâncias

Diretora

**ALTERNÂNCIA DO ALUNADO - 2011****1º PERÍODO**

- 1º Grupo – Entrada: 31 de janeiro  
Saída: 1º de março  
TOTAL DE DIAS = 30
- 2º Grupo – Entrada: 14 de março  
Saída: 16 de abril  
TOTAL DE DIAS = 33

**2º PERÍODO**

- 1º Grupo – Entrada: 25 de abril  
Saída: 21 de maio  
TOTAL DE DIAS = 27
- 2º Grupo – Entrada: 24 de maio  
Saída: 19 de junho  
TOTAL DE DIAS = 27

**3º PERÍODO**

- 1º Grupo - Entrada: 04 de julho  
Saída: 04 de agosto  
TOTAL DE DIAS = 31
- 2º Grupo - Entrada: 08 de agosto  
Saída: 03 de setembro  
TOTAL DE DIAS = 27

**4º PERÍODO**

- 1º Grupo - Entrada: 08 de setembro  
Saída: 07 de outubro  
TOTAL DE DIAS = 30
- 2º Grupo - Entrada: 13 de outubro  
Saída: 11 de novembro  
TOTAL DE DIAS = 30

**5º PERÍODO**

- 1º Grupo - Entrada: 16 de novembro  
Saída: 25 de novembro  
TOTAL DE DIAS = 10
- 2º Grupo - Entrada: 29 de novembro  
Saída: 16 de dezembro  
TOTAL DE DIAS = 18

Total de dias letivos:

- 1º grupo: 128 que equivale a 256 dias letivos  
2º grupo: 135 que equivale a 270 dias letivos

Jaguaquara, 13 de dezembro de 2010.

*Sonilda Sampaio Santos Pereira*  
Diretora



## ANEXO E – Planilha fornecimento de bens, materiais e serviços

FUNDESCOLA

ORDEM DE COMPRAS/SERVIÇO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - BANCO MUNDIAL

PESQUISA Nº \_\_\_\_\_

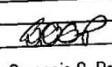
UNIDADE CONTRATANTE Escola Estadual Rural Taylor- Egidio

PROPONENTE VENCEDOR Cult Comércio e Distribuidora de Livros Ltda

Autorizamos o Fornecimento dos Materiais conforme a planilha abaixo, em razão de o proponente acima ter apresentado uma proposta adequada e de menor preço. O fornecimento/execução obedecerá às condições formuladas na planilha de Pesquisa de Preços.

BENS, MATERIAIS OU SERVIÇOS					
Nº	DISCRIMINAÇÃO	Unid.	Quant.	Preço Unitário do item (R\$)	Preço Total do item
1	Alfabetização e form. de professores.	Unid.	1	R\$ 39,00	R\$ 39,00
2	Alfabetização tec. do professor.	Unid.	1	R\$ 21,60	R\$ 21,60
3	Alfabet.: métodos sociolinguístico	Unid.	1	R\$ 31,00	R\$ 31,00
4	Aprendizagem em matemática	Unid.	1	R\$ 36,90	R\$ 36,90
5	Avaliação da aprendizagem escolar	Unid.	1	R\$ 11,50	R\$ 11,50
6	Caminhos da aprend. de Jean Piaget	Unid.	1	R\$ 45,00	R\$ 45,00
7	Caminhos da aprend. de Jean Piaget	Unid.	1	R\$ 14,00	R\$ 14,00
8	Coordenador ped. e a form. docente	Unid.	1	R\$ 22,70	R\$ 22,70
9	Coordenador ped. e o cotid. da escola	Unid.	1	R\$ 26,50	R\$ 26,50
10	Coord. ped. e questões da contempora	Unid.	1	R\$ 7,90	R\$ 7,90
11	Coord. ped. e a educação continuada	Unid.	1	R\$ 33,90	R\$ 33,90
12	Dez lições de psicologia e pedagogia	Unid.	1	R\$ 26,00	R\$ 26,00
13	Dificuld. de aprend. em leit. e escrita	Unid.	1	R\$ 40,90	R\$ 40,90
14	Do mundo da leit. para a leit. do mundo	Unid.	1	R\$ 19,00	R\$ 19,00
15	Educação como política pública	Unid.	1	R\$ 44,90	R\$ 44,90
16	Ensino de língua portuguesa	Unid.	1	R\$ 39,50	R\$ 39,50
17	Escola: espaço do proj. político-pedag	Unid.	1	R\$ 41,00	R\$ 41,00
18	Gramática e interação	Unid.	1	R\$ 49,00	R\$ 49,00
19	História das idéias pedagógicas	Unid.	1	R\$ 30,00	R\$ 30,00
20	Leitura na escola e na biblioteca	Unid.	1	R\$ 37,90	R\$ 37,90
21	Linguagem e o outro no esp. escolar	Unid.	1	R\$ 36,00	R\$ 36,00
22	Mais alfabetização	Unid.	1	R\$ 27,00	R\$ 27,00
23	Na vida dez na escola zero	Unid.	1	R\$ 27,00	R\$ 27,00
PREÇO TOTAL (R\$)					

6 Nome Sonilda Sampaio Santos Pereira Cargo Diretora

8 Local e Data Jag. 05.05.10 Assinatura 

Sonilda Sampaio S. Pereira  
DIRETORA  
AUT. 13.01168/02 - VAL.11-03-2011

## ANEXO F – Hino da ERTE

REGIMENTO ESCOLAR

04

HINO DO PROJETO PERMANENTE  
DA ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO



**MORA NA ROÇA É PRA LÁ DE BOM!**

Música: "Festa na Roça" de Leonardo e Leonardo  
Letra: Maria Gasbarré

Morar na roça é coisa muito boa,  
Sei o que digo, eu não falo à toa.  
A vida é simples, lá é diferente,  
Mas a Natureza só faz bem, à gente.

Plantamos roça de milho e feijão,  
Fedimos chuva pra molhar o chão.  
Fogão a lenha é o que não falta lá  
E é tão gostoso pra nós esquentar.

Eu moro na roça, na zona rural;  
Lá eu planto e colho, subo no curral,  
Lá tem sanfoneiro que não erra o tom.  
Ahh! Morar na roça é pra lá de bom!



Escola Estadual Rural Taylor-Egídio  
Av. Manoel de Barros, s/nº, Vila Maria,  
Aramari, Paraíba CEP: 57.170-000  
Diretor: Prof.ª Jandir Gurgel

REGIMENTO ESCOLAR

05

É tão gostosa a casa de farinha!  
A gente cria porco e galinha.  
Tem sombra boa embaixo da jaqueira;  
Eu tiro goiaba e subo na mangueira.

A gente caça e pesca pra valer;  
Banho de rio só nos dá prazer;  
Tem tanta estrada pra se caminhar,  
Tem grilo cantando e sapo a coaxar.

E, de manhãzinha, ao raiar o dia,  
É tão bom ouvir o galo cantar;  
E, de tardezinha, quando o sol se põe,  
Tanta ave canta pra se agasalhar.



Escola Estadual Rural Taylor-Egídio  
Av. Manoel de Barros, s/nº, Vila Maria,  
Aramari, Paraíba CEP: 57.170-000  
Diretor: Prof.ª Jandir Gurgel



## ANEXO H – Depoimento Ex- aluno

**Escola Estadual Rural Taylor-Egídio  
Jaguaquara – Bahia**

DIA DO EX-ALUNO DA ERTE 2010 – DATA: 21 de fevereiro de 2010

NOME Naiara dos Santos Brazão

IDADE 13 anos ANO QUE SAIU DA ERTE 2005

**ENDEREÇO ATUAL**

Rua Joaquim Nery, N.º 514; Jaguaquara - BA

ESTUDA ATUALMENTE? (  ) SIM (  ) NÃO

QUAL A SÉRIE ATUAL? 1.º ano do Ensino Médio

**NOME DA ESCOLA ATUAL**

Egídio Taylor - Egídio

**JÁ ACEITOU JESUS CRISTO COMO SALVADOR DE SUA VIDA?**

(  ) SIM (  ) NÃO

FREQUENTA ALGUMA IGREJA? (  ) SIM (  ) NÃO

QUAL? Igreja Batista

**QUAL FOI SUA MAIOR EXPERIÊNCIA NA ERTE?**

Podem me relacionar com profissionais maravilhosos, confiando sempre nelas. Foi maravilhoso também poder aprender sempre um pouco mais sobre Deus. Foi bom também poder aprender flauta e, por fim, ter recebido a bolsa de estudos, que prorroga todo o meu esforço e dedicação aos meus estudos.

**QUAL SEU PLANO PARA O FUTURO?**

Eu pretendo continuar estudando, cursar uma faculdade e ajudar minha família. Quero também estar sempre na graça de Deus, servindo e glorificando o nome Dele cada dia mais. Quero poder dar sempre exemplo às pessoas que confiam em mim.

## ANEXO I – Programa de Formação Continuada dos docentes



ESCOLA ESTADUAL RURAL TAYLOR-EGÍDIO – DIREC 13

DE 2001 A 2011- 10 ANOS

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS DOCENTES

Projeto de extensão da UESB: Demandas da Pedagogia de Alternância

PARTICIPANTE: \_\_\_\_\_

**TEMAS ELENCADOS:**

1. História da ERTE: Fonte [WWW.erte.com.br](http://WWW.erte.com.br) Pesquisa individual! Projeto do 1º período de cada grupo de 2011.
2. Sobre a Ciência e o Mundo Moderno – O professor pesquisador. O aluno pesquisador.
3. Pedagogia de Alternância e Paulo Freire
4. Educação Integral: Henri Wallon, o educador integral
5. \_\_\_\_\_
6. \_\_\_\_\_
7. \_\_\_\_\_
8. \_\_\_\_\_
9. \_\_\_\_\_
10. \_\_\_\_\_

**DOCENTE:**

1. Revisar sempre o TERMO DE COMPROMISSO assinado e anexado nesta pasta;
2. Estar comprometido (a) com as atividades dos 10 ANOS DA ERTE e envolver seus alunos;
3. Estudar para teorizar a prática e praticar a teoria;
4. NÃO É CULTURA DE PASSAR E PERDER DE ANO. Isso não existe!
5. Organizar os módulos que os alunos levarão para casa no final de cada mês com: capa, tema do mês e cópias (ou similares) das atividades que já foram aplicadas em sala de aula. Entregar para a encadernação 8 dias antes da saída do grupo;
6. Cobrar o retorno das atividades para serem corrigidas em sala de aula, inclusive como avaliação;
7. Cada aluno terá uma pasta, ou caixa, ou classificador (a critério dos docentes da turma) e os docentes organizarão as atividades diárias, durante todo o ano e, em dezembro, na festa de encerramento, entregarão a PASTA DO ANO a cada aluno;
8. Os docentes são os responsáveis pela organização da sala bem como pelas "providências" da limpeza;
9. Providenciar as identidades dos alunos da 4ª, 5ª e 6ª séries;
10. Os responsáveis por cada sala planejarão os **PROJETOS DE VIVÊNCIAS** tão defendidos pela Pedagogia de Alternância. Não pode haver projeto do professor A ou B, mas dos professores da turma. Trabalho dicotomizado, sem relação entre os docentes é um **GRANDE MAL, UMA DESEDUCAÇÃO** para os alunos.
11. Noites **SEM TV**. Para as noites os docentes aplicarão atividades relacionadas aos assuntos trabalhados no matutino e no vespertino. As atividades da noite serão exercícios para serem feitos pelos alunos para serem corrigidos no dia seguinte



# APÊNDICE

## APÊNDICE A – TABULAÇÃO DOS DADOS DE ANÁLISE

<b>1. Quais os problemas mais frequentes durante o processo de alfabetização?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
acompanhamento dos pais	3	20,00%
falta de interesse	5	33,33%
incentivo dos pais	3	20,00%
defasagem idade-série	3	20,00%
leitura e escrita	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>2. Quais as alternativas para sanar as dificuldades encontradas?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
valorização	1	6,67%
ambiente alfabetizador	4	26,67%
adaptar à realidade	3	20,00%
autoestima	1	6,67%
conscientização	2	13,33%
teoria e experiência	1	6,67%
agrupar por idade	3	20,00%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>3. Quais as atividades realizadas na sala de aula para construção do conhecimento?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
leituras	4	26,67%
sem resposta	2	13,33%
realidade do aluno e lúdico	1	6,67%
socialização	1	6,67%
realidade do aluno	5	33,33%
atividades práticas	1	6,67%
lúdico	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>4. Quais os objetivos das visitas dos professores na residência dos alternantes?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
conhecer a realidade rural	10	66,67%
acompanhar as atividades	3	20,00%
valorização saberes rurais	1	6,67%
sem resposta	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>5.1 Quais os pontos positivos para desempenhar sua função na proposta pedagógica da ERTE?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
Formação Continuada	5	33,33%
Crescimento profissional e pessoal	1	6,67%
Metodologia	1	6,67%
Convívio	6	40,00%
Paulo Freire	1	6,67%
Humanização	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>5.2 Quais os pontos negativos para desempenhar sua função ?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
sem resposta	7	46,67%
Instabilidade no trabalho	4	26,67%
Recursos financeiros	1	6,67%
Falta de equipamentos	1	6,67%
Salas cheias	1	6,67%
Falta de apoio familiar	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>6. Como você define a criança e o adolescente do campo?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
sujeito de possibilidades	5	33,33%
agente construtor	2	13,33%
ser da estranheza	1	6,67%
sujeito transformador	2	13,33%
sujeitos de superação	1	6,67%
sujeitos carentes de afeto	1	6,67%
sujeito de valores	2	13,33%
sujeito de poucas oportunidades	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>7. Para você como a criança e o adolescente do campo se desenvolve e aprende?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
afetividade	1	6,67%
participação e envolvimento	2	13,33%
lúdico	2	13,33%
conhecimento da realidade	4	26,67%
estímulo	1	6,67%
respeito e valor	3	20,00%
transformando a realidade	1	6,67%
sem resposta	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>8. Qual material ou recurso didático mais utilizado na sua sala de aula?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
atividades lúdicas	6	40,00%
materiais significativos	3	20,00%
livros	4	26,67%
sem resposta	1	6,67%
internet	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>9. Você considera a cartilha um recurso indispensável para o processo de alfabetização da criança e do adolescente do campo.</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
Não. Porque não condiz com a realidade.	8	53,33%
Sim. Constrói conhecimento	1	6,67%
Não. Porque não é significativo.	4	26,67%
Não. Porque há outros recursos.	1	6,67%
sem resposta	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>10. Como você define o processo de alfabetização da escola?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
sócio interacionista	1	6,67%
planejado	2	13,33%
compensador	1	6,67%
gradativo ao desenvolvimento	3	20,00%
reais interesses culturais	5	33,33%
não limitado	1	6,67%
progressista e libertadora	1	6,67%
sem resposta	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>11. Como você articula, no processo de ensino e aprendizagem, a teoria do conhecimento de Paulo Freire à prática da pedagogia da alternância, nesta unidade escolar?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
envolvendo a realidade	9	60,00%
valorização cultural	1	6,67%
troca criadora e recriadora	1	6,67%
prática freiriana	1	6,67%
autonomia	1	6,67%
educação permanente	1	6,67%
sem resposta	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>

<b>12. Que tipo de avaliação você utiliza para acompanhar as evoluções ou as dificuldades de seus alunos durante o processo de aquisição da lecto escrita?</b>		
<b>RESPOSTAS CATEGORIZADAS</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM VALORES ABSOLUTOS)</b>	<b>Nº DE EDUCADORES (EM PORCENTAGEM)</b>
integral	1	6,67%
processual	7	46,67%
contínua	6	40,00%
sem resposta	1	6,67%
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>100%</b>